

Índice

Introdução,	1
1 – Teorias da individualização e da sociedade em rede,	2
1.1. – O conceito de individualização revisitado,	2
1.1.1. – Sociedade do envelhecimento,	4
1.1.2. – Sociedade do conhecimento: as adições,	5
1.2. – A sociedade em rede lançada universalmente,	7
1.3. – Actores agrupados em desenhos socialmente reticulares,	9
1.4. – Dar apoio nas redes de parentesco e sociais,	12
2 – A temática em estudo e o seu modelo,	15
3 – Os procedimentos metodológicos,	17
4 – Trama em que o campo analisado se movimenta,	19
4.1. – Famílias Anónimas na matiz organizacional,	19
5 – Apresentação dos entrevistados,	21
5.1. – Os entrevistados,	21
5.2. – Tipos de família nas dimensões analíticas,	21
6 – Análise dos resultados,	27
6.1. – Configuração das redes,	27
6..2. – Famílias Anónimas: substituto funcional de família?,	33
6.3. – Intensidade das reconfigurações,	35
Conclusões,	39
Referências bibliográficas,	XLIV
Anexo A – Modelo de análise baseado na teoria,	XLIX
Anexo B – Famílias Anónimas e os capitais económicos e culturais,	LI
Anexo B – Famílias Anónimas e o compasso nas reuniões,	LIV
Anexo C – Famílias Anónimas e a matéria programática,	LVI
Anexo D – Guiões das entrevistas semidirectivas,	LIX
Anexo E – Caracterização dos entrevistados,	LXIV
Anexo F – Genealogias-tipo dos entrevistados,	LXXV
Anexo G – Mapas das redes-tipo dos entrevistados,	LXXXI
Anexo H – Linhas da vida-tipo dos entrevistados,	LXXXVII

Resumo

Este texto apresenta os principais resultados de uma investigação que estudou as redes sociais dos elementos das Famílias Anónimas (FA), o lugar das FA nestas redes e o modo como estas pessoas foram reconfigurando as suas redes. No contexto destas três questões fizeram-se diversas construções ideal-típicas. Na apresentação dos entrevistados lançaram-se cinco tipos de família: paralelo, fusional assimétrico, companheirismo, confluyente e associação. Ao falar-se das redes dos elementos das FA discutiram-se ainda cinco tipos de redes que são as redes lassas, casualistas, prováveis, imediatistas e expressivas. Além disso, quando se pensou no lugar das FA, através dos conceitos de *bridging* e *binding*, descobriram-se quatro modos de as viver e ver: redes associativas, afínicas, mistas e familistas. Finalmente, construíram-se cinco tipos de reconfigurações das redes: reconfigurações de estigmatização, contingentes, de padrão semi-mantido, de vinculação média e forte. Concluiu-se, usando a construção ideal-típica, que as respostas a estas perguntas passam pela existência de grande hibridéz, dependendo contudo dos capitais económicos e culturais que produzem reprodução social.

Abstract

This text analyses the main elements of a research which studied social networks of the elements of Anonymous Families (AF), the place of AF in those networks, and the way people reconfigured their networks across their lives. In the context of these three questions, we made various typical constructions. When presenting the social actors we set out five types of families: parallel, asymmetric fusion, partnership, confluent and association. Concerning the networks of the elements of AF we discussed also five types of networks, which are flabby, casual, probable, immediate, and expressive networks. Moreover, when we thought about the place of AF we discussed the concepts of bridging and binding social capital in AF and we discovered four ways of living with and seeing it: associative, affinity, mixed and familial networks. Finally, thinking about the reconfigurations of the networks we constructed five types too: labelled, contingent, half maintained pattern reconfigurations and reconfigurations of medium and strong linkage. We concluded, using the typical construction, that the answers to these three questions feature a great diversity. However, they depend on the economic and cultural capitals, which produce a social reproduction.

Introdução

Fénix todos os anos fazia uma fogueira com ervas aromáticas no seu ninho e ali se mantinha. Das suas cinzas, surgia um Fénix renascido que renovava e simultaneamente dava continuidade à espécie. Também os membros das Famílias Anónimas (FA) renascem das cinzas.

No âmbito da dissertação de mestrado que ora se apresenta efectuou-se uma investigação em que foram equacionadas três perguntas-de-partida: como são constituídas as redes sociais dos elementos que frequentam as FA? Qual o lugar das FA nas redes destas pessoas? Como é que as pessoas das FA foram reconfigurando as suas redes ao longo das suas vidas?

Que espaços e sujeitos observar? Pensámos que seria uma mais valia assistir às reuniões das FA que decorrem na Igreja São João de Deus e nas Casas São Vicente de Paulo. Nas salas de reuniões encontram-se indivíduos com capitais sociais, culturais (escolarmente comprovados ou não) e económicos muito distintos. Ao escolhermos estes dois locais de reuniões partimos do pressuposto de que iriam espelhar a pluralidade das redes sociais dos membros das FA, funções das FA e reconfigurações das redes e, mais particularmente, das famílias dos adictos, bem como destes, quer dos que consumiam, quer dos que tinham deixado os consumos. Considerámos, então, que a construção ideal-típica seria principalmente útil para mostrar as diferenças nestas três matérias, que têm sido objecto de poucas teorias que incidam neste ângulo, no que concerne não somente às famílias dos adictos como às FA. Efectivamente, não encontramos nenhum trabalho aturado que explorasse a heterogeneidade das redes sociais das mães e pais de adictos ou os grupos de auto-ajuda das FA com todas as suas especificidades.

Num primeiro momento, propõe-se nesta dissertação de mestrado fazer uma súpula dos autores, conceitos e contributos que utilizámos na investigação das redes FA. Seguidamente, detalhamos os conceitos, dimensões e indicadores que se incluem no modelo de análise. Como a metodologia se ajustou ao objecto? Como aquela explicita o que foi proposto? Quais as *démarches*? São algumas questões a que procuramos responder também. Descreve-se ainda sumariamente o modelo organizacional das FA. Depois, passamos à análise empírica que se subdivide em apresentação dos entrevistados e análise dos resultados. Finalmente, são apresentadas as conclusões que propõem uma última articulação entre o quadro teórico de referência e a análise empírica anteriormente formulados.

A problemática não foi equacionada partindo de uma óptica única pois as mesmas redes reclamam uma visão sistémica e interactiva por força da intervenção de diversos factores e de diversos pensamentos em redor do tema. No caminho desenhado arriscou-se ir um pouco mais longe, tentando criar novos cenários de sentido e de conhecimento, aspirando, também aqui, a fazer renascer a discussão sobre as redes sociais.

1. Teorias da individualização e da sociedade em rede

Propomos agora fazer uma súmula das teorias pertinentes para o quadro teórico de referência que abordam, de um lado, o conceito de individualização e, de um outro lado, a sociedade em rede nas palavras de Castells (2002).

1.1. O conceito de individualização revisitado

Muitos autores têm analisado a modernidade ou a sociedade (industrial) do risco, ou a cultura do risco na letra de Lash (2000: 47), por comparação à passada sociedade industrial. Esta sociedade está exposta a um conjunto de riscos ou perigos¹ (sociais, políticos, ecológicos e individuais) que constituem a forma moderna de controlar as futuras consequências da acção e mudam a vida dos actores sociais, pois pressupõem decisões que eram levadas a cabo através de normas invalidadas pela sociedade mundial (Beck, 1999; Giddens, 1989; Lash, Szerszynski e Winne, 1996; Lash, 2000). Para estes autores, na modernidade os conceitos tradicionais de destino podem ainda ser formulados mas chocam com o panorama actual, no qual o risco parece configurar-se como um elemento central. Assim, até as formas mais tradicionais da vida impõem essas tomadas de decisão que criam ansiedade e insegurança. A globalização está relacionada com a presente fase da história ou com as “modernidades globais” (Featherstone, Lash e Robertson, 1995: 3) ou com a *pluralização da modernidade* (Beck, 1999: 3).

Para Beck e Beck-Gernsheim (2001: 2) os domínios do cosmos e dos deuses foram transferidos para o âmbito da conduta da vida privada da qual emergem os problemas e as resoluções que se lhes encontram. Deste modo, as crenças mágicas, animistas e realistas originaram a individualização que assenta na moldagem e decisão individual de seres humanos que anseiam ser os criadores da sua própria vida e da sua identidade. A ética do preenchimento e alcance pessoal seria a corrente essencial da modernidade.

Os autores (2001: 23-27) destacam certos elementos mais sobressalientes da existência na modernidade. Primeiro, o desenvolvimento do estado-nação leva ao inerente desenvolvimento da individualização com o paradoxo do “individualismo institucional”, vendo os actores como detentores de regalias que permitem a organização de suas próprias vidas. Segundo, as biografias standard originam biografias de risco, preferidas, confusas ou deprimidas e sucessivamente construídas que podem, contudo, não resultar bem sucedidas (Beck, 1992, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2001; Giddens, 2007). Realmente, as biografias electivas, reflexivas, faça você mesmo, podem transformar-se em biografias esgotadas (Beck, 1999; Beck e Beck-Gernsheim, 2001), não havendo espaço para o que antes se definia através da racionalidade². Terceiro, apesar das *guidelines* institucionais e inseguranças, a *life of one's own* é induzida à acção até no fracasso, é uma vida reflexiva que impele à reflexão social motivada pelas contradições na informação, conversas, acordos e compromissos.

¹ Para Giddens (1988) as dimensões-chave da modernidade ou as dimensões institucionais da modernidade são a transformação da natureza, a propriedade privada, a vigilância e a violência militar.

² Sobre o assunto da escolha racional ver Coleman e Fararo (1992)

Quarto, as tradições são criadas e escolhidas, tendo somente importância através da experiência e decisão próprias. Quinto, a cultura não é doravante delimitada pela tradição, mas um capital livre que alenta a individualização. Na letra de Giddens (1996: 25-31) as práticas sociais são vistas e reavaliadas tendo em conta o conhecimento alcançado com essas mesmas práticas, alterando o seu carácter constitutivo. O pensamento e a acção são continuamente refractados um sobre o outro, de acordo com o conceito de *controlo reflexivo da acção*.

As práticas generalizadas de manutenção de confiança, que tentariam colmatar os riscos da reflexividade e violência humana, estão expressas nos “sistemas abstractos” que pretendem uma menor indefinição do espaço-tempo, no “pensamento contratual e orientado para o futuro” que relaciona passado e presente e nas “relações pessoais” que harmonizam os laços sociais (Giddens, 1996: 70). Vamos explicar os três riscos em articulação com as respectivas três práticas. Segundo o autor (1996: 27, 71-72), as interacções nas sociedades tradicionais usavam como referência o espaço que não fora transformado em relações distantes no espaço-tempo. A rotinização do quotidiano é distinta, não se relacionando com o passado. A inexistência de um contrato inicial de confiança motivaria uma falta de segurança que não existia na pré-modernidade, pois a rede de parentesco traria consigo um modelo estável de relacionamento no tempo e espaço³. As pessoas celebram acordos para terem experiências de confiança, mas mesmo esses podem visar o distanciamento como é um exemplo o “alheamento cortês”. A “relação pura” seria um tipo-ideal dos modernos círculos do tempo pessoal, teria de afastar a influência das mudanças e circulações externas, tendo que conter uma reflexividade própria e os modos próprios de ordem íntima referencial (Giddens, 1989, 1991).

Beck, Giddens e Lash (2000: 109) têm discutido o conceito de individualização ou a importância do indivíduo num mundo fugitivo que é decorrente da “modernização reflexiva”, onde teria ocorrido uma falência das estruturas comunais que se teriam transformado em estruturas colectivas, nas quais os laços anteriores teriam sido quebrados e a noção de grupo era firmada num conjunto de elementos vagos e atomizados. A colectividade esperava o anonimato e a impessoalidade das interacções sociais e procurava conseguir menos partilha de *interesses*, enquanto na comunidade se queria que houvesse uma partilha de *significados*. O processo de individualização não significa individualismo mas abrange este conceito (Beck, 1999: 9, 74-75).

Este processo é abordado por outros analistas, nomeadamente por sociólogos da família que trabalham as questões do individualismo não deixando de reforçar a importância da família. Conforme notou Singly (1996: 13-14, 21), as sociedades modernas não baniram as dependências e interdependências. A família é uma maneira de ajudar os indivíduos a encontrarem-se, sendo assim o cerne do aperfeiçoamento dos mesmos indivíduos através do amor e da confiança e resultando crescentemente na demonstração de caracteres latentes. Nessa senda, relaciona esta teoria com o mito de Pigmalião que se apaixonou por uma estátua construída por si com quem acabou por casar. Pigmalião personifica a vontade da revelação de si que assenta na alegria dada à amada, sendo esta mais autêntica.

³ Sobre as noções de tempo e espaço nas sociedades modernas, ver Innis (1951).

1.1.2. Sociedade do envelhecimento

A nova construção social (e antagonismo) do envelhecimento traz consigo, de um lado, o enfoque dado à questão global e, de um outro, a individualização dos diversos riscos que se relacionam com o percurso de vida. A tensão entre estas duas vertentes poderá lançar os parâmetros em torno dos quais é construído o futuro do envelhecimento (Vincent, Phillipson e Downs, 2006: 202).

Nas últimas duas a três dezenas de anos, um fenómeno surgiu no mundo desenvolvido – o envelhecimento demográfico. O que se entende por “envelhecimento demográfico”? Num primeiro plano, convém debruçar dois tipos de envelhecimento: o *envelhecimento no topo* e o *envelhecimento na base*. O envelhecimento no topo ocorre quando o valor dos idosos sobe de tal modo que atinge os 18% (como é o caso da Suécia). O segundo tipo de envelhecimento ocorre quando o valor dos jovens na sociedade passa para valores inferiores a 20 % (caso da Itália, Dinamarca, Alemanha, Bélgica, Portugal, etc.). Num segundo plano, a causa mais importante do envelhecimento demográfico foi o decréscimo da natalidade que se verificou a partir dos anos setenta – altura em que uma grande parte dos países desenvolvidos não voltou a renovar as gerações (Fernandes, 1995, 1997).

No presente, o envelhecimento é um fenómeno global importante. No mundo desenvolvido todos aqueles que são ‘novos’ podem esperar que virtualmente se transformarão em velhos (Timonen, 2008: 3). As discriminações contra os idosos são fundamentadas no preconceito que provém da ideia de que são diferentes, são ‘outros’ – intrínseca a essa percepção de ‘outro’ está a noção pressuposta de que nunca serão assim. Mas, neste caso específico estas pessoas irão chegar lá, a não ser que morram primeiro, e a falta de capacidade para o encarar torna esta discriminação calmante. Apesar disso quando envelhecerem também serão idosos (Cann e Dean, 2009: 104-105). Bengtson, Schaie e Burton (1995: 148-149) concluíram, através do projecto AGE que investigou vários pontos do *mapa mundi*, que a ideologia da família e os modelos de vida familiar são distintos, bem como a maneira de encarar e tratar os idosos.

Entretanto, se prestarmos atenção ao modo como as desigualdades são estruturadas através de um leque de processos sociais, económicos e culturais damos voz a quem é afectado pelas mesmas. Encontramos outras diferenças na população idosa como sejam a idade, género, etnia, classe social, estado de saúde e local de residência⁴. Esta perspectiva contrasta com uma outra que – propositadamente ou não – homogeneiza a pessoa idosa (Cann e Dean, 2009: 27). Vários analistas têm notado a importância da classe social, estado civil, género, etnia, etc. na criação de contextos de qualidade de vida que fazem com que os idosos se diferenciem através do diferente traçado destes processos sociais e individuais (Walker, 2005: 29-44, por exemplo). Já para não falar nas condições subjectivas de bem-estar, que são uma alternativa a estes indicadores mais objectivos, das quais também é sublinhada a importância no mesmo âmbito (Bond e Corner, 2004: 109-110). Conclui-se assim que o envelhecimento apesar de ser universal é também heterogéneo (Attias-Donfut, 1995; Cann e Dean, 2009; Fernandes, 2001; Timonen, 2008; Vincent, Phillipson e Downs, 2006; Walker, 2005).

⁴ Sobre as especificidades da faceta dos idosos que entraram na pré-reforma francesa, ver Legrand (2001)

Os idosos começam o seu percurso a partir dos 60 ou 65 anos. Existem, no entanto, diversos modos de definir idade, como sejam cronológica, biológica, psicológica ou sociocultural. Em resumo, é crucial entender que não existe uma correcta e fixa definição de idoso, todas as definições são incompletas e as mais frequentes são várias vezes arbitrárias (Timonen, 2008: 8).

Os idosos estão embebidos numa rede social que tem uma forte influência na experiência de envelhecimento. Apesar do contexto de envelhecimento se estender para lá da rede parentesco e atingir os amigos, vizinhos e uma panóplia de actividades sociais que as pessoas levam em diante, não podemos ter um entendimento do idoso no contexto social sem compreender as estruturas familiares. Aqui existe uma relação entre 'idosos' e 'novos' nos canais de ajudas/apoios financeiros e não financeiros entre os membros de diferentes gerações familiares – incluindo as transferências dos 'idosos' para as gerações mais novas (Timonen, 2008: 28). A estrutura familiar tem um impacto fundamental nas redes de apoio disponíveis para os idosos e as mudanças que surgem neste contexto levam a mudanças nas experiências de envelhecimento. Padrões de casamento e divórcio, a crescente prevalência de pessoas sós e o declínio nos níveis de fecundidade tem um influência nas redes sociais e de apoio dos idosos presente e futuramente (Cann e Dean, 2009; Timonen, 2008).

O apoio social e a interacção influenciam positivamente a saúde, a longevidade e até a reacção a problemas graves de saúde. O envolvimento social faz interagir a rede social do indivíduo (homem ou mulher em contacto com), o nível de apoio de que se usufrui (ter alguém para desabafar se se sente mal) e a extensão de envolvimento em actividades sociais (pertencer a um clube ou organização, trabalhar em movimentos religiosos, etc.). Seria precipitado negar que muitos idosos estão afectados por problemas de isolamento social, solidão e carência de uma adequada rede social e de apoio. No entanto, seria errado traçar um retrato da evolução histórica que teria passado de um grande apoio para um isolamento completo e ausência de sistemas desse mesmo apoio. Para muitas pessoas idosas, para além da rede familiar, a 'comunidade pessoal' de amigos e vizinhos é mais e mais importante. Existem, então, razões para assumir uma visão optimista do 'contexto social' em que se envelhece nas sociedades modernas (Timonen, 2008: 41-44).

1.1.3 Sociedade do conhecimento: as adições

Embora esta noção varie entre os autores das teorias lineares e não lineares, para Beck (1999: 119-126), quanto mais moderna é uma sociedade mais conhecimento e inconsciência cria. Efectivamente, somos levados a viver de um modo mais aberto e reflexivo e, portanto, entre a sociedade industrial e a sociedade do risco existe definitivamente uma diferença no conhecimento (Lash, Szerszynski e Wynne, 1996: 28). A sociedade ao estar afastada da natureza e da tradição transformou-se numa sociedade em que está constantemente a surgir, em todos os momentos, a importância das tomadas de decisão. O resultado destas constantes e inadiáveis decisões que têm de ser tomadas é o crescimento de adições e compulsões (Beck, 1992; Giddens, 1989). As consequências da modernidade trouxeram, pois, consigo novas formas de sujeição e novas inseguranças, os percursos erráticos, dos quais as dependências são um exemplo, constituem um dos lados negros da individualização (Beck, Giddens e Lash, 2000, Giddens, 2007). As adições emergiram na

modernidade como um fenómeno social, tendo perdido o carácter exclusivo de apenas alguns grupos particulares (Agra, 1995; Dias, 2002; Escohotado, 2004; Fernandes, 1997, 1998; Torres & Ribeiro, s.d.). Estas são também diversas e encerram diferentes trajectos e experiências (Miguel, Maia e Gomes, 1999; Torres e Lito, 2008; Velho, 1987, ver também Velho, 1998)

Valentim (2000: 1007) deparou-se com concepções mais gerais sobre o modo de encarar a droga no nosso país. O autor alertou para o facto de que se gerou um misto de prós burocrático-corporativas em torno da “luta contra a droga” que se criaram através da exposição exacta e viva de uma “praga social”, tornando válida uma proibição (re)produtora de noções sócio-culturais. Como consequência, a sociedade moderna, motivada por governantes, legisladores (*decision makers*), jornalistas e outros agentes culturais (*opinion makers*), foi resumindo as dinâmicas de interacção social com os adictos a reacções de rejeição (Escohotado, 2004; Neto, 1990; Olievenstein, s.d.; Xiberras, 1997) que surgem tendo como base de regulação a estigmatização (Becker, 1997; Chaves, 1999; Goffman, 1988; Herpin, 1982).

Segundo Dias (2002: 94), sendo a família o primeiro dado que inclui o sistema geral accional do ser humano, podemos imaginar que é o peso da mesma que ciberneticamente mais influi, uma vez que é no seu interior que o adicto assimila a estrutura social. Porém, todos os outros subsistemas são causas dos efeitos que não surgem (ver ainda Dias, 2001: 155-156).

Fleming (1995: 82-85) notou a existência de um triângulo perverso na tríade mãe-pai-filho em que a gradação e a divisão do poder são duvidosas, com elos intergeracionais que levam à formação de fronteiras geracionais difusas, uma vez que existem situações críticas no próprio núcleo familiar no que concerne ao grau de proximidade/distância afectiva e domínio/submissão. Existe, nestes casos, uma menor individuação a par e passo com uma maior intimidação entre gerações que incluem filhos adictos, cumprindo estes um papel crucial para a harmonia da família que pode perigar com a autonomia dos mesmos, visto que existe também um forte *emaranhamento* de emoções na família. Como outro sistema, a família é formada por variáveis que tendem à homeostase, através de um processo de adaptação (Bateson, 1980: 19-20). A pseudo-individuação, para Ausloos (1996: 147), conduz a que durante a adolescência, altura em que é importante gerar-se um afastamento do núcleo familiar, esse afastamento não se faça senão através da ruptura e adesão a um grupo onde imperam as adições, enquanto criação de estabilidade para a autonomia mesmo sendo artificial. Quando as drogas entram no jogo, lembraria dizer que a existência em que confiar que serve de fundamento à segurança é a substância e essa segurança que se encontra através do grupo de amigos, surge como uma ameaça também devido às regras grupais que são frequentemente impiedosas. Widmer e Weiss (2000: 18) revelaram no seu estudo a importância do apoio parental na prevenção dos comportamentos desviantes.

É importante aqui salientar que devido à constatação de uma multiplicidade nas famílias dos toxicod dependentes, Neto (1990: 81) concluiu que não encontramos famílias ou educações modelares. Torres e Lito (2008: 24), completaram esta noção ao dizer que não obstante as famílias serem sistemas essenciais de socialização, não existem famílias-tipo com padrões de disfuncionalidade que determinem as adições e não sendo possível isolar as famílias, tem de se ter em conta que são um sistema aberto que não se acha imune ao enquadramento exterior (ver também Matoso, 2005 e

Vieira, 2008). Algumas famílias de adictos representam, em determinados aspectos, famílias providas de valores e atributos acima da regra, sendo que o consumo de drogas de um filho patenteia um complexo de causas (Neto, 1990: 81). Broman, Li e Reckage (2008: 1645), concluíram que a estrutura familiar por si só tem pouco impacto no consumo de drogas dos adolescentes, quando não são tomados em conta mediadores como o grupo de pares, o calor parental ou a religiosidade. Outros autores (Crawford & Novak, 2008: 173) tendo chegado a conclusões semelhantes, descobriram que a mesma estrutura pode ter um impacto moderado no consumo de drogas.

As visões de senso comum tendem a ocultar, na tentativa de diminuir a complexidade, que as famílias dos adictos são, na sua grande maioria, compostas por pais casados que vivem juntos. É também nas famílias mais desfavorecidas e se as mães são domésticas que o consumo de heroína dura mais tempo e se prolonga mais a condição de adicto, respectivamente. Será, assim, mais provável alcançar a recuperação se se pertencer a famílias com mais recursos e cair na marginalidade se as famílias os possuem em menor quantidade (Torres & Lito, 2008: 42, 50-51). Apesar destes padrões gerais, as autoras (2008: 61-62) construíram o conceito 'nós problemáticos' que articula individual, familiar e social de diversas formas que motivariam diferentes percursos adictivos. Segundo as autoras, são mais pesados e duros os percursos daqueles que pertencem a classes mais desfavorecidas ou originárias de bairros degradados, nos quais a interação com as drogas se faz desde muito novos. Ao invés, as fatias da sociedade mais apetrechadas com situações de emprego estável e qualificado, podem ocultar longamente os comportamentos adictivos que só surgem mais tarde como problemáticos.

Apesar disso, "Tal como a vida minimal repetitiva do toxicodependente em torno da droga e seus esquemas, as suas famílias parecem derrapar em círculos viciosos, como discos riscados, enquanto o tempo vai passando ao lado" (Martins, 2002: 63).

1.2. A sociedade em rede lançada universalmente

Para os autores supraditos somos mais individualizados, mas outros autores houve que vieram notar que as novas tecnologias da informação expandiram os laços entre os indivíduos, apontando uma alternativa ao conceito de individualização. O conceito de sociedade em rede que deixava avivar e aumentar o contacto com as redes entrou no circuito científico. Com efeito, a individualização foi contestada ou pelo menos posta em causa. As teorias pensam que esta maneira do indivíduo se relacionar intensifica os modos ancestrais de conexões desenvolvidas no interior das redes sociais e de parentesco. Aqueles sentem necessidade de estar em rede e preenchem-na através de uma diversidade de redes, estando menos completos socialmente quando as redes são mais fracas. Questionou-se um modelo de relações de parentesco e amicais que poderá não espelhar as relações sociais.

O conceito de rede tem estado bem em voga e sobre este muito se tem teorizado. Pereira (2006: 306) constatou que, com o propósito de explicar e analisar distintos processos e dinâmicas sociais, a ciência sociológica tem recorrido a um composto de metáforas com diferentes capacidades explicativas. Por meio das mesmas, a metáfora da rede tem um papel de cada vez mais importância

porque alcança nos dias que correm uma primazia relevante (cf. Miranda, 2003: 87). Convém especificar estas abordagens das quais seis tipos-ideais do uso metafórico da rede se destacam⁵. O primeiro analisa a “sociedade em rede” causada pela globalização, interligação entre países e evolução tecnológica (Castells, 2002: 1-5). O segundo centra-se nos usos da internet, relacionando infra-estruturas informáticas com redes sociais informáticas (Castells, 2001: 116-119). O terceiro trabalha as redes de sociabilidade urbana segundo a ideia da rede das redes (Hannerz, 1980: 200-201). As relações em meios fechados são também exploradas (Hanneman & Riddle, 2005). O quinto traz-nos a noção que a rede ocasiona vários processos ligados à ciência, à tecnologia, às identidades colectivas, etc. (Velho, 1994: 28-30). A morfologia da rede como mais valia para o surgimento de movimentos sociais, terrorismo em rede, intervenção social é também alvo de teorizações (Porta & Diani, 1998: 14-16).

Segundo Lemieux (1999: 5), abusamos da noção de paradigma pensada por Kuhn (1983 citado por Lemieux, 1999) para referir a ciência tomada numa determinada época como normal. Um paradigma dá lugar a outro quando novas teorias solucionam os problemas que antes eram resolvidos pelo anterior paradigma. Para Lemieux, tal como esta noção muito discutida que se tem prestado a abusos, a noção de rede poderia vir a movimentar-se no mesmo sentido.

Ainda assim, a sociedade em rede manifesta-se na identidade, tempo e espaço, tecnologia, economia, empresa e emprego. Vamos desenvolver um pouco as primeiras três formas de rede, segundo Castells (2002: 26, 28). As frescas tecnologias de informação estão a incluir o mundo numa rede planetária de instrumentalidade. A comunicação mediada por computador criou um vasto número de comunidades virtuais e também permitiu que as identidades se fossem afirmando, não tendo tornado necessariamente inviáveis as relações sociais que são definidas tendo em conta as questões culturais do outro que especificam a identidade. As identidades foram reconstruídas buscando uma nova conectividade partilhada um pouco pelo mundo, contudo, esta componente da sociedade informacional poderá ter motivado uma crise do self que se agitaria entre as hipóteses incontroláveis de conectividade. O poder emergente da identidade pode ser encontrado na relação com os mecanismos macro da metamorfose institucional que está relacionada com o surgimento do sistema global. Para Castells (2002: 493, 549), o tempo é organizado pelo espaço na sociedade em rede e o último, tanto nas sociedades tradicionais como nas desenvolvidas, é percebido com base no lugar.

As relações online vêm aumentar o convívio com as redes de parentesco e amicais que os actores possuem. Aqueles melhor apetrechados economicamente, tendo mais redes sociais fora do local onde vivem, vêem assim melhoradas as formas de comunicação contrariamente àqueles pior apetrechados cujas redes são localmente situadas. A esses, a era da troca online poderá trazer menos vantagens nas relações sociais (Castells, 2001: 120). Também o acesso a cada *medium* disponível⁶ varia consoante os que têm capacidade para pagar esses serviços e aqueles que não a têm. Estas diferenças surgem na busca de uma não homogeneização das tecnologias (Castells,

⁵ Por Inês Pereira nas aulas de mestrado da cadeira “Análise de Redes em Ciências Sociais”

⁶ Sobre o tema dos media e a sua influência, ver Croteau (2000).

1985: 210-211). A criação de novos mundos, no âmago do destino das novas tecnologias da comunicação, exige narrativa, tecnologia e interacções sociais (Jones, 1995: 4-5).

Apesar das teorias descritas avançarem explicações da sociedade reflexiva que estaria exposta aos riscos do isolamento social e da individualização, na opinião de Cardoso e equipa (2005: 179), a internet detém o poder de unir as relações sociais que acontecem em dois espaços físicos distintos – o real e o virtual. Esta dimensão, que é certamente uma das consequências da emergência da internet, parece ser também uma das características inseparáveis da noção de sociedade em rede.

1.3. Actores agrupados em desenhos socialmente reticulares

A temática recente das redes sociais foi investigada por Bott (1971: 28-30) que ao trabalhar numa perspectiva reticular inovadora, na altura, concluiu que as redes sociais teriam influência nas permutas conjugais, por conseguinte, as suas dinâmicas seriam motivadas pelas relações com a rede de parentesco, de amigos e de vizinhos. Contudo, a autora considerou que a personalidade também teria uma importante palavra a dizer na construção das mesmas permutas, construção esta que diferiria com o alinhamento de outras variáveis específicas como a mobilidade, vizinhança, meio social, ecologia das cidades, etc. Ao relacionar estas variáveis com a malha das redes, notou que os comportamentos conjugais são resultado de uma diversidade de factores. Bott (1971: 71-78) relacionou o conceito de rede com a dimensão de extensão da rede ou indivíduos relacionados e criou as variantes redes de “malha estreita” e redes de “malha frouxa”, que definiriam a abertura do casal ao exterior. A diferenciação muito acentuada dos papéis conjugais estaria associada a uma rede de “malha estreita” que teria vários indivíduos.

Coleman (1988, 1990) disse-nos que o capital social é definido através da sua função. Não é um conceito estanque, mas um conjunto de conceitos que possuem duas características em comum: todos pertencem a alguma vertente da estrutura social e todos facilitam certas actividades aos indivíduos que estão dentro dessa estrutura. O capital social é desta forma gerador, tornando possível alcançar objectivos que não seriam conseguidos na sua ausência. Sendo, então, o valor conferido pelos actores a aspectos das estruturas sociais como fontes que podem ser usadas para realizarem o que lhes interessa. Ao contrário de outras formas de capital, o capital social resulta das relações entre pessoas e complementa o capital humano que representa essas pessoas. O capital social não se constitui como um bem privado das pessoas que do mesmo beneficiam ao contrário do capital físico. Segundo Adam e Roncevic (2003: 160) é passível de ser encontrado um genótipo do capital social nos aspectos da estrutura social que causam a acção social, como nos disse Coleman, mas apesar disso a sua construção fenotípica é diversa e os vários aspectos do mundo social foram considerados.

Para Coleman (1988, 1990), o capital social existe na forma de obrigações e expectativas, informação, normas (ou regras) e sanções, responsabilidade e autoridade, organizações (que o formam directa ou indirectamente). Certos tipos de estruturas sociais são especialmente cruciais na motivação de algumas formas de capital social como sejam o fechamento da rede social (as normas

que são criadas limitam os efeitos nefastos externos e ampliam os positivos) e a organização social apropriada. Portes (1998: 15) identificou quatro consequências nefastas do capital social: exclusão dos desviantes, excesso de pretensões dos membros do grupo, restrições à liberdade individual e nivelamento decrescente de normas.

Bourdieu (1997: 7, 9) fez uma relação entre os *habitus*, as tomadas de posição e as decisões nos múltiplos domínios práticos. Os *habitus* são as nascentes de práticas diferentes e diferenciáveis que motivariam *signos distintivos*, ou seja, uma linguagem própria de cada grupo. A distribuição dos actores no universo social decorreria de *dois princípios de diferenciação* que definiu como sendo o capital cultural e económico. As diferenças sociais entre esses capitais seriam fonte de oposições, visto que quanto mais afinidades tivessem os indivíduos mais próximos estariam e se, porventura, tivessem menos afinidades estariam mais distantes (cf. também Bourdieu, 1989: 136). Bourdieu (1980: 2) definiu capital social como sendo “(...) o conjunto dos recursos actuais e potenciais que estão relacionados com a posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento (...)”. A teoria de Bourdieu (1980: 2) fez notar que as relações sociais não são unicamente biológicas, mas são motivadas por estratégias de investimento social conduzidas para a reprodução social segundo as afinidades de capitais simbólicos e materiais que têm uma palavra a dizer especificamente na posse de capitais sociais⁷. Como nos disse Pais (2001) a falta de escolaridade leva os indivíduos à posse de empregos também estes precários.

Putnam (2000: 18-21) notou que alguns teóricos têm chamado a atenção para a mudança do capital social na sociedade americana e, usando a metáfora do capital físico e humano, a ideia de capital social é que as redes sociais têm valor. O capital social está patente nas conexões que os indivíduos formam uns com os outros e nas redes sociais, normas de confiança e reciprocidade que emergem dessas conexões. Diz-nos o autor que o capital social apresenta-se em diversas formas e tamanhos e tem diversos usos, identicamente ao capital físico.

Putnam (2000: 277-295) investigou qual o motivo porque os americanos teriam deixado de participar civicamente. Porque teria ocorrido um desligamento social? Assim, analisou diversos indicadores como a reciprocidade, honestidade e confiança; as pressões de tempo e dinheiro; o altruísmo, voluntariado e filantropia; as redes sociais informais e as redes profissionais; etc. Com esses indicadores procurou mostrar que os americanos confiam menos, têm menos, dão menos, relacionam-se menos e votam também menos, chamando a atenção para o facto do capital social, quando se acha numa rede densa de relações recíprocas, constituir uma forma de empoderamento da participação cívica (cf. também, Putnam & Feldstein, 2003: 269-271). Segundo Adam e Roncevic (2003: 174), o capital social de Putnam seria aquele de cidadãos activos e altruístas. Alguns autores têm discutido os benefícios das cidades como forma de alimentar as redes sociais (Agier, 1999; Fischer, 1982).

Lin (2001: 19), um dos teóricos da *network analysis*, debruçou-se sobre o capital social que definiu como o “investimento nas relações sociais com retornos esperados no mercado”. Este mercado, quando analisado, pode ser económico, político, laboral ou comunidade e os indivíduos entrariam em interações e redes tendo como intento a produção do lucro aí gerado. O capital social

⁷ Para aprofundamento doutras críticas à teoria de Bourdieu, ver Calhoun, Lipuma e Postone (1993)

resulta instrumental e expressivamente em acções devido à informação, influência, referências sociais e reforço, não respondendo pelas formas de capital pessoal como o capital humano e económico.

Para Lin (2001: 38) uma rede social pode ser criada por muitos interesses nos seus muitos segmentos – interesses distintos agrupam nós em distintas partes da rede. Estar num nó da rede motiva directa ou indirectamente potencial acesso a outros nós (actores) dessa rede social. Os recursos embutidos nos nós transformam-se no capital social de ego. O capital social reflecte mais que os simples nós da rede, uma vez que os actores podem estar incluídos em sistemas hierárquicos e noutras redes, trazendo recursos inerentes às posições dessas hierarquias. Estes vêm-se unir ao recurso mais central que constituiu o motivo da interacção.

Portugal (2007a: 16-17 e 19-20) disse-nos que enquanto Bourdieu e Coleman tentaram responder à pergunta “O que faz a minha rede social por mim?”, Putnam preocupou-se com outra pergunta “Como será possível tirar partido de uma rede social ampla e coesa?” Por isso analisou a dimensão mais social e menos individual do capital social e foi grandemente responsável pela expansão dessa perspectiva, trabalhando de uma maneira diferente de Coleman, mais direccionado para o indivíduo na operacionalização desse conceito (cf. Adam e Roncevic, 2003: 168-170). Lin constituiria uma terceira linha na abordagem do conceito de capital social que tendo inspiração na perspectiva colemaniana se afastava da mesma. A autora (2007a: 25-29) identificou algumas propriedades dos nós e dos laços das redes sociais que foram a dimensão, densidade, orientação, polarização, segmentação e sobreposição ou dissociação. Segundo a autora encontramos na *network analysis*, essencialmente, três tipos de redes: as redes de íntimos, as redes de interacção e as redes de troca. São as primeiras constituídas pelos indivíduos considerados importantes para ego e podem ser alvo de laços activos ou regulares e passivos ou mais irregulares. As redes de interacção são formadas pelos indivíduos com quem ego interage rotineiramente, distinguindo-se os laços activos dos que são simplesmente afectivos, mas excluindo-se certas redes de autoprotecção mais irregulares.

Granovetter (1973: 1371, 1373) vem dizer-nos que aqueles com quem se têm laços fracos ou a quem se está levemente conexo podem ocasionar informações sobre emprego pois é mais fácil que estas pessoas se movam em circuitos diferentes dos nossos e obtenham acesso a informação diferente daquela que nós obtemos. Assim, do ponto de vista individual, os laços fracos são recursos importantes para tornar possível a mobilidade de oportunidades. Desse modo, um sistema social sem laços fracos seria fragmentado e incoerente, especialmente se esses laços não representassem pontes entre os segmentos da rede (Granovetter, 1983: 202, 229).

Para Lemieux (1999: 124-125) os laços podem ser positivos ou negativos e esta distinção permite analisar as fronteiras da rede com a sua envolvente externa, mas permite ainda analisar as fronteiras entre os sub-sistemas da envolvente interna da mesma rede. Os laços positivos encontram-se na rede de parentesco ou de íntimos, existindo uma identificação entre os indivíduos que se consideram pertença de uma entidade comum. Os sub-sistemas não têm fronteiras entre si, mas as fronteiras com a envolvente externa são traçadas por diferentes tipos de relação. Em alguns grupos de amigos ou de vizinhos os laços são neutros (de indiferença) ou mistos (envolvendo componentes

positivas ou negativas). Nos laços negativos, que se constituem em redor da diferenciação, os indivíduos sentem incluir-se em identidades diferentes.

Portugal (2006: 537-538) procedeu à construção ideal-típica que analisava a composição e morfologia das redes sociais firmadas em três eixos de análise: as pessoas (nós), as relações entre estas (laços) e as características destas relações (características dos laços). A autora notou que a posição nas redes sociais é marcada por claras distinções que estão não somente relacionadas com as posições estruturais, mas com as características dessas redes podendo reproduzir e tornar mais notórias as desigualdades estruturais. Saliu uma notória homofilia nas redes e um círculo vicioso na relação entre capital social e outros tipos de capitais. Portugal (2006: 538) encontrou quatro modelos de redes que foram as redes encapsuladas, decorrendo os laços apenas do parentesco restrito; as redes selectivas, acrescentando-se outros laços exteriores às redes de parentesco; as redes abertas, sendo os parentes a referência afectiva essencial, havia um alargamento da rede a um leque mais extenso de laços fracos e fortes e as redes afínicas, relevando-se o expressivo ao invés do instrumental e sendo as redes guiadas pelas afinidades e não pela consanguinidade. Nos primeiros três modelos de redes, constatou-se que na parentela restrita se constituíam os laços fortes, formando essa o centro estruturante da rede.

A análise de Widmer (2006: 982, 994) confirma que existe uma grande quantidade de configurações familiares que se alargam para além da família nuclear. As diferenças nas configurações familiares influenciam densamente o tipo de capitais sociais que os participantes têm disponível. Algumas configurações familiares engendram um tipo *bridging* no capital social familiar ao qual acresce uma densidade relativamente baixa de laços familiares e um alto nível de autonomia estrutural.

Várias teorias têm sido formuladas em torno da relação conjugal ou familiar e/ou da sua interacção com a envolvente (Aboim, 2006; Aboim & Wall, 2002; Fabien et al., 2007; Guerreiro, 1996; Kellerhals, 2004; Kellerhals, Ferreira e Perrenoud, 2002; Kellerhals & Widmer, 2007) estas sublinham a pluralidade familiar que daria azo à construção ideal típica.

1.4. Dar apoio nas redes sociais e de parentesco

Outrora o estado assumia como sua responsabilidade a doação de benefícios aos cidadãos. As políticas actuais dão importância à tomada de responsabilidades pelos mesmos cidadãos, esses benefícios são compensados pelo apoio informal da sociedade civil (Nunes, 1995; Espanha e Alves, 1995; Senett, 2006). Kellerhals e equipa (1988a: 174) juntaram os conceitos de topografia objectiva e subjectiva do parentesco ideando que para além da organização humana da rede de parentesco, existiria uma composição de ajudas que poderiam ser unicamente a partilha relacional, as pequenas ajudas ou também as grandes ajudas. Os elementos da rede poderiam estar em vários tipos de apoio simultaneamente.

Kellerhals e equipa (1988b: 163-164) consideraram importante estudar o impacto dos tipos de interacções na noção de justiça e analisaram cinco referenciais normativos. Ao primeiro chamaram *normas de repartição*, são as regras aplicadas quando se dividem os bens raros. A colocação em

cena deste princípio traz-nos a intervenção das *normas de avaliação* ou de critérios que possibilitem saber o valor das contribuições e a situação daqueles que se incluem na troca. Em terceiro plano vem a *norma de comparação* que define a importância ou não do estatuto ou identidade social na decisão de justiça. Cada uma destas escolhas pode ser motivada pela natureza do bem que se tem ou quer. Trata-se, conseqüentemente, de encontrar uma *norma de transformação* que definem se são ou não usados os mesmos critérios para distribuir bens diferentes e, portanto, se existe uma única ou diversas formas de justiça. Finalmente, é importante saber se o grupo constitui a massa de bens que vão ser repartidos e, mais precisamente, se os bens se mantêm no interior do grupo ou se pelo contrário esse deve reavaliar a cada momento os direitos dos seus membros: são as *normas de apropriação*.

Os autores (1988b: 190) observaram um provável impacto da nomeação colectiva do bem em jogo (a sua provável função simbólica) sobre as normas de repartição, cuja escolha depende da primeira variável. Notaram ainda uma correlação entre o carácter simbólico do bem e uma baixa importância atribuída ao contrato interindividual como forma de resolução de questões de justiça. Relevaram enfim a correlação entre o valor simbólico do bem e o princípio de inclusão considerado legítimo pela comparação dos actores.

Portugal (2007b: 53) descobriu que a essencialidade da rede de parentesco tem um peso estruturador, mais do que o das outras redes, no traçado das redes sociais, salientando a vitalidade e importância do parentesco na configuração das redes sociais. O parentesco pareceu, pois, ter propriedades mágicas fazendo equivaler o que não o é, permitindo que a dependência se conjugue com autonomia, agrupando liberdades e deveres e mudando positivamente o significado da dívida.

A rede familiar efectiva, constituída por todos os que a nutrem participando activamente, apresenta diversas componentes que a caracterizam de modo mais genérico (Attias-Donfut, 1995; Coenen-Huther, Kellerhals e Allmen, 1994):

- a) Densidade – pequeno número de indivíduos com quem se relacionam,
- b) Verticalidade – forte circulação ao longo das gerações,
- c) Transitividade – prevalecem os laços biológicos,
- d) Lateralização – tendo a família da mulher uma ajuda mais activa,
- e) Polarização – ajudas femininas inter e intrageracionais,

Coenen-Hunter e equipa (1994: 358) encontraram sociabilidades familiares mais importante nos meios modestos que nos restantes, mas nos últimos as sociabilidades não familiares são mais significativas. Nas famílias mais desfavorecidas constatou-se a existência de menos assistência familiar e menor volume de grandes ajudas (Coenen-Huther, Kellerhals e Allmen, 1994; Vasconcelos, 2002, 2005).

Vasconcelos (2002, 2005) quis caracterizar os processos da sociedade portuguesa que dizem respeito às redes de entajuda primária e entender as suas variações no tecido social. A situação com que se deparou, conclusivamente, referiu-se a redes de apoio que ocorriam entre famílias nucleares (progenitor-descendente, frequentemente), estruturavam-se dando ênfase às questões de

género (sobressaindo o apoio da mãe e a mulher no apoio) e à desigualdade social de capitais económicos e escolares.

Portugal (1995: 174), traz-nos a construção teórica, através do estudo das redes sociais de que os indivíduos dispõem quando do nascimento do primeiro filho, de que estas redes são fortemente matrilineares e femininas, existindo um sistema de dádiva tanto no seio da família restrita como da família extensa e das redes amicais de vizinhança e outras. A dádiva parece atravessar as classes sociais. Contudo, do ponto de vista instrumental existem significados bastante distintos. No que concerne à subsistência familiar nas classes mais desfavorecidas – ao invés da promoção da família nas classe médias e superiores – as classes populares mostraram ser formal e informalmente desfavorecidas, recorrendo mais à parentela porque têm lacunas nas outras redes, Assim, as redes de apoio informal prestam um apoio social que reproduz a estrutura desigual das classes (Portugal, 1995: 175).

Lee e equipa (2009: 428) concluíram que o baixo rendimento familiar motiva a parentalidade e as depressões parentais. Contudo, o apoio social está directamente relacionado com as práticas e diminui indirectamente os sintomas de depressão, mediando a relação entre baixos rendimentos familiares e depressão parental. Quando o apoio social é elevado o baixo rendimento das famílias não está relacionado com depressão parental, mas quando aquele é baixo essa relação manifesta-se mais. Ravanera e Rajulton (2010: 83) vieram dizer-nos que o capital social é maior nas famílias intactas que nas famílias monoparentais. As mães de famílias intactas possuem mais redes informais de apoio, estão integradas em mais organizações e têm mais confiança. As mães de famílias recompostas encontram-se numa situação intermédia. Bruyker (2008: 1466-1467), partindo da hipótese que os indivíduos vivendo em novos tipos de família teriam menos contacto com a parentela próxima, chegou à conclusão que, segundo os conceitos de orientação amical *versus* rede de parentesco, os novos tipos de famílias pareciam estar mais orientados para as redes amicais que para a parentela e que os tipos clássicos de famílias (casais casados que moram com os filhos) teriam também mais apoios.

Encontramos nas diversas teorias expostas uma recriação dos laços sociais através do conceito de redes sociais. A família, continuando a ter um papel importante, é complementada por outras redes, notando-se uma multiplicidade de laços. Quando as redes familiares não existem outros são importantes para a coesão e integração dos indivíduos em sociedade. Em que medida as Famílias Anónimas são um elo de certas redes sociais que apoiam alguns indivíduos? Quando a família não existe eles têm Famílias Anónimas. Que lugar preenchem na vida destas pessoas?

2. A temática em estudo e o seu modelo

O modelo de análise assenta em três conceitos essenciais para a compreensão das redes sociais das Famílias Anónimas (FA), a função das FA nessas redes e do modo como estas pessoas foram reconfigurando as suas redes⁸. Estes conceitos são coesão interna, integração externa e trajectórias de vida.

A coesão interna propõe estudar as dinâmicas de interacção conjugal ou parental e tem as dimensões estrutural, interaccional, classista e percurso de vida. O indicador da primeira é a composição do agregado residencial, a segunda tem como indicadores as conversas no seio da família, a divisão do trabalho doméstico, as redes amicais e os lazeres no exterior, a terceira contém três indicadores, os capitais culturais, os capitais económicos e os capitais sociais, e a quarta é espelhada pela fase do percurso de vida em que ego se encontra. Para chegar a estes dados, foi construída na entrevista uma bateria inicial de perguntas que incluíam o sexo, idade, estado civil, composição do agregado residencial, escolaridade, profissão e estatuto socio-económico. Além disso, no decurso da entrevista foram feitas algumas perguntas sobre a relação familiar. A dimensão interaccional é, deste modo, enquadrada por meio das restantes três dimensões e respectivos indicadores.

A integração externa propõe dar conta das redes sociais dos entrevistados e tem como dimensões natureza dos laços, função das redes, extensão das redes, composição das redes e configuração das redes. A primeira dimensão tem como indicador a proveniência dos laços. Foram desenhados os amigos e os parentes próximos e distantes. Procurou-se também aferir qual a importância destas diferentes redes no capital social e na vida dos indivíduos. Dariam os indivíduos primazia a algum dos tipos de redes? A segunda dimensão engloba as grandes e pequenas ajudas ou apoios materiais e simbólicas. Para chegar a estes indicadores perguntou-se aos entrevistados a quem recorrem na doença ou necessidade económica importante sem reembolso previsto e também quando possuem problemas menores. A terceira dimensão é indicada pelo número de nós da rede. Propondo alcançar o número de nós da rede de ego perguntou-se quantos amigos e parentes tinha. A quarta é descoberta através dos conjuntos daqueles que constituem as redes, procurando saber-se com quem ego interage rotineiramente, quem ajuda, de quem recebe ajuda, o que faz com os parentes, amigos dentro e fora das FA. A dimensão configuração das redes apresenta-se como uma mistura de todas as outras, havendo uma fusão de todos os seus indicadores.

As trajectórias de vida propõe analisar as reconfigurações das redes dos entrevistados. A sua dimensão é intensidade das reconfigurações e o indicador cifra-se nas mudanças ocorridas. Para discernir sobre este conceito pedimos aos entrevistados que falassem sobre a sua vida passada.

⁸ Sobre a construção conceptual, ver Pires (2007).

CONCEITOS	DIMENSÕES	INDICADORES	MODALIDADES
Coesão interna	Estrutural	Agregado residencial	Pessoa só em situação de <i>empty nest</i> Pessoa só em situação de <i>semi-empty nest</i> Casal em situação de <i>empty nest</i> Família nuclear
	Interaccional	Conversas Divisão do trabalho doméstico Redes amicais Lazer no exterior	Vidas paralelas Vidas assimétricas Camaradagem Desprendimento
	Classista	Capitais culturais Capitais económicos Capitais sociais	Altos capitais Capitais intermédios Baixos capitais
	Percurso de vida	Fase em que ego se encontra	Adultos Idosos
Integração externa	Natureza dos laços	Proveniência dos laços	Rede de parentesco Grupo de pares dentro de FA Grupo de pares fora de FA
	Função das redes	Grandes ajudas/apoios Pequenas ajudas/apoios	Materiais Simbólicos
	Extensão das redes	Número de nós da rede	Estreitas Médias Frouxas
	Composição das redes	Conjuntos que constituem as redes	Redes de íntimos Redes de ajudas dadas Redes de ajudas recebidas
Trajectórias de vida	Intensidade das reconfigurações	Mudanças que foram ocasionando	Fracas Médias Fortes
			Paralelo Fusional assimétrico Companheirismo Confluente Associativo
			Redes familistas Redes associativas Redes afínicas Redes mistas
			Redes lassas Redes casualistas Redes prováveis Redes imediatistas Redes expressivas
			Reconfigurações de estigmatização Reconfigurações contingentes Reconfigurações de padrão semi-mantido Reconfigurações de vinculação média Reconfigurações de vinculação forte

Quadro 1 – Modelo de análise com os conceitos, dimensões e indicadores

3. Procedimentos metodológicos

Para responder às questões de partida equacionou-se como objecto de investigação o estudo das redes sociais dos elementos que compõem as Famílias Anónimas (FA) e formulou-se a hipótese de que as redes dos membros das FA, a função das FA nas redes e o modo como estas pessoas foram reconfigurando as suas redes atravessam uma heterogeneidade de experiências. As opções metodológicas propõem descortinar esta hipótese, assentando no estudo da pluralidade experiencial. As técnicas documentais utilizadas, aprofundadas por Scott (1990: 13-16), baseiam-se na análise de documentos escritos: a *literatura* das FA (dois livros, dois cadernos e diversos livretes) que é um registo oficial, privado e de acesso restrito e que possibilita um conhecimento exacto de todas as componentes das FA (organizacional, temporal, programática). Nesta investigação optou-se pela dita estratégia intensiva (Almeida, 1994: 198). O trabalho etnográfico (Atkinson et al., 2001; Beaud & Weber, 2003; Burgess, 1997; Céfaï, 2003; Costa, 1986; Lofland & Lofland, 1995; Fernandes, 1998) foi acompanhado pela observação participante ou pela presença prolongada do investigador no campo e pela observação não participante que se compõe por entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida. As primeiras, não sendo totalmente rígidas, dão mais liberdade ao investigador para sair do guião formulado e aos investigados que podem também ter um discurso menos limitado. Nas segundas os entrevistados contam livremente como foram as reconfigurações das suas redes sociais. Sendo as últimas balizadas pelo método biográfico.

Do dia 10 de Outubro de 2009 a 9 de Junho de 2010 assistimos às reuniões de Famílias Anónimas (FA) que acontecem na Igreja S. João de Deus às quartas pelas 18.30h e nas Casas S. Vicente de Paulo aos sábados pelas 18.00h. Para além das reuniões, estamos também presentes na 19ª Convenção das FA em Fátima, dias 7 e 8 de Novembro, onde procuramos entender como as pessoas interagem em momentos de lazer, como se movimentam, o que as aproxima ou divide. Serão as fronteiras entre os capitais das duas salas mais ou menos visíveis quando nos deparamos com a interacção face-to-face?

Para que não se perdessem dados importantes procedemos à construção de diário de campo. Este inclui as notas metodológicas (formas de chegar aos lugares, principais cuidados a ter na interacção), as notas pessoais (como os pensamentos e a evolução na prática do programa das FA) e descreve ao pormenor os aspectos dos investigados que são mais sobressalientes para a investigação, tendo como pontos de articulação a escolaridade dos indivíduos e o estágio de toxicoddependência do familiar que motiva a presença (Fernandes, 1998: 94-95).

As entrevistas explanam o significado das redes das FA pois espelham o que os discursos das FA exalam. Não simplesmente a sua expressão imediata como a que é secreta e que se acha no entre-visto. Vendo o exposto e para além desse, em torno do conteúdo oculto, torna-se essencial demonstrar as tonalidades das redes sociais. Na feitura das entrevistas somos auxiliados pela construção *in loco* de genealogias e mapas das redes amicais dentro e fora das FA. No final de cada entrevista damos lugar à história de vida. Construímos *a posteriori* cinco linhas da vida que precisam os cinco tipos-ideais das reconfigurações das redes dos entrevistados. Para que estas fiquem precisamente datadas são feitas mais cinco entrevistas que propõem especificar no tempo as

histórias de vida mais relevantes, por forma a exemplificar esses ideais-tipo. Porém, as entrevistas que realizamos não se restringem à pergunta-de-partida tendo sido feito outro guião que propõe esclarecer a organização e programa das FA e complementar assim a técnica documental, com este fazemos duas entrevistas, uma ao secretário da reunião de São João de Deus e outra ao tesoureiro das Famílias Anónimas que frequenta a mesma reunião.

Para além da construção ideal típica das reconfigurações são efectuadas outras construções do mesmo tipo referentes aos tipos de família, aos tipos de redes e à importância conferida a FA no cômputo geral das redes sociais. Na senda da *network analysis* (Knoke & Kuklinsky, 1982; Latour, 2005; Wasserman & Faust, 1999; Wellman & Berkowitz), são dadas a conhecer as relações dos actores fora e dentro das FA, no último modo interaccional focam-se as relações inter tipos-ideais, mas as redes egocentradas salientam-se nesta análise de redes de carácter qualitativo. A estratégia etnográfica permite que saltemos de umas etapas de investigação a outras (Pais, 2003: 87-90). Depois da fase exploratória, iniciamos o quadro teórico, o trabalho etnográfico, as entrevistas e as histórias de vida fazendo essas componentes de investigação interagir num *feedback* contínuo ou num movimento incessante de recuos e avanços que foi um modo de amadurecer o que se descobre.

4. Trama em que o campo analisado se movimenta

Propomos neste momento proceder à contextualização do campo analisado no que concerne o seu modelo organizacional.

4.1. Famílias Anónimas na matiz organizacional

Os grupos de Famílias Anónimas (FA) surgiram em 1972 tendo por base os Alcoólicos Anónimos que começaram a funcionar em 1935 nos Estados Unidos da América. Por força da terceira tradição de FA, para se pertencer a este grupo de auto-ajuda é necessário estar no sofrimento de inquietações provocadas pelo consumo de drogas de um familiar ou um amigo. “Cada grupo tem um propósito principal: o de ajudar aqueles que estão preocupados com alguém que pode ter um problema de abuso ou dependência de drogas.” (Anon, 1999: 19). A quinta tradição descreve o fundamento da organização da comunidade.

A Organização Mundial de Saúde (1994 citado por Torres & Ribeiro, s.d.) descreve grupos de auto-ajuda como grupos sem orientação profissional ou hierarquia, em que os membros se auxiliam mutuamente no decorrer da recuperação de drogas, em problemas ligados ao consumo ou outros. Em Famílias Anónimas os grupos têm uma importância resolutiva, sendo formados, no plano geral, pelos seguintes servidores ou colaboradores: secretário, que abre, prepara a sala e preenche a acta da reunião; literatura, é responsável pelos livros, cadernos e folhetos e por informar os todos os membros do seu conteúdo e particularmente os mais novos; tesoureiro, que se encarrega da economia do grupo; coordenador, direcciona o desenrolar das reuniões e responsável pelos novos, que vai apoiando os elementos que chegam pela primeira vez ou recém-chegados. Cada grupo tem reuniões de trabalho anuais, onde se avalia o desempenho do grupo, e reuniões de consciência, que não são tão frequentes e surgem no sentido de melhorar a ligação entre os membros do grupo. Estas reuniões são instrumentos para clarificar as questões grupais.

Alguns dos agrupamentos de Famílias Anónimas conjugam-se nos denominados grupos integrados que são uma estrutura intermédia porque se combinam em reuniões dos intergrupos regionais (que acontecem uma vez por mês), canalizando as questões para a Associação Portuguesa de Famílias Anónimas (APFA). Nas reuniões dos intergrupos estão presentes servidores próprios e secretários dos muitos grupos que as compõem, sendo a colaboração nos intergrupos semelhante à dos grupos. O secretário de cada grupo faz aqui um relato do estado em que este se encontra e são também trabalhados problemas comuns. Os intergrupos dividem-se por regiões nacionais. Existem grupos isolados, que não se integram nos intergrupos regionais, pondo os problemas directamente à APFA.

Os grupos integrados e isolados têm assento no Conselho de Representantes (quatro reuniões anuais), com uma representação mais extensa em assembleia que é tida pelo secretário de cada grupo, no caso dos grupos isolados, ou pelo presidente do intergrupo, no caso dos grupos integrados. Estas reuniões tratam fundamentalmente de problemas relacionados com o programa das FA. Com um carácter mais abrangente encontramos o Conselho Nacional de Serviço (reúne-se uma

vezes por mês) que inclui elementos particulares como presidente, vice-presidente, secretário, vogal de informação pública, vogal de literatura, dois vogais suplentes, Comissão de Apoio aos Grupos e também elementos que representam os grupos no geral como são o presidente dos intergrupos regionais e os secretários dos grupos isolados. É aqui que a APFA resolve problemas administrativos e dá a conhecer como funcionam os grupos e qual o relacionamento com os serviços mundiais. Os membros dos grupos que colaboram nas instâncias organizacionais da associação vão a reuniões.

A organização dos grupos de auto-ajuda é horizontal. A terceira força destrutiva adverte para o desejo de querer dominar: “(...) nenhum membro deve dirigir, assumir autoridade ou dar conselhos. Os nossos responsáveis são escolhidos não para governar mas sim para servir” (Anon, 1999: 34).

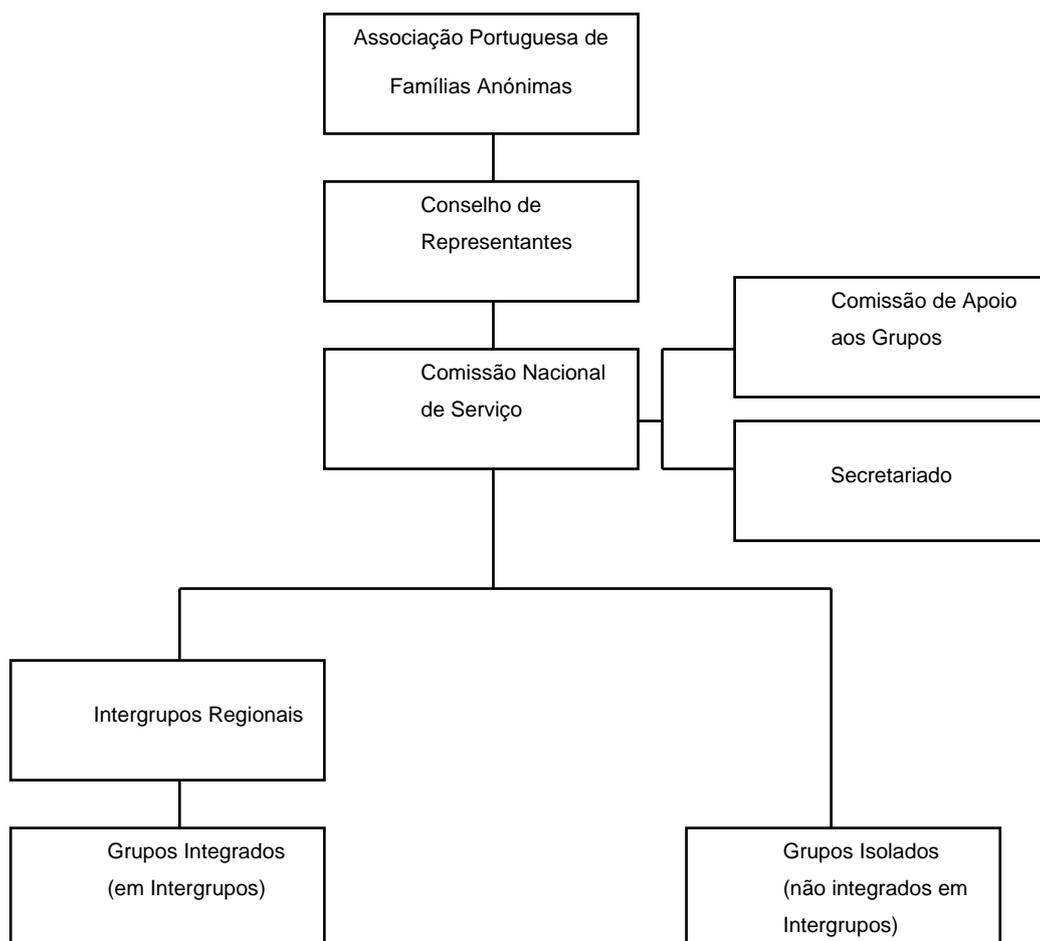


Figura 1 – Organograma das Famílias Anónimas tal como é apresentado no *Manual dos Membros*.

5. Apresentação dos entrevistados

Passemos agora à apresentação daqueles que mais peso tiveram na análise dos dados, visto que foram também quem disponibilizou mais informação para esta investigação.

5.1. Os entrevistados

As entrevistas espelham o sentido das pessoas que assistem às reuniões das Famílias Anónimas (FA). Tendo em vista explicar o seu sentido simbólico, mais especificamente das suas redes, são entrevistadas “pessoas de São Vicente de Paulo” e “de São João de Deus”, lugares antagónicos no que respeita aos capitais sociais, sexistas, económicos e culturais (escolarmente comprovados ou não).

Nessa assimetria, assistem excepcionalmente homens à reunião de São Vicente de Paulo e em São João de Deus está sempre presente uma quinta parte de elementos do sexo masculino. Na primeira reunião, não existem pessoas licenciadas e a escolaridade oscila entre o ensino primário e o ensino secundário. Contudo, algumas estão bem munidas economicamente. Contrariamente, na segunda reunião, algumas são licenciadas e estão muito bem munidas economicamente, oscilando a escolaridade, em traços largos, entre o ensino secundário e o ensino superior. Existem, por outro lado, poucos membros que possuem capitais diminutos. Num primeiro momento, tomamos nota que os capitais sociais são bastante distintos no sentido em que à reunião de São Vicente de Paulo assistem apenas sete pessoas e à reunião de São João de Deus assistem 26 pessoas, geralmente. Nessa paisagem, conversamos com sete mulheres de São Vicente de Paulo, bem como seis mulheres e dois homens de São João de Deus e ainda uma mulher que frequenta os dois locais. Estas pessoas cirurgicamente seleccionadas dão conta do misto de capitais simbólicos (Bourdieu, 1989, 1997) que encontramos nas duas reuniões e vieram, como veremos adiante, explicar o tal sentido das redes FA.

Procedemos agora a um retrato social dos entrevistados. Como dissemos antes, conversámos com 16 indivíduos dos quais 14 são mulheres e dois são homens. As idades das mulheres são compreendidas entre os 58 e os 75 anos e os homens têm ambos 72 anos. As entrevistadas têm escolaridades diversificadas que incluem o mestrado ou, no sentido contrário, a quarta classe e os homens são licenciados. Mais particularmente, as entrevistadas são casadas, divorciadas ou viúvas e, no que concerne à realização de trabalho profissional, algumas trabalham e outras estão reformadas. Os entrevistados são ambos casados e estão reformados, tendo contudo vida profissional. Qualquer uma das pessoas entrevistadas tem filhos e, mesmo quando tem mais que um filho, apenas um destes é adicto activo, em recuperação ou passivo. Os indivíduos que entrevistámos residem na área da Grande Lisboa.

5.2. Tipos de família nas dimensões analíticas

Na caracterização dos entrevistados designadamente do tipo de família a que pertencem, seleccionámos quatro dimensões analíticas. Primeira, estrutural, que se firma naqueles que compõem o agregado residencial. Segunda, interaccional, que se baseia nos modos como os elementos da família interagem entre si e com a envolvente. Terceira, classista, consoante a situação a nível dos capitais económicos, culturais e sociais. Quarta, centrada no percurso de vida, conforme a fase do mesmo em que ego se encontra

A primeira dimensão traz-nos famílias monoparentais *empty nest*, isto é, mulheres divorciadas ou viúvas e em situação de *empty nest*, famílias tradicionais *empty nest* e famílias tradicionais *semi-empty nest*, que são formadas por pessoas que coabitam com o cônjuge apenas ou com este e com alguns filhos (mas não todos), visto que um ou mais deixaram o ninho parental, traz-nos ainda famílias nucleares ou pessoas que coabitam com a família de procriação (anexo E, p. LXV).

No âmbito da dimensão interaccional, construímos uma tipologia das dinâmicas de interacção na relação conjugal ou parental. A relação parental com o filho que consome ou consumiu substâncias psicoactivas vem aqui substituir a relação conjugal quando estes progenitores não vivem em casal, sendo viúvas ou divorciadas. Se este deixou de consumir não vive com ego e tem trabalho profissional. Na outra situação, se este ainda consome, tem um salário ou não, mas não depende economicamente de ego que quase recusa esse encargo, embora possam coabitar (ver anexo D, p. LVI-LVIII, sobre os principais tópicos inerentes ao programa das FA). As variáveis tomadas em conta na análise interaccional são os tempos no interior e exterior da casa, como sejam, no primeiro caso, as conversas e a divisão do trabalho doméstico e, no segundo caso, os grupos de pares e os lazes no exterior. Dito doutro modo, são discutidos, de um lado, os tempos de conversação, domésticos, e de um outro, os tempos amicais e de lazer. O trabalho profissional não tem aqui interesse visto que os entrevistados e os cônjuges o fizeram ou fazem, estando reformados ou não, também se mostrou inoportuno nas dinâmicas de interacção parental devido aos motivos anteriormente aflorados.

Passemos agora à construção típica das dinâmicas interaccionais. Ao primeiro modo de interacção denominamos “paralelo” pois as conversas no seio do casal são praticamente inexistentes e as actividades tanto no interior como no exterior da casa são feitas em separado, denunciando as assimetrias de género na divisão do trabalho doméstico. “Não saiu muito com o meu neto, com o meu marido também não e nem falo assim muito com ele nem nada, com o meu marido então muito menos que ele coitado está doente, não é pessoa com quem se fale, não vale a pena.” (Entrevista 11). Na relação parental, as duas gerações não coabitam e os encontros são rápidos e casuais, cabendo à mãe as tarefas de cuidar quando estes existem mais longamente. “(...) Eu já lhe tenho dito para ele ir mais cedo um bocadinho que ele ajudava-me a fazer a refeição (...) ele aparece só para comer.” (Entrevista 12). Tanto na situação conjugal como parental existe fraca abertura ao exterior. A dinâmica de interacção é similar àquela encontrada por Kellerhals e equipa (2004, 2007) e Aboim (2002, ver também Aboim e Wall, 2006). Não obstante, notamos uma críspação não meramente resultado das vidas paralelas, mas pois as pessoas estão distanciadas física e emocionalmente, significando que manifestam ressentimentos ocasionados pelo relacionamento. Helena, mãe de Guilherme, Francisca, mãe de Vasco, Rosário e Ema inscrevem-se nesta situação.

Outro modo de interacção é apelidado “fusional assimétrico” visto que se descobre uma dependência feminina em que quase não existem outras actividades no exterior para além do trabalho profissional, ao contrário do marido que tem convivialidades diárias. Existe uma dissonância nas redes amicais do casal que são maiores na rede masculina e não coincidem. Os lazeres destas mulheres são mais frequentes que os das que se encontram no tipo-ideal paralelo anteriormente descrito. A divisão das tarefas domésticas é vista segundo um prisma de género. Existem algumas diferenças pouco sensíveis em que o homem é ocasionalmente responsável pelas mesmas, visto que os casais encontram nas conversas um certo entendimento, apesar de existir crispação. “E eu já disse ao meu marido: ‘Eu gosto de ti, continuo a gostar. Não gosto é da tua doença, nem da tua atitude, nem daquilo que tu fazes.’” (Entrevista 3). Anita inscreve-se nesta situação.

Uma outra dinâmica de interacção é interpretada como “companheirismo”, à semelhança de Kellerhals e equipa (1989, 2004) ou Aboim (2006: 232-233) que a denominou fusão aberta, na busca de características idênticas. Nesta dinâmica, encontramos relações parentais maternas que assentam na amizade, havendo um contexto de fusão próxima ou à distância e de partilha das tarefas no primeiro caso, não deixando porém de existir alguma autonomia. Apesar dessa autonomia, a ajuda materna a filhos recuperados e em conjugalidade tem um peso considerável no tipo de interacção. “Eu às vezes até facilito para o meu filho ir com a minha nora (...) fico com o menino à noite para eles saírem” (Entrevista 5). Nas situações de conjugalidade aqui inscritas combinam-se fusão com um pouco de autonomia e divisão das tarefas domésticas. “(...) Até me chega a vir aqui trazer e fica cá fora dentro do carro. (...) Agora foi para o Algarve passar uns dias para descansar a cabeça dele porque está desgastado e eu também estou.” (Entrevista 9). A abertura ao exterior é média e surgem algumas sociabilidades tidas conjunta ou separadamente, visando-se dar importância às intrusões dos elementos da rede que lhes são comuns. Na conjugalidade é mais notória esta permeabilidade. Existindo concordância nas conversas, esta vai ser maior nos tipos vindouros. Inserem-se neste modo de interacção Fernanda, mãe de Tiago, Amália, mãe de Gonçalo, e Raquel.

A quarta dinâmica de interacção é designada como “confluente” e agrega práticas contrárias como fusão e autonomia, prevalecendo um carácter fusional que não é marcante. “(...) Ele está a querer sacudir, mas é... mas está muito dependente, embora esteja a sacudir (...) regressa a viver sozinho” (Entrevista 13). Feminino e masculino cruzam-se no que respeita aos lazeres e à partilha das tarefas domésticas que podem ser delegadas ou não. Este modo de interacção é análogo ao de Aboim (2006, ver também Aboim e Wall, 2002). No casamento, os grupos de pares tendem a ser coincidente, bem como as sociabilidades que normalmente não acontecem separadamente. “Uma coisa engraçada, os amigos vêm todos através de mim. Portanto, são todos amigos comuns (...) Tem, pronto, tem colegas de trabalho com quem também deve ter estabelecido amizades (...)”. (Entrevista 16). No entanto, esta coincidência não está tão patente no laço parental. A abertura ao exterior é grande. Inscrevem-se aqui Natália, mãe de António, Cláudia, mãe de Dalila, Constança, mãe de Sérgio, e Jacinta.

Finalmente, os casais entrevistados dão conta de uma dinâmica “associação”. As tarefas domésticas são partilhadas mas são também delegadas. “(...) Não temos mulher a dias, só temos uma engomadora, portanto, fazemos os dois tudo (...) eu normalmente vou à minha mãe, às vezes

tenho esses almoços (...)” (Entrevista 4). A par com o tempo conjugal emergem outros tempos passados em separado, havendo redes coincidentes e outras que são próprias de cada um dos membros do casal. Neste desprendimento, as conversas acontecem sobre os mais variados assuntos e as interações são harmoniosas. A abertura ao exterior é muito forte e as sociabilidades acontecem muito regularmente. Este tipo surge no mesmo sentido das teorias referidas. Incluem-se nesta situação o casal de Catarina e Ricardo e de Antonieta e Filipe.

Aglutinámos a dimensão classista à dimensão percurso de vida e construímos uma tipologia com quatro tipos-ideais que descrevem conjuntos de entrevistados de idades mais avançadas e outros que integram idosos e um adulto, em articulação com os capitais culturais e económicos, os capitais sociais caminham no mesmo sentido como veremos seguidamente⁹.

O primeiro tipo foi designado como “idosos mais apetrechados” e combina os entrevistados na extensão de idades dos 68 aos 75 anos, que possuem uma licenciatura ou um mestrado e rendimentos elevados aos quais se juntam diversos bens. Estes actores têm mais altos capitais. Catarina é mestre, tendo sido bibliotecária, e Ricardo é licenciado, tendo sido administrador de uma editora, são exemplificações de pessoas nesta situação. Aqui incluem-se os casais de Catarina e Ricardo e de Antonieta e Filipe.

Noutro nível encontram-se os “idosos apetrechados” que são elementos no intervalo etário dos 65 aos 71 anos, que fizeram uma licenciatura ou um mestrado e têm rendimentos elevados podendo também possuir alguns bens. Por contraponto ao tipo anterior, poderíamos dizer que estes possuem altos capitais. Constança tem um mestrado e trabalha em investigação histórica, tendo sido professora universitária, Natália é licenciada, tendo sido professora de Biologia, são mulheres nesta situação. Inscrevem-se aqui Natália, Cláudia e Constança.

No percurso de vida da adultícia e da velhice ou no intervalo dos 58 aos 66 anos, forma-se um terceiro tipo que são os “essencialmente idosos medianamente apetrechados”, este adulto e idosos não fizeram uma licenciatura mas especializaram-se numa área e têm rendimentos médios, podendo possuir bens. Têm pois capitais intermédios. Fernanda tem o ensino secundário completo e foi chefe de secção e Amália tem o nono ano e foi fisioterapeuta. Fernanda, Amália, Raquel, Rosário e Jacinta inserem-se nesta situação.

Finalmente, um outro tipo de entrevistados são os “essencialmente idosos desapetrechados” que têm de 59 a 69 anos e pouca escolaridade à qual se juntam rendimentos precários, resultado de empregos também estes precários. Estas pessoas têm baixos capitais. Anita é empregada doméstica e tem a quarta classe, bem como Francisca que está reformada apesar de querer trabalhar nessa área. Aqui incluem-se Anita, Ema, Helena e Francisca (ver anexo F, p. LXV, com uma síntese da dinâmica das quatro dimensões do tipo de família para cada um dos entrevistados).

⁹ O trajecto de vida demonstrou aqui ser tendencialmente condição necessária para conter mais altos capitais, uma vez que os quatro entrevistados com mais altos capitais têm uma idade que motiva a denominação do tipo-ideal “idosos mais apetrechados”. Esta denominação propõe dar conta de um grupo de idosos que, simultaneamente, possui os capitais mais altos de toda a tipologia.

Sequência	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado Civil	Situação face à toxicodependência
Entrevistado 1 Catarina (S. João de Deus)	Feminino	75 anos	Mestrado	Reformada (bibliotecária)	Casada	Mãe (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 2 Filipe Marido de Antonieta	Masculino	72 anos	Licenciatura	Reformado (advogado)	Casado	Pai (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 3 Anita (S. Vicente de Paulo)	Feminino	59 anos	4ª classe	Empregada doméstica	Casada	Mãe e Mulher (de toxicodependente passivo e de alcoólico activo)
Entrevistado 4 Antonietta (S. João de Deus)	Feminino	68 anos	Licenciatura	Reformada (técnica de formação e educação)	Casada	Mãe (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 5 Fernanda (S. Vicente de Paulo)	Feminino	66 anos	12º ano	Reformada (administrativa)	Viúva	Mãe (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 6 Natália (S. João de Deus)	Feminino	71 anos	Licenciatura	Reformada (professora de Biologia)	Viúva	Mãe (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 7 Amália (S. Vicente de Paulo)	Feminino	75 anos	9º ano	Reformada (fisioterapeuta)	Viúva	Mãe (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 8 Ricardo Marido de Catarina	Masculino	72 anos	Licenciatura	Reformado (administrador de uma editora)	Casado	Pai (de toxicodependente passivo)
Entrevistado 9 Raquel (S. Vicente de Paulo)	Feminino	70 anos	9º ano	Reformada (assessora de cartória)	Casada	Mãe (de toxicodependente activo)
Entrevistado 10 Cláudia (S. João de Deus)	Feminino	66 anos	Licenciatura	Reformada (professora de Inglês)	Viúva	Mãe (de toxicodependente passiva)

Sequência	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado Civil	Situação face à toxicod dependência
Entrevistado 11 Ema (S. Vicente de Paulo)	Feminino	67 anos	9º ano	Reformada (empregada doméstica)	Casada	Mãe (de toxicod dependente activa)
Entrevistado 12 Helena (S. Vicente de Paulo)	Feminino	66 anos	4ª classe	Reformada (telefonista)	Divorciada	Mãe (de toxicod dependente activo)
Entrevistado 13 Constança (S. João de Deus)	Feminino	65 anos	Mestrado	Investigação Histórica	Divorciada	Mãe (de toxicod dependente em recuperação)
Entrevistado 14 Francisca (S. Vicente de Paulo)	Feminino	69 anos	4ª classe	Reformada (trabalho em série)	Divorciada	Mãe (de toxicod dependente activo)
Entrevistado 15 Rosário (ambas)	Feminino	58 anos	11º ano	Reformada (administrativa)	Casada	Mãe (de toxicod dependente activa)
Entrevistado 16 Jacinta (S. João de Deus)	Feminino	64 anos	12º ano	Reformada (administrativa)	Casada	Mãe (de toxicod dependente passivo)

Quadro 2 – Caracterização genérica dos entrevistados

6. Análise dos resultados

São as redes das Famílias Anónimas (FA), o lugar das FA nessas redes e as reconfigurações dessas redes passíveis de constituir uma heterogeneidade de experiências? É a esta questão que propomos continuar a dar resposta nas linhas que se vão seguir.

6.1. Configuração das redes

A configuração das redes assenta nos fluxos e refluxos que suscitam uma construção típica onde se salienta a extensão das redes em articulação com a natureza dos laços e as funções e composição dessas redes. Identificam-se cinco tipos de redes consoante o assento dado aos subconjuntos de que são compostas, os quais surgem por entre a natureza dos laços, função, extensão e composição das redes. Estes subconjuntos que designamos por redes parciais são dissecados tomando em conta aquelas variáveis.

Em primeiro plano, no que respeita à natureza dos laços as redes parciais tanto podem ser a família como o grupo de pares dentro das FA ou fora das FA. Ainda do ponto de vista da natureza dos laços, os entrevistados integram nas suas redes pessoas com quem têm laços de diferentes tipos. Aqui incluem-se laços biológicos ou consanguíneos de fratria, parentalidade, aliança, compadrio, etc. e laços afínicos de amigos das FA, colegas de trabalho, vizinhança, outros tipos de amigos, etc. Estes laços podem ser mais ou menos densos. A natureza dos laços vai preencher a composição das redes que liga as pessoas que completam a rede de ego. Vemos que ego, para além dos elementos das FA, se relaciona mais ou menos com outras pessoas com quem estabelece outro tipo de laços, consanguíneos ou por afinidade e esses laços podem prevalecer uns em detrimento doutros.

Em segundo plano, quando pensamos na função, as redes parciais tanto podem ser redes de pequenas ajudas como de grandes ajudas materiais e simbólicas. São exemplos de pequenas ajudas simbólicas o apoio moral, o convívio, os passeios e de pequenas ajudas materiais a dádiva ou empréstimo de uma quantia pouco importante de dinheiro ou de um bem mais acessível. Um exemplo de grandes ajudas simbólicas pode ser ajudar o (a) filho (a) a entrar em recuperação, bem como um apoio considerável em situação de adição, doença ou morte de alguém muito querido. As grandes ajudas materiais seriam a dádiva ou empréstimo sem reembolso previsto de uma quantia importante de dinheiro. Em terceiro plano, quanto à composição, as redes parciais tanto podem ser redes de íntimos e redes de ajudas dadas como redes de ajudas recebidas. São as primeiras formadas pelos indivíduos considerados importantes para ego, as segundas constituem-se a partir de quem ego ajuda, as redes de ajudas recebidas são redes de pessoas com quem ego interage rotineiramente e que lhe dão os pequenos ou grandes apoios materiais ou simbólicos (Kellerhals e McClusley, 1988a; Portugal, 2007a). Em quarto plano, a extensão dessas redes parciais motiva a importância que as pessoas lhes concedem.

É do conjunto das redes específicas inerentes às redes parciais que conseguimos captar globalmente a natureza dos laços, bem como a função, extensão e composição das redes dos nossos entrevistados. Vamos então propor ver estas dimensões na sua totalidade.

O primeiro tipo de redes definimos como “redes lassas”. Para esta denominação temos por base Bott (1971: 71-78). Estas redes são caracterizadas pela quase inexistência de amigos exteriores às FA. É nas FA que as pessoas encontram os pequenos apoios simbólicos, como o convívio e apoio moral nas reuniões regulares, raramente possuindo grandes apoios simbólicos e não possuindo pequenos e grandes apoios materiais. Mas na rede das FA não existem laços que motivem sociabilidades rotineiras. “Eu tinha de falar com alguém (...) e, portanto, eu até na praia com pessoas que eu não conhecia desabafei naquele período.” (Entrevista 12). Os contactos telefónicos somente acontecem em última instância. No âmbito de redes pouco representadas que é do que aqui se trata (Coenen-Huther, Kellerhals e Allmen, 1994; Vasconcelos, 2002, 2005), o círculo mais distante do mapa das redes amicais se é preenchido, contém elementos muito distantes ou apenas “conhecidos”.

Por outro lado, a família que consideram mais próxima traz consigo um conceito amplo. Os entrevistados não a restringem à sua família de procriação (anterior ao *empty nest* ou *semi-empty nest*), alargando-a a outros parentes. Porém, e apesar disso, a escassez de apoios releva uma falência nesta matéria e, portanto, também no que se refere à função da rede de parentesco nas sociabilidades ou pequenos apoios simbólicos. “Eu não me afastei da minha irmã, foi a única pessoa que eu não me afastei foi dela (...) foi uma pessoa que sempre me apoiou porque não estava na situação em que está agora, não é.” (Entrevista 11). Já para não falar nos grandes apoios simbólicos ou mesmo materiais, como por exemplo as conversas (ou acções) com o filho (a) adicto (a) no sentido de o (a) encaminhar para tratamento ou os apoios nas grandes carências económicas. Notamos uma visão de família que sendo alvo do conceito amplo salienta a sua falência nos apoios. Contudo, as redes de ajudas dadas são preenchidas essencialmente pela família e consistem em pequenos apoios simbólicos e materiais, como estar presente para os filhos e de um a dois irmãos e dar aos primeiros pequenas quantidades de dinheiro ou bens.

As “redes lassas” são protagonizadas por pessoas distintas com tipos de laços também estes distintos. Encontramos aqui mulheres adultas e idosas que são divorciadas ou casadas, vivendo sós ou em situação de *semi-empty nest* e tendo de um a cinco filhos, sendo que um destes continua a consumir drogas, geralmente. Os seus capitais escolares resumem-se ao ensino primário e os capitais económicos são também deficientes. Existindo uma similaridade nestes capitais, a mesma não se verifica nos capitais sociais, pois se certas entrevistadas dão conta de redes com poucos elementos, há aquelas que relatam um cenário de quase nenhuns laços. Estes dois pólos mostram os casos mais antagónicos mas encontram-se situações híbridas que oscilam entre esses. Neste sentido, fazemos a descrição destes casos mais distintos visto que os híbridos são o meio termo dos polares e são, assim, espontaneamente deduzidos. Inscrevem-se aqui Anita, Ema, Helena e Francisca.

Num extremo, as redes amicais fora das FA são quase nulas, com um nó de contacto muitíssimo esporádico, e as redes amicais dentro das FA encontram-se na mesma situação. As sociabilidades e contactos telefónicos são raros. A rede de parentesco, apesar de ser grande, encontra-se distanciada e os seus elementos vivem longe de ego, interagindo este com poucos parentes que não os filhos. “(...) Sou uma coisa que ando para aqui que não... pronto... eu não devia pertencer ali àquele grupo.” (Entrevista 14). Mesmo com esses, os encontros não acontecem todos os anos sendo esporádicos, bem como as conversas destas pessoas com esses ou com outros elementos da rede. As sociabilidades acontecem quase somente no decorrer das reuniões semanais. Os grandes apoios não existem na vida destas pessoas e os pequenos apoios simbólicos, como o apoio moral, são raros, sendo dados esporadicamente nas FA e na família por um pequeno número de indivíduos, que não perde muito tempo fora da reunião ou que não contacta ego mensal ou mesmo anualmente. Estes actores passam sós as ocasiões festivas. O isolamento tem como resultado a depressão profunda (Lee et al., 2009). Francisca representa esta situação.

No extremo oposto, apesar das redes amicais fora das FA serem formadas por dois nós, as redes das FA são um pouco mais densas e, contudo, descritas com indefinição, o que pode apontar para redes incertas por serem pouco precisas na sua descrição. “São muitas, não tem conta. Muitas (...) não tenho contas, não posso contar porque são muitas, porque eu tenho identificação com muitas.” (Entrevista 3). Para estas pessoas, a grande rede de parentesco, é considerada como pouco influente nas suas vidas, indicando as mesmas alguns irmãos que lhes estão próximos. As ocasiões festivas são passadas isolada ou conjugalmente e com os filhos. Estas mulheres estão com uma depressão menos profunda. Neste extremo inscreve-se Anita.

Encontramos neste tipo de redes uma contradição entre os testemunhos de uma família grande e os apoios no seio desta. Paradoxalmente, falando os entrevistados de muitos familiares acabamos por encontrar aqui esta restrição da rede familiar.

As “redes casualistas” têm esta denominação pois as sociabilidades acontecem algumas vezes, mas não são resultado de marcações ou previsões, sendo que quando acontecem devem-se mais ao acaso que a uma certeza previamente combinada e que aconteceria assim. “Tenho muitos amigos aqui na rua, muitos amigos anónimos (...) encontro pessoas amigas com quem não tenho nada marcado, mas que encontro.” (Entrevista 7). Nesta situação inserem-se Amália e Rosário. As mulheres entrevistadas têm entre os 58 e os 65 anos, são viúvas ou casadas, vivem sós em situação de *empty nest* ou com a família de procriação, que se ausenta vários dias por semana, e têm de um a dois filhos, um destes ainda consome drogas ou não consome. Os seus capitais escolares integram o ensino secundário e os capitais económicos são médios.

Estas são redes em que os amigos que não pertencem às FA têm um papel essencial, podendo até ser o mais decisivo – estes são vizinhos, amigos de adolescência ou outro tipo de amigos. Nesta natureza das redes encontram-se grandes apoios simbólicos em um dos nós, que são expressos através da ideia de que se pode contar com o outro para tudo. As redes das

FA têm um papel importante, mas são complementadas com outras redes consideradas tão ou mais importantes na vida dos indivíduos, não deixando de conter pequenos apoios simbólicos, principalmente nos passeios ou companhia em eventos culturais e no apoio moral. “Desabafar ou em alturas piores, com certeza. Só uma forma de sermos ouvidas já estamos a ser ajudadas (...)” (Entrevista 15). Esta natureza das redes pode ter encerrado grandes apoios simbólicos pontuais em gestos importantes para a recuperação do (a) filho (a) que dificilmente surgiriam no presente. O conceito de família pode ser estreito ou amplo, mas mesmo quando é amplo não deixa de se salientar a proximidade das relações com a família de procriação. Tanto num caso como noutro os filhos são considerados fontes de grandes apoios simbólicos ou materiais, apesar de serem dúbios tendo em conta as suas idades e situações económicas embrionárias. Poderá sobressair aqui uma falência da parentela (Bott, 1971; Saraceno, 1992; Vasconcelos, 2002, 2005) nos apoios. Apesar disso, em alguns casos, crescem-se mais elementos à rede de apoio que se constitui no seio da família, mas estes surgem em contexto de grandes apoios em que seria impossível cobrirem as necessidades propostas. Foi sugerida, como exemplo de grandes apoios, uma situação pronunciada de incapacidade física ou de dificuldade económica sem reembolso à vista. Contudo, a família tem uma função importante nos pequenos apoios simbólicos e, como prova disso, as ocasiões festivas são passadas com a mesma.

Nestas redes surgem grandes ou pequenos apoios materiais e simbólicos que são dados aos filhos, como o pagamento de uma licenciatura. Ainda no âmbito das redes de ajudas dadas emergem pequenos apoios simbólicos dados a alguns elementos da família e aos amigos dentro e fora das FA. Começa a notar-se a existência de redes de íntimos com as quais não se interage rotineiramente, o que acontece nos próximos tipos-ideais (Portugal, 2007a).

O tipo de redes assinalado como “redes prováveis” possui tanto nas redes amicais das FA, como naquelas exteriores às FA, mais nós com quem se mantém contacto frequente. Os amigos tanto podem pertencer às redes amicais de vizinhança e das FA, como ser amigos de infância, colegas de trabalho, etc. Dois destes nós podem ser fonte não somente de pequenos apoios simbólicos como de grandes apoios simbólicos. “(...) Fora das reuniões há uma pessoa com quem eu saio mais (...) se vou a qualquer lado convido-a, vou com ela (...)” (Entrevista 5). Ambos os tipos de apoio são maiores que nas redes casualistas, apesar dos grandes apoios não estarem, obviamente, patentes em todos os nós e não serem representados por muitos nós. São exemplos de pequenos apoios as caminhadas ou idas ao cinema e os contactos telefónicos, como de grandes apoios as visitas em momentos de grande preocupação e a ajuda quando da doença ou morte de um familiar muito próximo. Estes nós de grandes apoios simbólicos podem socorrer os actores presentemente se houver necessidade dos mesmos.

O conceito de família é amplo, considerando-se que a família próxima se estende para além da família de procriação (ver anexo G, p. LXXV-LXXX com as genealogias-padrão dos entrevistados). Os grandes apoios podem estar também representados e quando isso acontece cifram-se em alguns nós. “Se eu estiver doente (...) com a minha prima posso contar em todos os minutos do dia (...) A minha tia também (...) está sempre disponível para mim.” (Entrevista

9). Mas mesmo quando não é posta essa hipótese, os pequenos apoios simbólicos são rotineiros.

As sociabilidades são mais frequentes, acontecendo com a rede de parentesco à qual se podem juntar outros nós das redes amicais. Assim sendo, estas redes são prováveis porque os seus elementos interagem com as suas redes telefónica ou presencialmente e essa interação não só é possível como acontece de modo esperado e combinado. As ocasiões festivas são passadas em família mas em algumas dessas ocasiões, contudo, juntam-se família e amigos. Estas mulheres podem também conviver em eventos culturais com estas redes. Podemos notar sociabilidades fora das redes sociais, como sejam as viagens em excursão ou isoladamente, que podem acontecer dentro ou fora do país. As redes de ajudas dadas existem em qualquer uma da natureza dos laços, salientando-se os pequenos apoios simbólicos, sendo que os grandes apoios materiais emergem no contexto dos diversos tratamentos dos filhos (Kellerhals, Coenen-Huther, Modak, 1988b: 163-164). Nesta situação incluem-se Raquel e Fernanda. Estas mulheres têm entre 60 e 66 anos, são viúvas ou casadas, vivem sós em situação de *empty nest* ou com a família de procriação e têm um único filho, este pode ou não consumir drogas. No que respeita aos capitais escolares e económicos, possuem o ensino secundário e têm rendimentos médios.

O tipo de redes que considerámos “redes imediatistas” contém redes extensas nas três partes de que provêm ou muito extensas em duas destas. A rede de parentesco pode ser avaliada como muito importante ou menos importante nos apoios, mas o conceito de família é amplo, podendo incluir grandes apoios simbólicos relevantes, como em situações de adição do filho, ou pequenos apoios simbólicos patentes no convívio e desabafo, principalmente. De qualquer forma, estes últimos são muito comuns. “(...) Tenho então um dos meus irmãos está sempre disposto a fazer tudo e mais alguma coisa, até às vezes quando sei... ‘Ai, queres que ele venha para cá!’ (...)” (Entrevista 6).

A rede das FA é essencial para as pessoas em questão sendo extensa e combinando os pequenos apoios simbólicos que quase são corriqueiros, com os grandes apoios simbólicos em caso de doença, morte e adição ou, raramente, os grandes apoios materiais como o empréstimo sem reembolso previsto de uma quantia importante de dinheiro. “Por exemplo, com a doença do meu marido, houve muitas pessoas deste grupo que se solidarizaram muito comigo, foram muito... um grande apoio para mim durante a doença e depois com a morte do meu marido também.” (Entrevista 10). Com esta rede fazem viagens ao estrangeiro e participam em festas conjuntas (Putnam, 2000; Putnam & Feldstein, 2003).

As redes amicais fora das FA são também amplas e incluem os pequenos e grandes apoios simbólicos, apesar disso em alguns casos a adição não se traz a lume nestas redes e noutros sim. “(...) Tanto do divórcio como da separação (...) nessa altura estive muito em baixo e foram as minhas amigas sobretudo e alguns amigos que me ajudaram, nesta situação do meu filho também (...)” (Entrevista 13). Estas redes amicais incluem colegas de trabalho, vizinhos ou outro tipo de amigos. O círculo mais distante do mapa inclui nós com quem se têm encontros menos rotineiros que com o círculo próximo mas frequentes (mensais).

Aqui as redes de ajudas dadas são vastas e existem em qualquer uma da natureza dos laços. Os grandes apoios simbólicos a familiares e amigos são frequentes, surgindo também grandes apoios materiais dados aos filhos, por exemplo, o empréstimo da casa de férias para habitação ou o pagamento de formações dispendiosas ou licenciaturas.

As sociabilidades acontecem de modo regular, podendo-se dizer que estas pessoas à partida as têm a seguir a assim o desejarem. Nesta situação inscrevem-se Natália, Cláudia, Constança e Jacinta. Estas mulheres têm entre os 64 e os 71 anos, vivem sós ou com os maridos em situação de *empty nest* e têm de um a cinco filhos, sendo que um dos filhos não consome drogas há vários anos, geralmente. Os capitais escolares variam entre o ensino secundário e o ensino superior que é predominante. Os rendimentos podem ser altos e aliar-se a alguns bens.

O tipo de redes que denominámos “redes expressivas” possui famílias grandes com uma importância crucial nas redes. Apesar do conceito de família ser estreito (ver anexo F, pág. LXXI-LXXII), esta encerra não somente os pequenos e grandes apoios simbólicos, destes últimos é um exemplo ajudar o filho a deixar de consumir drogas, como excepcionalmente os grandes apoios materiais. Aqui incluem-se principalmente as relações de fratria. “Há uma ajuda que eu nunca pagarei que foi, em plena primeira fase de consumo do meu filho, ele ter cá vindo, ter percebido, ter sabido (...) não lhe ter pedido nada e ele ter sugerido ir com ele para o Brasil (...) deu-lhe a possibilidade de uma nova vida (...)” (Entrevista 4).

As redes das FA são muito grandes e importantes na vida dos indivíduos, mas não substituem a família ou os grupos de pares fora das FA. Esta composição das redes inclui pequenos e grandes apoios simbólicos que são fruto do convívio simplesmente ou das ajudas em situação de doença, mas os grandes apoios materiais restringem-se a poucos nós. “(...) só a esse casal é que era capaz de dizer: ‘Olhe, empreste aí umas dezenas de milhares de euros e olhe que quando eu vender uma casa, qualquer coisa, é que lhe poderei pagar.’” (Entrevista 2). As redes imediatistas podem ter recebido estes grandes apoios materiais nas redes expressivas e as viagens ao estrangeiro agrupam os elementos destes dois tipos de redes. Além das redes de ajudas dadas existirem nas FA, estas também têm lugar fora das FA, designadamente nos grandes apoios materiais dados aos filhos que são muito maiores que em qualquer outro tipo de redes.

Os amigos fora das FA são também muito significativos e fonte de apoios simbólicos, desde o convívio ao apoio em situação de doença, podendo os actores recorrer a esses para resolver questões económicas e surgindo nesta natureza das redes, portanto, grandes apoios materiais. “Estes amigos de décadas não entraram no problema do filho, entraram na doença. Fizeram-no com grande amizade, interesse, convicção, assiduidade, fizeram.” (Entrevista 1). Estes amigos são colegas de trabalho e outros tipos de amigos (ver anexo H, p. LXXXI-LXXXVI onde se apresentam os mapas das redes-tipo dos entrevistados). O círculo distante do mapa inclui muitos nós com quem se têm encontros menos frequentes, podendo até estar incluídas pessoas com quem se têm encontros mais rotineiros. Estes entrevistados têm convivialidades diárias que podem acontecer em eventos culturais. Os dois sexos estão irmanados tanto no

expressivo como no instrumental, mulheres e homens frequentam as reuniões, acção em que se salienta o expressivo no sentido em que se dá e se recebe apoio ao longo das mesmas (Anexo C, p. LIV-LV, onde se pode encontrar o compasso temporal das reuniões das FA). Inserem-se nesta situação os casais de Catarina e Ricardo e de Antonieta e Filipe. Estes casais têm entre os 68 e os 75 anos, vivem juntos, estão em situação de *empty nest* e têm de dois a três filhos, sendo que um dos filhos é adicto passivo há vários anos. Qualquer um dos elementos tem o ensino superior e os rendimentos são altos. Os capitais económicos incluem também diversos bens.

Nos tipos de redes analisados salientamos que os amigos estão, tendencialmente, na mesma situação de ego no que respeita os capitais culturais e económicos (Bourdieu, 1989; ver também Bourdieu, 1997). No entanto, qualquer uma das pessoas entrevistadas não definiu com exactidão os nós das FA que lhe são distantes preenchendo o círculo distante do mapa das redes amicais das FA com, de modo indefinido, recém chegados, pessoas que estão há menos tempo, pessoas com problemas diferentes, etc. Para os entrevistados os elementos das FA que frequentam a sua ou as suas reuniões pertencem, quanto mais não seja, às suas redes de íntimos pois não se conseguem encontrar precisamente quem são as pessoas distantes, o que pode apontar para a não existência desse distanciamento. Apesar da natureza dos laços ser uma dimensão que inclui a origem, é indissociável da composição das redes que mostra as redes com o estatuto dos elementos que as compõem. Neste contexto, é importante sublinhar que as FA estão na natureza dos laços e nutrem por si só a sua composição. Os membros têm a partilha e a interacção semanal das suas reuniões regulares mesmo que não se contactem telefonica ou presencialmente fora das reuniões (ver anexo I, p. LXVII-LXX com sínteses da configuração das redes dos entrevistados).

6.2. Famílias Anónimas: substituto funcional da família?

As Famílias Anónimas (FA) são exclusivamente o substituto funcional da família para uns ou complementam a família para outros, podendo existir essa substituição ou complemento nas redes amicais fora das FA para mais alguns. Existem aqueles em que as três composições das redes se complementam. Para dissertar sobre se as FA substituem funcionalmente a família colocamos três perguntas que definem o modo de as encarar. São as FA sentidas como sendo família ou mesmo a sua família (Widmer, 2006: 987)? Ou tem a família um papel mais importante que as FA (Portugal, 2006: 538)? Uma outra questão se coloca neste âmbito. É o grupo de pares fora das FA tão importante como a família e como as FA ou mesmo mais (Portugal, 2006: 538)? Para responder a estas perguntas construímos quatro tipos-ideais que dão ênfase a diferentes naturezas dos laços ou a um misto destas naturezas.

Vamos agora analisar esta mesma dinâmica. Nas “redes associativas” as FA têm um papel importante que vem substituir as funcionalidades familiares. Anita diz-nos claramente em entrevista que as FA são a sua família: “Eu costumo dizer que em Famílias Anónimas arranjei uma família que nunca tive (...) A família de sangue nunca quis saber, praticamente não existe,

nunca tiveram uma palavra sequer, nem ajudas, nada, absolutamente nada.” (Entrevista 3). Apesar disso, notamos nos testemunhos um *bridging* muito abrangente e pouquíssimo filtrado em que uma grande parte das pessoas parece ser mais importante que a família, não havendo identificação de quem são e do que fizeram para ser. Anita, Ema, Helena e Francisca, que o disseram explicitamente ou que o deixaram transpirar das entrevistas, inserem-se nesta situação. As FA podem também ser substituto funcional da família por morte de parentes, surgindo um *bridging* em que se explica pormenorizadamente, noutra altura da entrevista, de quem se é mais afim. “Foi uma família que eu arranjei aqui, eu acho que isto para mim é uma família.” (Entrevista 5). Aqui inscreve-se Fernanda.

Nas “redes mistas”, as FA podem ser um complemento da família, fazendo Amália alusão, à conversa comigo fora do contexto de entrevista, às suas três famílias, a rede de parentesco e as redes amicais dentro e fora das FA. As FA constituem uma família parcial, mas este *bridging* é definido em situação de entrevista com uma identificação precisa. Nestas redes incluem-se ainda situações em que os amigos fora das FA são um complemento da família, estando as FA em segundo plano. Inscrevem-se aqui Amália, Cláudia, Constança e Jacinta.

Nas “redes afínicas”, as pessoas sublinham a importância dos amigos exteriores às FA. “A família é-nos imposta, não é, os amigos escolhemos nós. Portanto, muitas vezes, contamos mais com os amigos do que com a própria família.” (Entrevista 15). Rosário está incluída nesta situação (Portugal, 2006: 537-538).

Nas “redes familistas” a família é uma instituição importante que deve ser preservada e alimentada e cujos relacionamentos não são passíveis de ser destruídos ou aligeirados pois os apoios na família são numerosos e valiosos para os entrevistados. “(...) Portanto, é aquele castelo que nós irmãos formámos e que não deixamos ali penetrar ninguém ainda hoje (...)” (Entrevista 2). Sendo a família um peso pesado nas redes e o conceito de *bridging* aplicado com muita selectividade e parcimónia, as pessoas entrevistadas têm nós das FA que encaram como sendo da família. “(...) Acompanham-nos como se nós fossemos verdadeiramente familiares, de resto digo-lhe que o conceito de família que eu tenho... eu tenho aqui amigos que são tão meus amigos quanto os meus irmãos de carne (...)” (Entrevista 8). Mas estas pessoas são como a família e não um substituto funcional ou um complemento, prevalecendo a essencialidade da instituição familiar. Os amigos podem ser comparados com os irmãos mas os últimos são carne da mesma carne, sendo os amigos também amigos. Exemplificam esta situação os casais de Catarina/Ricardo e Antonieta/Filipe.

Existem entrevistadas com “redes familistas” que não dão conta directamente de sentimentos ou comportamentos *bridging* com as FA, mas nota-se no não dito uma grande valorização de certos elementos, o que nos reporta para o mesmo conceito, nomeadamente nos grandes apoios simbólicos e materiais. “(...) Se não puder satisfazer tudo depois vou pagando (...) para mim foi assim uma surpresa até, não estava à espera, uma pessoa não está muito habituada, especialmente fora da família, não é.” (Entrevista 6). Para as entrevistadas, alguns laços das FA deram apoios que não seriam de esperar dos amigos mas sim dos parentes. Natália inscreve-se nesta situação. As FA podem ser ainda um complemento algo

superficial, apesar dos contactos telefónicos rotineiros, num *binding* em que não são vistas como estando no mesmo patamar da família, tendo esta última uma importância crucial. Nesta situação inclui-se Raquel (ver anexo F, p. LXXIII-LXXIV).

6.3. Intensidade das reconfigurações

A intensidade das reconfigurações leva-nos às mudanças que foram ocorrendo nas redes de ego e, de algum modo, cruza variáveis focadas a propósito dos tipos de famílias e dos tipos de redes como sejam as competências escolares/profissionais, os elementos que compõem as redes e as ajudas. Passemos à construção típica das reconfigurações (ver anexo I, p. LXXXVII-XC, que nota as reconfigurações-tipo dos entrevistados). O primeiro tipo de reconfigurações designámos como “reconfigurações de estigmatização”. Nestas pode ter existido uma vida de trabalho infantil ou um distanciamento da família. Mesmo quando estas mulheres não o dizem explicitamente salienta-se a falta de apoio familiar. O trajecto escolar foi muito curto mesmo que estas mulheres não tenham trabalhado em crianças. “(...) nós tínhamos que ajudar nos trabalhos e colaborar, se não trabalhássemos levávamos nas orelhas e não nos fizeram mal nenhum (...)” (Entrevista 12). No trabalho remunerado mantiveram-se os danos da falta de escolaridade (Pais, 2001).

O casamento não trouxe resposta aos sentimentos de estigmatização e, mesmo para aquelas mulheres que dizem ter sido felizes, veio piorar as suas vidas que começaram, muitas vezes, a ser pautadas pela violência conjugal. O nascimento dos filhos, antecedido ou precedido de divórcio, não mudou a situação de exclusão familiar que foi agravada com a adição do (a) filho (a) (Escotado, 2004; Neto, 1990; Olievenstein, s.d.; Xiberras, 1997).

Depois de vários empregos precários, estas entrevistadas podem ter entrado na reforma, tendo emergido o quase desaparecimento das redes amicais fora das FA. “(...) claro, estas minhas amigas do lar eram minhas amigas e foram minhas amigas na altura (...) mas cada uma depois foi para seu lado, não ficaram aquelas correntes (...)” (Entrevista 11). As FA terão chegado às suas vidas antes da reforma e constituíram uma fonte de pequenos apoios funcionais (simbólicos) que vieram mudar a situação em que se encontravam, devendo-se estas mudanças à prática do programa, essencialmente. Estas pessoas, quando questionadas sobre em que FA as ajudaram, sublinham os pontos do programa que consideram mais importantes. “Famílias Anónimas ensinou-me a lidar com a doença (...) do meu filho, a doença da adição, tendo ele outras doenças porque ele é seropositivo e tem hepatite C (...) eu aprendi a lidar e a aceitar essas doenças de uma maneira diferente (...)” (Entrevista 3). Não salientando as suas redes das FA, nem o convívio/diversão, apoio moral, companhia em eventos das FA e o contacto telefónico entre as reuniões, estes pequenos apoios funcionais poderão não ter sido e não ser relevantes no seu entendimento das FA e nas suas reconfigurações, mesmo naquelas que se estendem para além dos grupos das FA, que teriam feito com que estes apoios viessem à memória quando falamos nas FA. As reconfigurações de estigmatização

deram-lhes redes lassas porque não mantiveram os amigos que foram fazendo no decurso do trajecto de vida. Inscrevem-se aqui Anita, Ema, Helena e Francisca.

O segundo tipo de reconfigurações denominámos “reconfigurações contingentes” que podem ser abrangidas pela morte de familiares próximos ou distanciamento dos mesmos. A infância e adolescência pautaram-se por problemas familiares ou de saúde, mas podem ter sido acompanhadas por formação escolar regular. Apesar disso, estas mulheres podem ter começado a trabalhar cedo. “(...) A minha mãe internada numa clínica psiquiátrica (...) o meu irmão, as desintoxicações eram seguidas (...) e o meu pai vai para um lar, portanto, imagine-me antes dos 30 anos (...) assegurar e assegurar até economicamente (...)” (Entrevista 15). Não tendo concluído o ensino secundário, tiveram formação nas suas áreas profissionais e subiram na carreira. O casamento trouxe um período de felicidade que foi quebrado pela morte ou distanciamento do cônjuge, os filhos também se distanciaram física ou emocionalmente. A adição passada ou presente do (a) filho (a) trouxe consigo a médio prazo a frequência das FA das quais as entrevistadas podem salientar o desabafo, apoio moral, convívio/diversão. Estas não ocultaram ou ocultam das redes de parentesco e das redes amicais fora das FA a adição do (a) filho (a). A reforma afastou-as do convívio diário mantido em contexto profissional e ficaram mais sós.

As entrevistadas não referem as redes das FA que possuem presentemente quando perguntamos em que FA as ajudaram, mas sim o programa ou as pessoas no geral. “Foi muito bom e foi muito gratificante ver pessoas que tinham os filhos em recuperação há algum tempo (...) a partir do momento em que eu entrei no programa dos doze passos as coisas mudaram completamente (...)” (Entrevista 5). As reconfigurações contingentes motivam redes casualistas que dependem geralmente do acaso, podendo estas mulheres ter mantido dois ou três nós de relacionamentos mais antigos. Amália e Rosário incluem-se nesta situação.

O terceiro tipo de reconfigurações identificámos como “reconfigurações de padrão semi-mantido” em que a infância e adolescência ou decorreram harmoniosamente ou surgiram questões trágicas de saúde. “(...) Tinha até muitas amigas que me iam... porque eu tinha alturas em que estava muito tempo imobilizada e apareciam lá a visitar-me (...)” (Entrevista 9). O ensino secundário pode ter sido terminado depois destas duas fases do percurso de vida, mas no contexto profissional, de qualquer modo, continuaram a sua formação e foram subindo de estatuto. A entrada na reforma trouxe consigo uma continuação de relacionamentos, visto que se mantêm alguns laços com as redes profissionais e outras. No casamento decorreu ou decorre uma relação de camaradagem, bem como na parentalidade. O apoio familiar durante a infância, adolescência e adultez começa aqui a ter uma função importante e encontramos-lo nas histórias de vida de todas as entrevistadas que se incluem neste ideal-tipo.

A entrada nas FA juntamente com a adição passiva do filho, pode ter constituído uma abertura às redes amicais fora das FA de que se tinham distanciado, com a ajuda do programa que se salienta quando perguntamos em que FA as ajudaram. Mas noutra altura da entrevista são focadas as redes das FA de uma maneira abrangente e referente ao passado. “Mas isso já foi depois de eu estar nas salas porque eu ao princípio pensava que essas pessoas que não

percebiam nada disto. Eu até nem as queria ver, tomara eu não ver ninguém que eu queria... só queria era esta gente toda das salas” (Entrevista 5). Contudo, dizem adorar o desabafo e o convívio/diversão nas reuniões das FA ou ao telefone com alguns elementos das mesmas. As reconfigurações permitiram-lhes granjear redes prováveis, as quais estão presentes à partida. Fernanda e Raquel inscrevem-se nesta situação.

O quarto tipo de reconfigurações avaliámos como “reconfigurações de vinculação média” que assentam em infâncias e adolescências pautadas por percursos escolares longos que vão da obtenção de licenciatura a mestrado. “(...) Ficaram para aí umas quatro ou cinco amigas que vêm desse tempo do colégio (...) posteriormente fiz a minha universidade cá (...) mantenho alguns outros já morreram (...)” (Entrevista 13). Deste modo, estas mulheres foram ou são professoras de diferentes níveis de ensino e obtiveram, se já não trabalham, reformas mais altas que nos tipos anteriores. As ajudas familiares através do trajecto de vida são relevantes. As redes amicais fora das FA surgiram e mantiveram-se através da rede escolar e profissional ou doutras redes. As redes amicais dentro das FA são pensadas como sendo essenciais, mas o programa não deixa de ser referido e, algumas vezes, estas redes são até esquecidas quando perguntamos em que FA as ajudaram ou porque continua a vir às reuniões. Acontece que provavelmente devido ao ‘milagre’ do programa a importância das redes pode não ser considerada, apesar dos apoios em situações de doença, morte e adição ou grandes apoios funcionais e até na diversão/convívio e apoio moral ou pequenos apoios funcionais. “(...) É uma doença de recaídas e, portanto (...) aqui tenho o apoio das pessoas e sempre que houver qualquer problema eu posso-me abrir com as pessoas (...) e percebo que também posso ajudar outras pessoas (...)” (Entrevista 6).

As suas vidas conjugais foram quebradas por morte ou divórcio. Estas mulheres podem ter ocultado de alguns membros da família e das redes amicais fora das FA a adição do filho, mas não se distanciaram. As reconfigurações de vinculação média motivam redes imediatistas ou consistentes. Inserem-se aqui Natália, Cláudia, Constança e Jacinta.

Finalmente, ao último tipo de reconfigurações denominámos “reconfigurações de vinculação forte” que podem ter sido modeladas por infâncias de muito trabalho no campo ou noutras áreas, tendo-se verificado casos de mobilidade social ascendente originados no âmbito de percursos escolares longos na adultícia. Também sucede uma manutenção do estatuto de altos rendimentos como resultado de trajectos escolares longos. A situação profissional foi sendo aprimorada e conjugou-se com a compra gradual de diversos bens que podem ter sido herdados. As ajudas familiares e amicais continuam a ser importante¹⁰ (Vasconcelos, 2005, 2007). Estas pessoas estão ou estiveram a trabalhar em regime de voluntariado noutras associações (às quais denominam ‘movimentos’).

A adição foi ocultada (Torres e Lito, 2008: 62) ou não, caso tenha sido houve um distanciamento sem quebra de laços do grupo de pares fora das FA. A este distanciamento seguiu-se uma aproximação que surge no contexto da recuperação do filho. Estas pessoas procuram todo o tipo de apoios funcionais (simbólicos) nas FA, são exemplos a amizade, que

¹⁰ Saliendo-se um fosso entre os altos capitais e os baixos nas redes sociais

consideram ser um sentimento que não se trate com ligeireza, e os encontros, que são referidos pelas pessoas entrevistadas como sendo essenciais nas redes das FA e nas redes sociais. “(...) Na nossa idade (...) se não cuidarmos das amizades e dos conhecimentos que se podem ir tornando em amizades mais ou menos íntimas, há o isolamento (...) sou uma pessoa que gosto muito de cuidar as amizades em Famílias Anónimas e fora de Famílias Anónimas” (Entrevista 4). Nas reconfigurações de vinculação forte (como nas de vinculação média) salientam-se as redes sociais, as pessoas¹¹ (Lin, 2001: 19), como a ajuda mais importante que se tira das FA. “(...) As pessoas que eu encontrei aqui eram pessoas que tinham o mesmo problema que eu, eram pessoas sensíveis e eu comecei a ganhar amizade por elas (...)” (Entrevista 8). Estas reconfigurações originaram redes expressivas porque se mantêm muitos nós. Nesta situação inscrevem-se o casal de Catarina e Ricardo e de Antonieta e Filipe.

Apesar dos elementos das reconfigurações de vinculação média e forte poderem não valorizar mais o programa do que as pessoas, as competências pessoais obtidas por este meio são de longe as melhor conseguidas e explicitadas. De resto, esta apreensão caminha em crescendo das reconfigurações de estigmatização para as reconfigurações de vinculação forte, bem como a entrada em recuperação dos filhos, como vimos nos tipos de redes.

Propondo fazer agora uma síntese das tipologias apresentadas é de não deixar de referir a restrição familiar e amical das redes lassas e reconfigurações de estigmatização e, portanto, a quase ausência de apoios em que as FA aparecem como sendo a família destas mulheres. Nas redes que se seguem (casualistas) mantêm-se uma certa restrição em que os amigos dentro ou fora das FA podem ser a sua família ou uma das suas famílias, as reconfigurações rodeiam-se de contingências de doença, afastamento ou morte na família e lacunas nas redes amicais no contexto da pós-reforma. As redes prováveis apresentam-se como um tipo intermédio entre as situações anteriormente descritas e as que se seguem. Começamos a assistir a um forte apoio familiar e amical nas redes imediatistas, em que se pode conferir mais importância à família ou a uma mistura das redes, que é ainda maior nas redes expressivas, onde o papel da família é fundamental, relevando-se quer numas quer noutras as reconfigurações de sucesso ou de vinculação média e forte (Aboim, 2006; Aboim & Wall, 2002; Fabien et al., 2007; Guerreiro, 1996; Kellerhals, 2004; Kellerhals, Ferreira e Perrenoud, 2002; Kellerhals & Widmer, 2007).

¹¹ Investindo portanto nas relações sociais com vista a obter um retorno que valorizam

Conclusões

As três tipologias construídas intercessionam-se, interagem e estão em articulação umas com as outras, fazem-se equivaler num movimento recíproco em que o seu traçado não é tão linear como podia ser pensado aprioristicamente.

Primeiro, os tipos de família paralelo¹² e fusional assimétrico coincidem com as redes lassas e com as reconfigurações de estigmatização, os indivíduos aqui inscritos possuem baixos capitais – o tipo paralelo surge excepcionalmente nas redes casualistas, nas reconfigurações contingentes e nos capitais intermédios. Juntam-se aqui as redes associativas e raramente afínicas por força da falência familiar nos apoios. Segundo, o tipo de família companheirismo interage com as redes prováveis, com as reconfigurações de padrão semi-mantido e com os capitais intermédios – podem emergir neste tipo de família as redes casualistas e as reconfigurações contingentes, sempre na mira dos capitais intermédios. Com estas características combinam-se as redes associativas e mistas também por força da falência familiar nos apoios mas que aqui varia na sua frequência. Terceiro, o tipo confluyente está em articulação com as redes imediatistas, as reconfigurações de vinculação média e altos capitais. Aqui fazem-se interagir as redes mistas e familistas, começando a rede de parentesco a conter um papel importante. Quinto, no tipo de família associação identificam-se redes expressivas, reconfigurações de vinculação forte e altos capitais. As redes familistas são as representadas porque encontram diversos apoios na família não deixando de valorizar selectivamente os amigos dentro e fora das Famílias Anónimas (FA).

Podemos concluir que as dinâmicas de interacção familiar estão em sintonia, à partida, com os tipos de redes, apesar de constituírem apenas uma pequena parte da composição destas, e que as reconfigurações são uma causa relevante das redes que os indivíduos possuem. Os capitais económicos e culturais parecem ter também uma palavra ponderosa na configuração das redes dos actores ou na função e extensão dos capitais sociais nas suas diversas vertentes, gerando todos estes capitais riqueza na sua interacção recíproca (Bourdieu, 1980: 2-3).

A construção ideal típica não exclui uma margem de incerteza, visto que se pensam os vários tipos de uma forma modelar, parte-se do pressuposto de que tendencialmente acontece assim. Exactamente por isso, chamamo-los tipos-ideais ou idealmente construídos. É aqui que surgem as limitações desta investigação. Os tipos de famílias, os tipos de redes, os tipos de reconfigurações e mesmo o papel das FA podem emergir da vontade de desencadear um acordo (conjugal), uma conversa ou um encontro (com um parente ou amigo) ou uma acção (de reconfiguração).

Constatamos a existência de um antagonismo entre as redes lassas e expressivas, apesar das oportunidades que a cidade oferece aos indivíduos no que respeita aos capitais sociais (Ager, 1989; Fischer, 1982). Usando uma abordagem semelhante àquela das teorias da individualização (Beck, 1992; Beck, 1997; Beck e Beck-Gernsheim, 2001; Giddens, 2007;

¹² Ver Fabien et al. (2007) que articula os tipos de família com as sociabilidades fora da mesma

Lash, 2000) podemos afirmar que os actores que escolheram os amigos dentro e fora das FA, não se restringindo à parentela, construíram a própria biografia através dos laços que vão cuidando e das actividades que escolhem fazer em conjunto e que mais ou menos promovem. Ainda assim, esta 'sociedade em rede' (Castells, 2002: 493) das FA não deixa de se apresentar como um contraponto às mesmas teorias, visto que nos dá a noção de que na modernidade existem redes sociais cujos laços continuam a ser alimentados e reconfigurados em rede (Bourdieu, 1980; Coleman, 1988, 1990; Lemieux, 1999; Lin, 2001; Portugal, 2006, 2007a; Putnam, 2000; ver também Putnam & Feldstein, 2003).

As FA são grupos de auto-ajuda nos quais se procura que os membros se ajudem a si próprios através das redes das FA. É assim que os seus grupos têm uma importância decisiva, que se alia não somente aos capitais sociais como aos culturais e económicos, que permitem trabalhar melhor o programa. Estes capitais sociais reflectem-se também nas próprias redes das FA. A auto-ajuda funciona melhor quando os capitais são altos motivando redes amplas e coesas, como vimos anteriormente. Nessas condições os indivíduos têm mais sociabilidades, mais trocas, mais relações, mais apoios, mais opiniões, mais ideias, mais racionalidade, mais condições, mais conforto, mais recursos, mais posses, mais confiança, mais a receber, mais para dar e participam também mais (Putnam, 2000, ver também Putnam & Feldstein, 2003). De qualquer modo, na senda da 'relação pura' de Giddens (1989, 1991) que viria substituir o vazio societal, Famílias Anónimas podem ter sido criadas como um mecanismo de promoção de uma boa recuperação, substituindo dependências por laços criados entre pessoas.

As FA são frequentadas maioritariamente por mulheres e mães. Nesta linha, a intenção de prestar apoio aos filhos adictos rege-se por padrões de feminilidade e matrilinearidade. Convém ver todavia que nas redes expressivas esta intenção é transversal aos dois sexos e quando deixamos o plano das representações e passamos à práxis, os homens/pais e mulheres/mães prestam apoio aos seus filhos, sendo estes os principais elementos das redes de ajudas dadas. Os pais fazem-no, porém, com os grandes apoios materiais em alturas decisivas e as mães com os pequenos apoios materiais e simbólicos. Portanto, apesar de nestas redes se notar uma expressividade nas intenções (de ajudar o filho, por exemplo), acaba por se salientar no cômputo geral dos apoios, até certo ponto, um apoio matrilinear e feminino com contornos mais ténues (Vasconcelos, 2002, 2005). Constate-se então uma transitividade e polarização no apoio familiar variáveis segundo os tipos de redes, mas que apontam, no plano geral, para a prevalência do apoio expressivo prestado pela mãe aos filhos principalmente (Attias-Donfut, 1995; Coenen-Huther, Kellerhals e Allmen, 1994). Sublinhe-se assim a importância da selecção das pessoas a quem se dá apoio que faz prevalecer a natureza do laço em questão ou os factores afectivos e não outros (Kellerhals, Coenen-Huther e Modak, 1988b: 148-149).

De qualquer modo, note-se aqui que as redes das FA substituem parte das funções que antes eram mais facilmente encabeçadas pelo estado-providência (Nunes, 1995; Espanha e Alves, 1995; Senett, 2006). Não obstante, no que concerne ao apoio prestado, a maneira de encarar a família (e as outras redes) variar de tipo para tipo e com os capitais culturais,

económicos, sociais e geográficos (Bengston, Schaie e Berton, 1995: 148-149) e causar diferentes atitudes nos apoios prestados e na família que se tem. Até porque, ao longo de toda a etnografia, deparamo-nos com vários tipos de famílias, as quais podem ter filhos que consomem ou que entraram em recuperação. Isso traz-nos também a uma certa superficialidade das análises que apontam para a importância da estrutura familiar nas adições, pois existem outras variáveis que devem ser tidas em consideração para além desta (Broman, Li e Reckase, 2008: 1645). Mesmo assim, entre os vários pontos do programa das FA encontramos o lema “Vive e deixa viver” que vai anular situações de triangulação, fusão, enfim, pseudo-indivuação (Ausloos, 1996; Fleming, 1995) quando estas existem.

Para as pessoas estudadas o tempo parou nas adições dos filhos (Martins, 2002: 63), mas esta paragem conteve intensidades diferentes e mudou com a entrada nas FA. Notámos que pode ser nas classes mais apetrechadas que é ocultado o consumo de drogas do (a) filho (a) (Torres & Lito, 2008: 42, 50-51), evitando-se assim a exclusão familiar e amical que é apanágio das classes menos apetrechadas. O fechamento das FA possibilita o espargimento de regras comuns que aumentam a coesão do grupo (Coleman, 1988: 105-108). Este fechamento não se deve ao facto dos elementos não terem convivalidades exteriores, o que acontece é que todos têm um problema em comum que os outros amigos e que os parentes não compreendem. Contudo, as redes das FA são cultivadas de muitas outras maneiras, como sejam ir às reuniões, partilhar, ‘fazer serviço’, por serem um recurso e um bem que mudou as suas vidas e as completa. Portanto, esta poderá ser uma justificação para nenhuma das pessoas identificar amigos distantes no mapa das redes amicais fora das FA. Encontramos pelo descrito pouca instrumentalidade nas emoções, ao contrário do que é veiculado à sociedade moderna pelas teorias da individualização (Beck, 1999; Giddens, 1989; Lash, Szerszynski e Winne, 1996; Lash, 2000), pois embora os membros das FA frequentem as reuniões com objectivos muito precisos, salientam dessas, embora de modos mais ou menos intensos, o apoio desinteressado no sentido em que dão sem ter necessariamente que receber em troca, como nos confessava Amália:

“Vou-lhe fazer uma confidência, gosto muito, muito da natureza e gosto muito do mar, mesmo eu não vendo (...) eu tenho as imagens construídas no meu cérebro, percebe? Tudo, como se eu estivesse a ver, é exactamente como se estivesse a ver. Eu recordo-me que naquela fase muito difícil do Gonçalo (...) prometi muito a Deus, prometi na Ericeira junto ao mar, prometi que eu ia fazer tudo o que estivesse a meu alcance, enquanto eu fosse viva, para ajudar aqueles que precisam tal como eu estava ao precisar naquela altura (...)” (Entrevista 7).

É de notar que o encaminhamento das pessoas para as FA não tem em conta o facto dos capitais da sala condicionarem o tempo de participação das pessoas com capitais distintos, que não assistem a mais que uma ou duas reuniões e acabam por desistir, apesar de precisarem de apoio como observámos algumas vezes. E se os capitais não são tudo, estamos certos que tiveram aqui uma influência decisiva (Bourdieu, 1989, 1997), como foi explanado no decurso desta dissertação.

Nas redes de alguns elementos das FA, o conceito de família amplo surge relacionado com a restrição familiar e conseqüentemente com as redes associativas, mas não deixa de ser importante referir que não fossem as FA e a família seria a única tábua de salvação destas mulheres, apesar desta restrição (Vasconcelos, 2005, 2007). Nesta mira, as redes de ajudas dadas dimensionam-se para a família e amigos dentro das FA, não obstante as redes de ajudas recebidas terem os seus elos nas FA. Note-se aqui um antagonismo entre as ajudas dadas e recebidas, nas quais a família (principalmente os filhos) parece receber mas não dar em troca. Por outro lado, o conceito de família estreita faz-se interagir com as redes familistas, sublinhando-se os apoios prestados à família e recebidos da mesma, aos quais se juntam os amigos dentro e fora das FA. Encontramos aqui um apoio familiar e amical recíproco do qual se valoriza a rede de parentesco. Nas redes mistas podemos encontrar um conceito de família estreito ou amplo e apoios no seio familiar e amical que são maiores ou menores consoante o tipo de redes. As redes afínicas são comparáveis às redes associativas, sublinhando-se a falência da família nos apoios e a sua substituição pelos amigos fora das FA.

Por muito contraditório que possa parecer são as pessoas que menos parecem receber das FA que mais valor lhes dão, sobressaindo, quando se fala do papel das FA, as redes associativas em que o *bridging* com as FA é pleno ou as redes mistas com um *bridging* parcial e, no sentido oposto, sublinhando ego o apoio do programa ao invés das pessoas que o transmitem e que deste participam. Constatamos ainda a existência de redes familistas em que o *bridging* com as FA é selectivo. Note-se assim uma oposição entre as reconfigurações de estigmatização e de vinculação forte sobressaindo das primeiras a intensidade diminuta mesmo no que tange o papel das FA e das segundas as fortes mudanças que permitem salientar as pessoas das FA cujas relações são mais nutridas e que originam reconfigurações de sucesso nas sociabilidades e apreensão do programa. Entre estes dois pólos encontramos experiências misturadas em que se podem salientar as redes ou o programa.

No contexto desta hibridez, a investigadora interagiu de modo distinto com os membros das duas salas de reuniões. Nas Casas São Vicente de Paulo a integração no grupo foi imediata e incluiu o convite para assistir à Convenção, para as viagens conjuntas antes e depois das reuniões, para fazer parte do jantar de Natal e as sociabilidades que daí advém, existindo um *bridging* desde o primeiro momento. Na Igreja São João de Deus, o *bridging* foi mais demorado mas aconteceu já nos últimos dias de etnografia com a confiança de que era muito apreciada, oferta e empréstimo de livros. Daqui conclui-se que as relações humanas e sociais de observação não obrigam a uma ascendência do (a) investigador (a) sobre os investigados ou a uma supremacia. Na verdade não é obrigatório que assim seja, estas relações podem ser experiências de igual para igual com todos os sentimentos que lhes subjazem e que são expressos por todos os intervenientes da investigação.

A sala de São João de Deus e de São Vicente de Paulo são lugares onde os actores se sentem pertença de uma comunidade, dando-lhes o sentimento uma securidade que lembra a tradição, visto que ali estes encontram referenciais de tempo e espaço (Castells, 2002). No entanto, aqueles que precisavam de reconfigurar as suas redes no sentido de as enriquecer

foram os que não o fizeram, salvo raras exceções que se apresentam nas reconfigurações de vinculação forte na sequência de casos de mobilidade social ascendente, mas apenas numa fracção dos elementos destas reconfigurações. Neste processo de renovação das redes ou na sua ausência notamos uma reprodução social (Bourdieu, 1980, 1989, 1997; Portugal, 1995) na qual são os capitais que parecem permitir auferir experiências frutíferas e constantemente melhoradas. Na sequência da posse de capitais surgem reconfigurações de vinculação mais imediatas ou expressivas e bem sucedidas. Contrariamente, quando os actores os possuem diminuta ou medianamente as trajectórias de vida assentam na estigmatização, frouxidão ou contingência e acaso. Algures entre os opostos, encontramos vidas prováveis ou de padrão semi-mantido.

No que respeita à hipótese formulada, encontramos nas construções ideal-típicas uma heterogeneidade que está patente na estrutura e dinâmicas de interacção familiar, tipos de redes, vários papéis das FA nessas redes, tipos de reconfigurações, como também nos capitais sociais, culturais e económicos e histórias dos filhos adictos (ou filhas) que puderam estudar ou não estudar, trabalhar ou não trabalhar, roubar ou não roubar, parar com os consumos ou continuar, etc. (Miguel, Maia e Gomes, 1999; Velho, 1987; ver também, Velho, 1998), o que vem comprovar a existência de modernidades híbridas ou de “modernidades globais” (Featherstone, Lash e Robertson, 1995: 3) se pensarmos na escala planetária. Esta pluralidade é ainda maior quando fazemos os tipos-ideais interagir entre si, o que nos traz também diferentes tipos de famílias de adictos (Neto, 1990; Torres e Lito, 2008; Vieira, 2008). De acordo com pesquisas anteriores (Cann e Dean, 2009; Fernandes, 2001; Timonen, 2008; Vincent, Phillipson e Downs, 2006; Walker, 2005) encontramos diferentes modos de viver e de interagir com o envelhecimento e, assim, diferentes manifestações da condição de idoso e distintas permutas com os mesmos. Não obstante a hibridiz encontrada, as redes em FA e, mais particularmente, os seus tipos, funções e configurações fizeram estas pessoas renascer.

Referências bibliográficas

- Aboim, Sofia e Karin Wall (2002), "Tipos de família em Portugal: interações, valores e contextos", *Análise Social*, XXXVII (163), 475 – 506.
- Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Adam, Frane e Borut Roncevic (2003), "Social capital: recent debates and research trends", *Social Science Information*, 42(2), 155-183.
- Agier, Michel (1999), *L'invention de la Ville, Banlieues, Townships, Invasions et Favelas*, Paris, Éditions des Archives Contemporaines.
- Agra, Cândido (1995). "Da rapsódia à sinfonia. Os modos elementares do pensamento das drogas". *Toxicodependências* 1 (3): 47-58.
- Almeida, João Ferreira (ed.) (1994), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Anon (1999), *Manual dos Membros*, Lisboa, s.n.
- Anon (s.a.), *Guia Sugerido para as Reuniões*, Lisboa, s.n.
- Atkinson, Paul et al. (2001), *Handbook of Ethnography*, London, Sage Publications.
- Attias-Donfut, Claudine (dir.) (1995), *Les Solidarités entre Génération*, Paris, Éditions Nathan.
- Ausloos, Guy (1996), *A Competência das Famílias – Tempo, Caos, Processo*, Lisboa, Climepsi Editora.
- Bateson, Gregory (1977), *Vers une Ecologie de L'esprit*, Paris, Éditions du Seuil.
- Beaud, Stéphane e Florence Weber (2003), *Guide de L'enquête de Terrain*, Paris, La Découverte.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk Society: Towards a New Modernity*, London, Thousand Oaks and New Delhi, Sage Publications.
- Beck, Ulrich (1997), *The Reinvention of Politics: Rethinking Modernity in the Global Social Order*, Cambridge, Polity Press.
- Beck, Ulrich (1999), *World Risk Society*, Cambridge, Polity Press.
- Beck, Ulrich, Giddens, Anthony e Lash, Scott (2000), *Modernização Reflexiva*, Oeiras, Celta Editora.
- Beck, Ulrich et. al. (2001), *Individualization*, London, Sage Publications.
- Becker, Howard S. (1991), *Outsiders. Studies in the Sociology of Deviance*, New York, The Free Press.
- Bengtson, Vern, K. Schaie, Linda Burton (1995), *Adult Intergenerational Relations: Effects of Societal Change*, New York, Springer Publishing Company.
- Bond, John e Lynne Corner (2004), *Quality of Life and Older People*, Maidenhead & New York, Open University Press.
- Bott, Elisabeth (1971), *Família e Rede Social*, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.
- Bourdieu, Pierre (1980), "Le capital social. Notes provisoires", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31 (31), 2-3.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Razões Práticas: sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Editora.
- Broman, Clifford, Xin Li, Mark Reckase (2008), "Family structure and mediators of adolescent drug use", *Journal of Family Issues*, 29(12), 1625-1649.
- Bruyker, Trees (2008), "Selection versus structure: explaining family type differences in contact with close kin", *Journal of Family Issues*, 28 (11), 1448-1470.
- Burgess, Robert (1997), *A Pesquisa de Terreno*, Oeiras, Celta Editora.
- Calhoun, Craig, Edward Lipuma e Roishe Postone (ed.) (1993), *Bourdieu: Critical Perspectives*, Cambridge, Polity Press.
- Cann, Paul e Malcolm Dean (eds.) (2009), *Unequal Ageing. The Untold Story of Exclusion in Old Age*, Bristol & Portland, The Policy Press.

- Cardoso, Gustavo et al. (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.
- Castells, Manuel (ed.) (1985), *High Technology, Space and Society*, Beverly Hills, London & New Delhi, Sage Publications.
- Castells, Manuel (2002), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel (2001), *The Internet Galaxy. Reflections on the Internet, Business and Society*, Oxford, Oxford University Press.
- Céfaï, Daniel (org.) (2003), *L'enquête de Terrain*, Paris, La Découverte.
- Chaves, Miguel (1999). *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico. Marginalidade Económica e Dominação Simbólica em Lisboa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Coenen-Huther, Josette, Jean Kellerhals e Malik von Allmen (1994), *Les Réseaux de Solidarité dans la Famille*, Lausanne, Réalités sociales.
- Coleman, James (1988) "Social capital in the creation of human capital", *American Journal of sociology*, 94 (1), pp. 95-120.
- Coleman, James S. (1990), *Foundations of Social Theory*, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press.
- Coleman, James S. e Thomas Fararo (orgs.) (1992), *Rational Choice Theory: Advocacy and Critique*, London, Thousand & New Delhi, Sage Publications.
- Costa, António Firmino (1986), "A pesquisa de terreno em Sociologia" em Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.
- Crawford, Lizabeth A. e Katherine B. Novak (2008), "Parent-child relations and peer associations as mediators of the family structure-substance use relationship", *Journal of Family Issues*, 29(2), 155-184.
- Croteau, David e William Hoynes (2000), *Media/Society: Industries, Images and Audiences*, Thousand Oaks, London, New Delhi, Pine Forge Press.
- Dias, Fernando N. (2001), *Padrões de Comunicação na Família do Toxicodependente: uma Análise Sociológica*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Dias, Fernando N. (2002), *Sociologia da Toxicodependência*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Escohotado, Antonio. (2004). *História Elementar das Drogas*, Lisboa, Antígona.
- Fabien, Catherine et al. (2007), "Sociabilités et famille populaire: une socio-ethnographie de la mise en contact", *Réseaux*, 25 (175-176), 119-155.
- Featherstone, Mike, Scott Lash e Roland Robertson (1995), *Global Modernities*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications.
- Fernandes, Ana (1995), *Velhice, Envelhecimento Demográfico e Relações Intergeracionais*, dissertação de doutoramento em Demografia, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Fernandes, Ana (1997), *Velhice e Sociedade: Demografia e Políticas Sociais em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Fernandes, Ana (2001), "Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança média de vida", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, 39-52.
- Fernandes, Luís (1998), *O Sítio das Drogas*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Fischer, Claude S. (1982), *To Dwell Among Friends. Personal Networks in Town and City*, Chicago & London, The University of Chicago Press.
- Fleming, Manuela (1995). *Família e Toxicodependência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Giddens, Anthony (1988), "Dimensões da modernidade", *Sociologia, problemas e práticas*, 4, 237-251.
- Giddens, Anthony (1991), *Modernity and Self-Identity*, Cambridge, Polity Press.
- Giddens, Anthony (1996), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1989), *Runaway World*, London, Profile Books

- Giddens, Anthony (2007), *A Europa na Era Global*, Lisboa, Editorial Presença.
- Guerreiro, Maria das Dores (1996), *Famílias na Actividade Empresarial. PME em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Granovetter, Mark S. (1973), "The strength of weak ties", *American Journal of Sociology*, 78 (6), 1360-1380.
- Granovetter, Mark (1983), "The strength of weak ties: a network theory revisited", *Sociological Theory*, 1, 201-233.
- Goffman, Erving (1988), *Estigma*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara.
- Hanneman, Robert A. e Mark Riddle (2005), *Introduction to Social Networks Methods*, Riverside, University of California (online guide).
- Hannerz, Ulf (1980), *Exploring the City, Inquiries Toward an Urban Anthropology*, New York, Columbia University Press.
- Hespanha, Pedro e Ana Isabel Alves (1995) "A habitação no meio rural: um domínio da Sociedade-Providência", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, 125-153.
- Innis, Harold (1951), *The Bias of Communication*, Toronto, Buffalo & London, University of Toronto Press.
- Jones, Steven G. (ed.) (1995), *Cybersociety: Computer-Mediated Communication and Community*, Thousand Oaks, London & New Delhi, Sage Publications.
- Kellerhals, Jean e Huguette McClusley (1988a), "Uma topografia subjectiva do parentesco. Contributo para o estudo das redes de parentesco nas famílias urbanas", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5, 171-189.
- Kellerhals, Jean, Josette Coenen-Huther e Marianne Modak (1988b), *Figures de L'équité. La Construction des Normes de Justice dans les Groupes*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Kellerhals, Jean, Cristina Ferreira e David Perrenoud (2002), "Linguagens do Parentesco: Lógicas de Construção Identitária", *Análise Social*, XXXVII (163), 545-567.
- Kellerhals, Jean, P. Troutot e E. Lazega (1989), *Microsociologia da Família*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- Kellerhals, Jean (2004), *Mesure et Démesure du Couple*, Paris, Éditions Payot & Rivages.
- Kellerhals, Jean e Widmer, Eric (2007), *Familles en Suisse: les Nouveaux Liens*, Lausanne, Presses Polytechniques et universitaires romandes.
- Lash, Scott (2000), "Risk Culture" em Barbara Adam, Ulrich Beck e Joost Van Loon, *Risk Society and Beyond. Critical Issues for Social Theory*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications.
- Latour, Bruno (2005), *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford, Oxford University Press.
- Lee, Chih-Yuan S. et. al. (2009), "Family income and parenting: the role of parental depression and social support", *Family Relations*, 58 (4), pp. 417-429.
- Legrand, Monique (2001), *La Retraite: une Révolution Silencieuse*, Ramonville Sainte-Agne, Éditions Érès.
- Lemieux, Vincent (1999), *Les Réseaux D'acteurs Sociaux*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Lin, Nan (2001); *Social Capital: a Theory of Social Structure and Action*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lofland, John e Lyn H. Lofland (1995), *Analysing Social Settings. A Guide to Qualitative Observation and Analysis*, Belmont, Wadsworth Publishing Company.
- Martins, Ana (2002). "Famílias: o tempo parado na (toxico)dependência". *Toxicodependências* 8 (2), 63-70.
- Miguel, Nuno, António Maia e Maria Gomes (1999), "Traços, laços e dependências" em José Machado Pais (org.), *Traços e Riscos de Vida*, Porto, Ambar.
- Miranda, David (2003), "Em rede": Algumas questões epistemológicas" em José Rebelo (coord.), *Novas Formas de Mobilização Popular*, Porto, Campo das Letras.
- Neto, Domingos (1990), *Deixar a Droga: Tratamento para os Anos 90*, Lisboa, Edições 70.

- Nunes, João Arriscado (1995), "Com mal ou bem, aos teus até: as solidariedades primárias e os limites da sociedade-providência", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, 5-25.
- Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates*, Porto, Ambar.
- Pais, José Machado (2003), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pereira, Inês (2006), "Movimento em rede. Uma história do Software Livre", em Cardoso, Gustavo e Rita Espanha (orgs.), *Comunicação e Jornalismo na Era da Informação*, Porto, Campo das letras.
- Pires, Rui Pena (2007), "Árvores conceptuais. Uma reconstrução multidimensional dos conceitos de acção e estrutura", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53, 11-50.
- Porta, Donatella e Mario Diani (1998), *Social Movements: an Introduction*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Portes, Alejandro (1998), "Social capital: its origins and applications in modern sociology", *Annual Review of Sociology*, 24, 1-24.
- Portugal, Sílvia (1995), "As mãos que embalam o berço", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, 155-178.
- Portugal, Sílvia (2006), *Novas Famílias, Modos Antigos: as redes sociais na produção de bem estar*, Dissertação de doutoramento em Sociologia, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Portugal, Sílvia (2007a), "Contributos para a discussão do conceito de rede na teoria sociológica", *Oficina do CES*, 271, 1-35.
- Portugal, Sílvia (2007b), "O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79, 35-56.
- Putnam, Robert D. (2000), *Bowling Alone. The Collapse and Revival of American Community*, New York, London, Toronto & Sydney, Simon & Schuster Paperbacks.
- Putnam, Robert e Lewis Feldstein (2003), *Better Together. Restoring the American Community*, New York, London, Toronto & Sydney, Simon & Schuster Paperbacks.
- Ravanera, Zenaida R. e Fernando Rajulton (2010), "Measuring social capital and its differentials by family structure", *Social Indicators Research*, 95 (1), 63-89.
- Saraceno, Chiara (1992), *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Scott, John (1990), *A Matter of Record*, Cambridge, Polity Press.
- Senett, Richard (2006), *The Culture of New Capitalism*, New Haven & London, Yale University Press.
- Timonen, Virpi (2008), *Ageing Societies: a Comparative Introduction*, Maidenhead & New York, Open University Press.
- Toffler, Alvin (1984), *A Terceira Vaga*, Lisboa, Livros do Brasil.
- Torres, Anália e Ana M. Lito (org.) (2008), *Consumo de Drogas: Dor, Prazer e Dependência*, Lisboa, Fim de Século.
- Torres, Nuno & Ribeiro, João Paulo (eds.) (s.d.). *A Pedra e o Charco: sobre o Conhecimento e Intervenção nas Drogas*, Almada, Edições Íman.
- Valentim, Artur (2000). "O campo da droga em Portugal: medicalização e legitimação na construção do interdito", *Análise Social*, XXXIV (153), 1007-1042.
- Vasconcelos, Pedro (2002), "Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe", *Análise Social*, XXXVII (163), 507-544.
- Vasconcelos, Pedro (2005), "Redes sociais de apoio" em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Velho, Gilberto (1987), *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Velho, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Velho, Gilberto (1998), *Nobres e Anjos: um Estudo de Tóxicos e Hierarquias*, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas Editora.

- Vieira, Rita (2008), *Trajectórias e Estilos de Vida Familiar de Ex-residentes de uma Comunidade Terapêutica*, dissertação de mestrado em Família e Sociedade, Lisboa, ISCTE.
- Vincent, John A., Chris R. Phillipson e Murna Downs (2006) (eds.), *The Futures of Old Age*, London, Thousand Oaks & New Delhi, Sage Publications.
- Walker (ed.)(2005), *Understanding Quality of Life in Old Age*, Maidenhead & New York, Open University Press.
- Wasserman, Stanley e Katherine Faust (1994), *Social Network Analysis. Methods and Applications*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Wellman, Barry e S. D. Berkowitz (orgs.) (1991), *Social Structures. A Network Approach*, Cambridge e New York, Cambridge University Press.
- Widmer, Eric D. e Christopher C. Weiss (2000), "Do older siblings make a difference? The effects of older siblings support and older siblings adjustment on the adjustment of socially disadvantaged adolescents", *Journal of Research on Adolescence*, 10(1), 1-27.
- Widmer, Eric (2006), "Who are my family members? Bridging and binding social capital in family configurations", *Journal of Social and Personal Relationships*, 23(6), 979-998.
- Xiberras, Martine (1997). *A Sociedade Intoxicada*. Lisboa: Instituto Piaget.

Anexo A – Modelo de análise baseado na teoria

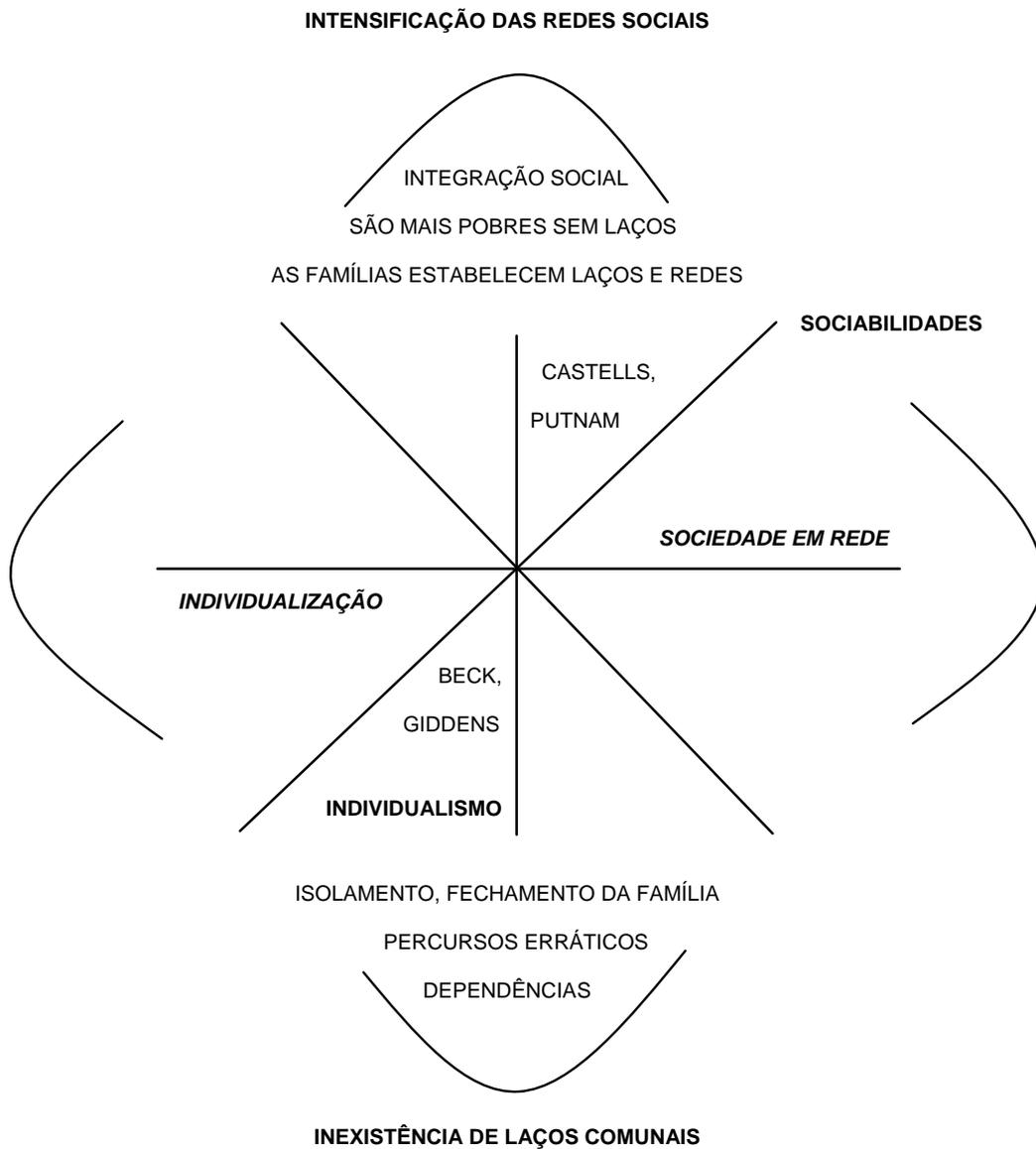


Figura 2 – Modelo de análise que surgiu do quadro teórico de referência

Anexo B – Famílias Anónimas e os capitais económicos e culturais

Na Igreja São João de Deus promovem-se diversas actividades e os bastidores da igreja preenchem um espaço de lazer que contém uma cafetaria e várias salas com as mais diversas funções. A mesma igreja coordena uma intervenção na sociedade civil que percorre assuntos como pastoral familiar, preparação para o matrimónio entre outras; catequese para crianças e adolescentes que inclui guidismo e escutismo; terceira idade, que se baseia no convívio; liturgia e espiritualidade, neste contexto encontram-se serviço litúrgico, oração, espiritualidade e celebrações exequiais; evangelização, educação moral e religiosa nas escolas do primeiro ciclo e acolhimento pastoral; movimentos, que incluem a Legião de Maria e a Acção Católica Independente, entre outros; grupos com diversas actividades como grupo de leitura, forum mediação e presença; as valências da igreja são a Escolinha da Igreja e o Lar São João de Deus; procede-se ainda a acção social, ajuda cristã, adro e armário da avó, entre outras; e existem também três infantários; actividades musicais, música coral; escolas de artes, pintura e artes decorativas, arraiolos e, finalmente, reuniões de grupos de recuperação, Narcóticos Anónimas e Famílias Anónimas. A Igreja São João de Deus dá ainda à sua comunidade apoio psicológico, médico, social e jurídico (www.paroquia-sjoãodedeus.pt).

Nas Casas São Vicente de Paulo podemos encontrar um externato com creche, jardim de infância e onde decorrem aulas do primeiro e segundo ciclo; um serviço de apoio ao emigrante (refeições, documentos.); um lar para irmãs idosas e outro para a comunidade; reuniões de grupos paroquiais para acções de formação nos níveis exequial, pastoral e profissional; centro de dia para idosos; apoio domiciliário (médico, de higiene); uma pequena porção de aulas da Escola de Enfermagem que antes decorriam aí e reuniões de Narcóticos Anónimos e Famílias Anónimas.

Por todas as salas onde acontecem reuniões os membros pagam, com contributos dados no final de todos os encontros, uma quantia simbólica à instituição que lhes dá guarida e fazem mais alguns investimentos. A sala das FA de São João de Deus junta com o contributo dos seus elementos mais do quádruplo que a sala de São Vicente de Paulo, com este montante compra anualmente o quádruplo de literatura e a quantia que dá à igreja e à pessoa que abre e fecha a sala é no conjunto mais do quádruplo que a contribuição que a outra reunião dá às Casas São Vicente de Paulo. A primeira sala contribui também mais de quatro vezes para a Associação Portuguesa de Famílias Anónimas. A lista de telefones que as duas reuniões têm para a ajuda fora dessas tem praticamente o mesmo número de elementos, mas nas Casas São Vicente de Paulo esta contém os números de muitas pessoas que já não frequentam a reunião ao contrário de São João de Deus.

Às reuniões de São Vicente de Paulo assistem poucas mulheres, com baixos capitais culturais (não escolarmente comprovados), económicos e sociais ou capitais intermédios, que têm também alguma dificuldade em apreender e explicar o programa ou em que a facilidade é mediana. Nenhuma das mulheres desta reunião participa nas instâncias organizativas das FA, dando algumas um contributo local mais significativo que se restringe, porém, ao âmbito da reunião. O pequeno número de mulheres presentes não permite que esta reunião esteja bem apetrechada economicamente e os contributos económicos para as FA são reduzidos, bem

como a literatura disponível, mas aqui os capitais culturais poderão ter uma palavra a dizer. Nas Casas São Vicente de Paulo, o apoio à comunidade é diminuto quando comparado com a Igreja São João de Deus. Na reunião que toma lugar neste último espaço o número de membros quadruplica, bem como os capitais económicos dessa que permitem que contribuam bastante para as FA, tendo também um leque vasto de literatura disponível. Os capitais culturais (escolarmente comprovados), económicos e sociais dos seus membros são maiores e alguns têm cargos importantes nas instâncias organizativas das FA. A prática e explanação do programa decorre com muito mais facilidade.

Anexo C – Famílias Anónimas e o compasso nas reuniões

Os encontros de Famílias Anónimas são restritos a alguém com problemas causados pelo consumo de drogas de outro. As visitas presentes nas reuniões dos grupos de auto-ajuda são membros de outros encontros ou alguns indivíduos convidados de Narcóticos Anónimos ou, mais raramente, de Alcoólicos Anónimos. Para gerir o decorrer das reuniões os coordenadores seguem um livrete denominado *Guia Sugerido para as Reuniões* e é a par e passo com esta leitura que se vai desenrolando o início, meio e fim da reunião.

Inicialmente, o coordenador dá as boas-vindas à reunião, depois diz qual o seu nome e função que lhe pertence. De seguida, são lidos alguns parágrafos do guia a respeito do programa, da associação e dos membros. No momento seguinte, o coordenador estimula os visitantes e os *novos* a intervirem activamente na reunião, perguntando se estão presentes elementos pela primeira vez – aos quais renova o cumprimento de boas-vindas -, pela segunda vez ou visitantes. Depois, solicita aos elementos presentes que digam o nome começando da esquerda para a direita e se chegam indivíduos pede-lhes que se apresentem.

Embora seja aconselhado pelo guia que passe uma lista entre os membros com os números de telefone, todos se conhecem bem e sabem o conteúdo da mesma lista e, portanto, este passo é esquecido e somente tido em conta para que os membros novos saibam da existência da lista. Antes do coordenador dar a conhecer o tema da reunião e anunciar as *leituras* esclarece que cada um tem toda a autonomia para partilhar a experiência vivencial não estando por isso a representar Famílias Anónimas. As *leituras* são feitas pelos membros e são geralmente compostas por alguns passos, tradições, forças destrutivas e pequenos textos do livro. Os textos que se lêem encontram-se relacionados com o tema da reunião.

Posteriormente, o coordenador atenta para a importância de evitar o diálogo e centrar a partilha somente em si próprio e no tema do encontro; avisa também os membros das FA que terão de terminar as suas partilhas a determinada hora. Depois da partilha principal de meia hora aproximadamente seguem-se desabafos mais curtos que são também denominados partilhas. Os 25 minutos seguintes são destinados aos elementos novos e são necessários mais cinco minutos para a reunião por terminada. Nos últimos cinco minutos do encontro o coordenador lembra os presentes da sétima tradição, sendo que os contributos dos membros constituem o único fundo para sustentar a associação que não aceita outras contribuições. Cada um coloca a quantia que entende num pequeno saco de tecido. O coordenador adverte ainda para a centralidade do anonimato e para a ideia que do programa se podem apenas aferir sugestões operacionais para a acção. Os membros dão as mãos enquanto rezam a Oração da Serenidade: “Concedei-me Senhor serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar as que posso e sabedoria para distinguir umas das outras”. Depois da oração gritam “Volta que isto resulta! Se trabalhares o programa!” e abanam as mãos antes de as desprender.

Anexo D – Famílias Anónimas e a matéria programática

Os modelos organizativos das FA ordenam toda a disposição estrutural dos grupos de auto-ajuda e o funcionamento dos mesmos é regido pelas doze tradições, quatro forças destrutivas e doze passos. Assim, surgem princípios espirituais que previnem os grupos para um conjunto de propriedades que a organização e os seus membros não devem possuir: aliciar novos membros persuadindo-os a entrar, controlar as opções dos membros, conter um cariz religioso ou médico, estar associado a alguma outra organização e permitir a revelação dos nomes dos membros. O programa das FA articula-se entre os direccionamentos internos das quatro forças destrutivas, as directrizes externas das doze tradições e a caminhada pessoal dos doze passos resumida na Oração da Serenidade. Estas indicações são orientadas por vários lemas como sejam “Vive e deixa viver”, “Até que ponto isso é importante?”, “Mantenha as coisas simples”, “Primeiro as primeiras coisas”, etc.

Os membros, depois de maduros com a chegada do décimo segundo passo, deverão apoiar as famílias e os amigos de toxicod dependentes que o desejem: “Tendo experimentado um despertar espiritual (...) procurámos transmitir esta mensagem a outras pessoas (...)” (Famílias Anónimas, s.d.: 5). Nunca impondo, no entanto, a frequência de reuniões ou a sua opinião. Nos encontros, os membros são livres de fazer as escolhas que entenderem, não havendo uma fiscalização das atitudes, estilos de vida, culturas ou crenças e convicções, nem o encaminhamento para psiquiatras ou psicólogos. A terapia é firmada na ajuda mútua. FA também não se associam a instituições, podendo apesar disso cooperar com as mesmas, porque segundo a sexta tradição “(...) nunca devem financiar, endossar ou emprestar o seu nome a qualquer iniciativa alheia (...)” (Anon, s.d.: 6). Se os membros colaboram com os media ou intervêm em congressos ou outros eventos agem sempre de acordo com a designação de anónimos. Recentemente foi ideada uma sugestão para a partilha nas reuniões e para a vida diária, através de uma quarta força destrutiva, que se cifra em não lembrar o passado, quando guardando lembranças de momentos de dor.

Segundo Torres & Ribeiro (s.d.: 252-253), os doze passos provocam um processo de mudança que se desenrola em quatro fases: da falta de controlo em situações motivadas pelos consumos de drogas de outros à serenidade. Do primeiro ao terceiro passo, o apaziguamento com a vida, segue-se a primeira fase que equivale à aceitação do problema e à anuência de uma necessidade de auxílio exterior: um Poder Superior, um Deus como cada um O concebe. É a fase da entrega e duma mudança na perspectiva pessoal. A segunda fase, do quarto ao sétimo passo, o apaziguamento consigo mesmo, consiste na execução de um inventário das falhas de carácter próprias, na autocritica e partilha. É a fase do desabafo, do arrependimento e da descoberta do que é importante modificar e assunção da necessidade de ajuda para que possa surgir uma mudança. O apaziguamento com o outro, do oitavo ao nono passo, é a terceira fase e consiste no reconhecimento dos danos provocados a terceiros e no concerto directo dos mesmos. Na quarta etapa, do décimo ao décimo segundo passo, a conservação da paz interior, os membros de FA conservam um inventário diário, exercitam modos de interagir consigo próprios e com o Poder Superior que elegeram, e compartilham com os outros o que alcançaram e o que descobriram.

As FA interpretam as adições como sendo uma “doença” submetida a recaídas, assim, a base filosófica da recuperação encontra-se na fórmula “Só por Hoje” (Torres & Ribeiro, s.d.: 255). De facto, os que já amadureceram no programa aconselham os membros mais verdes a não fazer alarde do não consumo e do tempo de recuperação, a invocação da duração da sobriedade como afirmação pessoal, para os mesmos, até pode constituir um sintoma de uma recuperação mal sucedida, podendo uma hipotética segurança motivar uma recaída iminente.

A prática do programa das FA emerge como uma condição importante para a entrada em recuperação dos filhos e/ou a manutenção da adição passiva, sendo que se ambos os pais ou se as mães praticam o programa, os seus filhos tendem a entrar em recuperação e a manter o não consumo. Nesta linha, observamos mais debilidades ou menos na apreensão do programa consoante os capitais sociais, económicos e culturais (escolarmente comprovados ou não). Assim, em São Vicente de Paulo mais de metade dos filhos ainda consomem sendo adictos activos, e em São João de Deus os filhos não consomem sendo adictos passivos, maioritariamente.

Esta constatação leva-nos à teorização de Fleming (1995). Se os pais evoluem com o programa, então, as disciplinas educativas ou pós-educativas vão ser democráticas, vai haver maior comunicação e uma comunicação mais saudável entre pais e filhos, as crises no núcleo familiar deixam de existir, não se descurando a assertividade e estando os pais mais presentes, mas sendo também menos fusionais e mais desprendidos. A “mudança de atitudes” que ocorre com a prática do programa das FA vai motivando a coesão familiar. Acima de tudo, e decorrente do anteriormente dito, o programa das FA vai permitir uma individuação do filho adicto, ao dirigir os membros para o pólo oposto dos comportamentos que inibem essa mesma individuação.

Anexo E – Guiões das entrevistas semidirectivas

Guião das entrevistas sobre Famílias Anónimas

I – PERGUNTAS DE IDENTIFICAÇÃO

- 01 – Quais os objectivos a que Famílias Anónimas (FA) se propõe?
- 02 – Porque se reúnem os membros de FA?
- 03 – Para quê se reúnem os membros de FA?

II – CONTEXTO SOCIAL

- 04 – Que perfil de pessoas frequenta FA?
- 05 – De que maneira as pessoas que aqui vêm conheceram FA?
- 06 – Tem tido renovação dos seus membros?

III – CONTEXTO ORGANIZATIVO

- 06 – Como nasceu FA?
- 07 – Desde quando existe FA?
- 08 – Desde quando existe FA em Portugal?
- 09 – Que mudanças foram surgindo?
- 10 – Como cresceram?
- 11 – Como se organiza FA?
- 12 – Como subsistem a nível material?
- 13 – Como chegam às instalações onde decorrem as reuniões?

IV – CONTEXTO PROGRAMÁTICO

- 14 – Como é o programa?

Guião das entrevistas sobre a temática em análise

I – PERGUNTAS DE IDENTIFICAÇÃO

- 01 – Idade
- 02 – Sexo
- 03 – Estado civil
- 04 – Composição do agregado doméstico (com quem vive)
- 05 – Níveis de formação escolar ou académico
- 06 – Profissão
- 07 – Estatuto socio-económico (rendimento mensal)

II – SITUAÇÃO DO FILHO ADICTO (OU FILHA)

- 08 – O que o trouxe a Famílias Anónimas (FA)?
- 09 – O que aconteceu ao seu filho (ou filha)?
- 10 – O filho (ou filha) ainda consome drogas?

III – INTERACÇÃO AMICAL NAS FAMÍLIAS ANÓNIMAS

- 11 – Desde quando frequenta as reuniões?
- 12 – Em que FA o ajudou?
- 13 – Porque continua a vir às reuniões?
- 14 – De quem se sente mais afim? Porquê? (desenho do mapa das redes amicais FA)
- 15 – Com quem pode (ou pôde) contar mesmo fora das reuniões? Para quê?
- 16 – Sente que poderia passar sem as reuniões e os amigos que fez?

IV – SITUAÇÃO E INTERACÇÃO FAMILIAR

- 17 – Quem são os elementos da sua família com quem vive?
- 18 – Como é a sua família? (desenho da genealogia)
(qual o entendimento da família: mais restrita ou mais ampla)
- 19 – Daqueles com quem vive com quem convive mais?
- 20 – Dos outros membros da família com quem convive mais?
- 21 – Como era a sua situação familiar antes de entrar para FA?
- 22 – Como é a sua situação familiar presentemente?
- 23 – O que mudou?
- 24 – Com quem pode (ou pôde) contar na família sejam aqueles com quem reside ou os restantes? Para quê?

V – INTERACÇÃO AMICAL FORA DE FAMÍLIAS ANÓNIMAS

25 – Tem amigos fora da família e fora de FA?

25.1 – Quantos são? (desenho do mapa das redes amicais fora de FA)

25.2 – Quem são? (redes de integração profissional?)

25.3 – O que faz com eles?

26 – Desses amigos com quem pode (ou pôde) contar e para quê?

VI – CONSEQUÊNCIAS GERAIS

27 – Quantas vezes obteve ajuda no último ano numa altura em que precisou?

28 – Como passou os tempos livres nos dias úteis e fim de semana da última semana?

29 – Com quem passa férias?

30 – Com quem passa ocasiões festivas?

História de vida

Pedia-lhe que me contasse, em pormenor, ao longo da vida quem eram as pessoas mais próximas de si (da família ou fora da família?).
Deu mais ajudas a essas pessoas ou recebeu mais ajudas?
Com quem pôde contar nos momentos de dor, de doença?
A quem presta apoio e de quem precisa de apoio?



Anexo F - Caracterização dos entrevistados

Entrevistados	Tipos de famílias: diferentes dimensões analíticas			
	Estrutural	Interaccional	Classista	Percurso de vida
Entrevistado 1 Catarina (S. João de Deus)	Família tradicional <i>empty nest</i>	Associação	Mais altos capitais	Mais velhos 1
Entrevistado 2 Filipe (Marido de Nisa)	Família tradicional <i>empty nest</i>	Associação	Mais altos capitais	Mais velhos 1
Entrevistado 3 Anita (S. Vicente de Paulo)	Família tradicional <i>semi-empty nest</i>	Fusional assimétrico	Baixos capitais	Essencialmente mais velhos 2
Entrevistado 4 Antonieta (S. João de Deus)	Família tradicional <i>empty nest</i>	Associação	Altos capitais	Mais velhos 1
Entrevistado 5 Fernanda (S. Vicente de Paulo)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Companheirismo	Capitais intermédios	Essencialmente mais velhos 1
Entrevistado 6 Natália (S. João de Deus)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Confluente	Altos capitais	Mais velhos 2
Entrevistado 7 Amália (S. Vicente de Paulo)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Companheirismo	Capitais intermédios	Mais velhos 3
Entrevistado 8 Ricardo (marido de Catarina)	Família tradicional <i>empty nest</i>	Associação	Mais altos capitais	Mais velhos 1
Entrevistado 9 Raquel (S. Vicente de Paulo)	Família nuclear	Companheirismo	Capitais intermédios	Essencialmente mais velhos 1
Entrevistado 10 Cláudia (S. João de Deus)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Confluente	Altos capitais	Mais velhos 2
Entrevistado 11 Ema (S. Vicente de Paulo)	Família tradicional <i>empty nest</i>	Paralelo	Baixos capitais	Essencialmente mais velhos 2

Entrevistados	Tipos de família: diferentes dimensões analíticas			
	Estrutural	Interaccional	Classista	Percurso de vida
Entrevistado 12 Helena (S. Vicente de Paulo)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Paralelo	Baixos capitais	Essencialmente mais velhos 2
Entrevistado 13 Constança (S. João de Deus)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Confluente	Mais altos capitais	Mais velhos 1
Entrevistado 14 Francisca (S. Vicente de Paulo)	Família monoparental <i>empty nest</i>	Paralelo	Baixos capitais	Essencialmente mais velhos 2
Entrevistado 15 Rosário (Ambas)	Família nuclear	Paralelo	Capitais intermédios	Essencialmente mais velhos 1
Entrevistado 16 Jacinta (S. João de Deus)	Família tradicional <i>empty nest</i>	Confluente	Capitais intermédios	Essencialmente mais velhos 1

Quadro 3 – Tipos de família segundo as diferentes dimensões analíticas

Entrevistados	Configuração das redes: os tipos-ideais de redes				
	Redes de íntimos	Redes de trocas	Redes de ajudas dadas	Redes ajudas recebidas	Extensão das redes (tipologia combinada)
Entrevistado 1 Catarina (S. João de Deus)	Parentes ++ +++++ Amigos +++	Parentes ++ +++++ Amigos +++	Parentes +++ +++++ Amigos ++	Parentes ++ +++++ Amigos +++	Redes expressivas
Entrevistado 2 Filipe (Marido de Nisa)	Parentes +++ +++ Amigos ++	Parentes ++ +++ Amigos +++	Parentes +++ +++ Amigos ++	Parentes ++ ++ Amigos +++	Redes expressivas
Entrevistado 3 Anita (S. Vicente de Paulo)	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + Amigos +	Redes lassas
Entrevistado 4 Antonietta (S. João de Deus)	Parentes +++ +++ Amigos ++	Parentes ++ +++ Amigos +++	Parentes +++ +++ Amigos ++	Parentes ++ ++ Amigos +++	Redes expressivas
Entrevistado 5 Fernanda (S. Vicente de Paulo)	Parentes + +++ Amigos ++	Parentes + +++ Amigos ++	Parentes ++ +++ Amigos +	Parentes + +++ Amigos ++	Redes prováveis
Entrevistado 6 Natália (S. João de Deus)	Parentes ++ ++++ Amigos ++	Parentes + ++++ Amigos +++	Parentes +++ ++ Amigos +	Parentes ++ + Amigos ++	Redes imediatistas
Entrevistado 7 Amália (S. Vicente de Paulo)	Parentes ++ +++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos ++	Parentes ++ +++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos ++	Redes casualistas
Entrevistado 8 Ricardo (marido de Catarina)	Parentes ++ +++++ Amigos +++	Parentes ++ +++++ Amigos +++	Parentes +++ +++++ Amigos ++	Parentes ++ +++++ Amigos +++	Redes expressivas

Entrevistados	Configuração das redes: os tipos-ideais de redes				
	Redes de íntimos	Redes de trocas	Redes de ajudas dadas	Redes de ajudas recebidas	Tipologia combinada
Entrevistado 9 Raquel (S. Vicente de Paulo)	Parentes + +++ Amigos ++	Parentes + +++ Amigos ++	Parentes ++ +++ Amigos +	Parentes + +++ Amigos ++	Redes prováveis
Entrevistado 10 Cláudia (S. João de Deus)	Parentes ++ ++++ Amigos ++	Parentes + ++++ Amigos +++	Parentes +++ ++++ Amigos +	Parentes + ++++ Amigos +++	Redes imediatistas
Entrevistado 11 Ema (S. Vicente de Paulo)	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + Amigos +	Redes lassas
Entrevistado 12 Helena (S. Vicente de Paulo)	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes ++ +++ Amigos +	Parentes + Amigos +	Redes lassas
Entrevistado 13 Constança (S. João de Deus)	Parentes +++ ++++ Amigos +	Parentes ++ ++++ Amigos ++	Parentes +++ ++++ Amigos +	Parentes ++ ++++ Amigos ++	Redes imediatistas
Entrevistado 14 Francisca (S. Vicente de Paulo)	Parentes + + Amigos	Parentes + + Amigos	Parentes + + Amigos	Parentes + + Amigos	Redes lassas
Entrevistado 15 Rosário (ambas)	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + ++ Amigos +	Parentes + +++ Amigos ++	Redes casualistas
Entrevistado 16 Jacinta (S. João de Deus)	Parentes + ++++ Amigos +++	Parentes + ++++ Amigos +++	Parentes +++ ++++ Amigos +	Parentes + ++++ Amigos +++	Redes imediatistas

Quadro 4 – Configuração das redes dos entrevistados

Entrevistados	Tipos de redes: diferentes dimensões analíticas						Configuração das redes
	Natureza dos laços		Função das redes				
	Familiares	Não familiares	Materiais		Simbólicas		
			Grandes apoios	Pequenos apoios	Grandes apoios	Pequenos apoios	
Entrevistado 1 Catarina (S. João de Deus)	√	√	√	√	√	√	Redes expressivas
Entrevistado 2 Filipe (Marido de Nisa)	√	√	√	√	√	√	Redes expressivas
Entrevistado 3 Anita (S. Vicente de Paulo)	√	√				√	Redes lassas
Entrevistado 4 Antonieta (S. João de Deus)	√	√	√	√	√	√	Redes expressivas
Entrevistado 5 Fernanda (S. Vicente de Paulo)	√	√			√	√	Redes prováveis
Entrevistado 6 Natália (S. João de Deus)	√	√	√	√	√	√	Redes imediatistas
Entrevistado 7 Amália (S. Vicente de Paulo)	√	√		√		√	Redes casualistas
Entrevistado 8 Ricardo (marido de Catarina)	√	√	√	√	√	√	Redes expressivas
Entrevistado 9 Raquel (S. Vicente de Paulo)	√	√		√	√	√	Redes prováveis
Entrevistado 10 Cláudia (S. João de Deus)	√	√	√	√	√	√	Redes imediatistas
Entrevistado 11 Ema (S. Vicente de Paulo)	√	√		√		√	Redes lassas

Entrevistados	Tipos de redes: diferentes dimensões analíticas						Configuração das redes
	Natureza dos laços		Função das redes				
	Familiares	Não familiares	Materiais		Simbólicas		
			Grandes apoios	Pequenos apoios	Grandes apoios	Pequenos apoios	
Entrevistado 12 Helena (S. Vicente de Paulo)	√	√		√		√	Redes lassas
Entrevistado 13 Constança (São João de Deus)	√	√	√	√	√	√	Redes imediatistas
Entrevistado 14 Francisca (S. Vicente de Paulo)	√					√	Redes lassas
Entrevistado 15 Rosário (ambas)	√	√			√	√	Redes casualistas
Entrevistado 16 Rosário (S. João de Deus)	√	√	√	√	√	√	Redes imediatistas

Quadro 5 – Apresentação de diferentes dimensões com que analisámos os tipos de redes

Entrevistados	Conceito de família: família ampla versus família restrita				
	Ampla decisória	Ampla condicionada	Mediana condicionada ou decisória	Restrita condicionada	Restrita decisória
Entrevistado 1 Catarina (S. João de Deus)		√			
Entrevistado 2 Filipe (Marido de Nisa)					√
Entrevistado 3 Anita (S. Vicente de Paulo)		√			
Entrevistado 4 Antonieta (S. João de Deus)					√
Entrevistado 5 Fernanda (S. Vicente de Paulo)				√	
Entrevistado 6 Natália (S. João de Deus)		√			
Entrevistado 7 Amália (S. Vicente de Paulo)					√
Entrevistado 8 Ricardo (marido de Catarina)		√			
Entrevistado 9 Raquel (S. Vicente de Paulo)			√		
Entrevistado 10 Cláudia (S. João de Deus)					√
Entrevistado 11 Ema (S. Vicente de Paulo)			√		

Entrevistados	Conceito de família: família ampla versus família restrita				
	Ampla decisória	Ampla condicionada	Mediana condicionada ou decisória	Restrita condicionada	Restrita decisória
Entrevistado 12 Helena (S. Vicente de Paulo)		√			
Entrevistado 13 Constança (S. João de Deus)		√			
Entrevistado 14 Francisca (S. Vicente de Paulo)	√				
Entrevistado 15 Rosário (ambas)					√
Entrevistado 16 Jacinta (S. João de Deus)		√			

Quadro 6 – Conceito de família dos entrevistados condicionado pelo tamanho da mesma ou decidido pelos indivíduos apesar do seu tamanho

Entrevistados	Importância atribuída às redes de parentesco <i>versus</i> amicais				
	Redes familialistas	Redes mistas	Redes associativas	Redes afinicas	Notas
Entrevistado 1 Catarina (S. João de Deus)	√				Em FA há 15 anos
Entrevistado 2 Filipe (Marido de Nisa)	√				Em FA há 14 anos
Entrevistado 3 Anita (S. Vicente de Paulo)			√		Em FA há 14 anos
Entrevistado 4 Antonieta (S. João de Deus)	√				Em FA há 15 anos
Entrevistado 5 Fernanda (S. Vicente de Paulo)			√		Em FA há 13 anos
Entrevistado 6 Natália (S. João de Deus)	√				Em FA há 4 anos
Entrevistado 7 Amália (S. Vicente de Paulo)		√			Em FA há 15 anos
Entrevistado 8 Ricardo (marido de Catarina)	√				Em FA há 15 anos
Entrevistado 9 Raquel (S. Vicente de Paulo)	√				Em FA há 4 anos
Entrevistado 10 Cláudia (S. João de Deus)		√			Em FA há 17 anos
Entrevistado 11 Ema (S. Vicente de Paulo)			√		Em FA há 10 anos

Entrevistados	Importância atribuída às redes de parentesco <i>versus</i> amicais				
	Redes familialistas	Redes mistas	Redes associativas	Redes afinicas	Notas
Entrevistado 12 Helena (S. Vicente de Paulo)			√		Em FA há 11 anos
Entrevistado 13 Constança (S. João de Deus)		√			Há um ano em FA com interrupções
Entrevistado 14 Francisca (S. Vicente de Paulo)			√		Deixou de frequentar FA e voltou há um mês
Entrevistado 15 Rosário (ambas)				√	Não frequenta reuniões de FA assiduamente
Entrevistado 16 Jacinta (S. João de Deus)		√			Em FA há 18 anos

Quadro 7 – Importância atribuída às redes de parentesco, amicais dentro ou fora das FA ou um misto de redes

Anexo G – Genealogias-tipo dos entrevistados

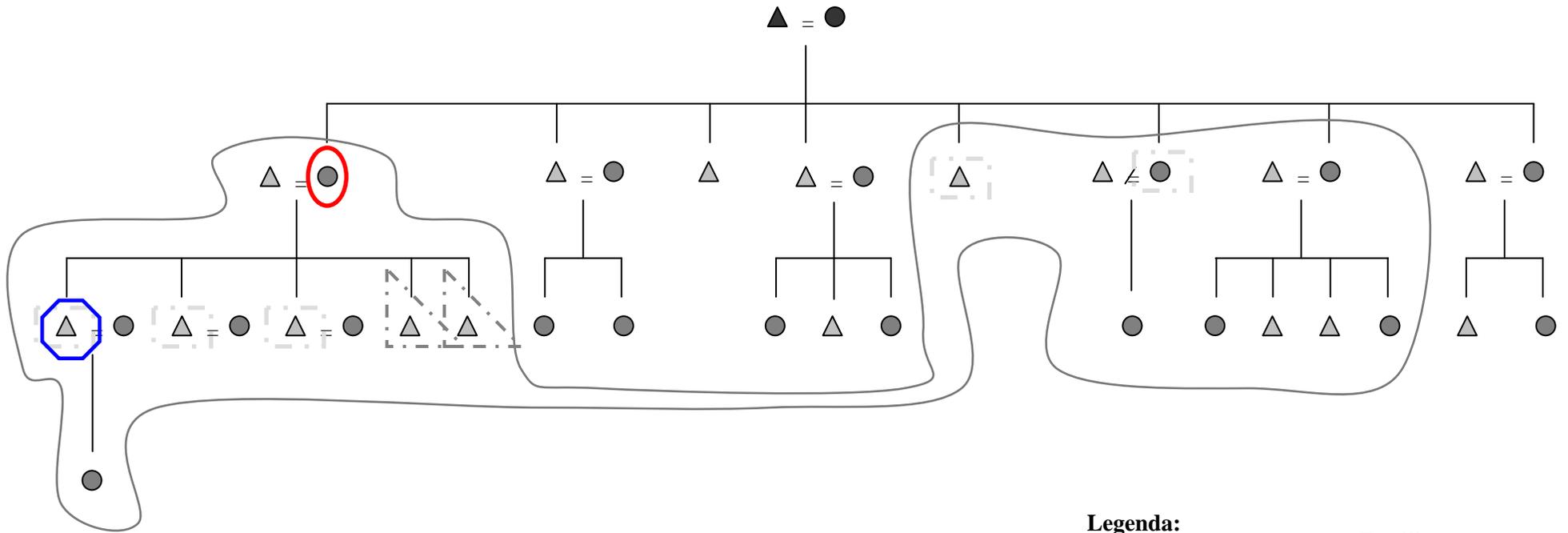


Figura 3 – Genealogia de Anita (redes lassas)

Legenda:

● ▲ Familiares mortos



Adicto



Ego



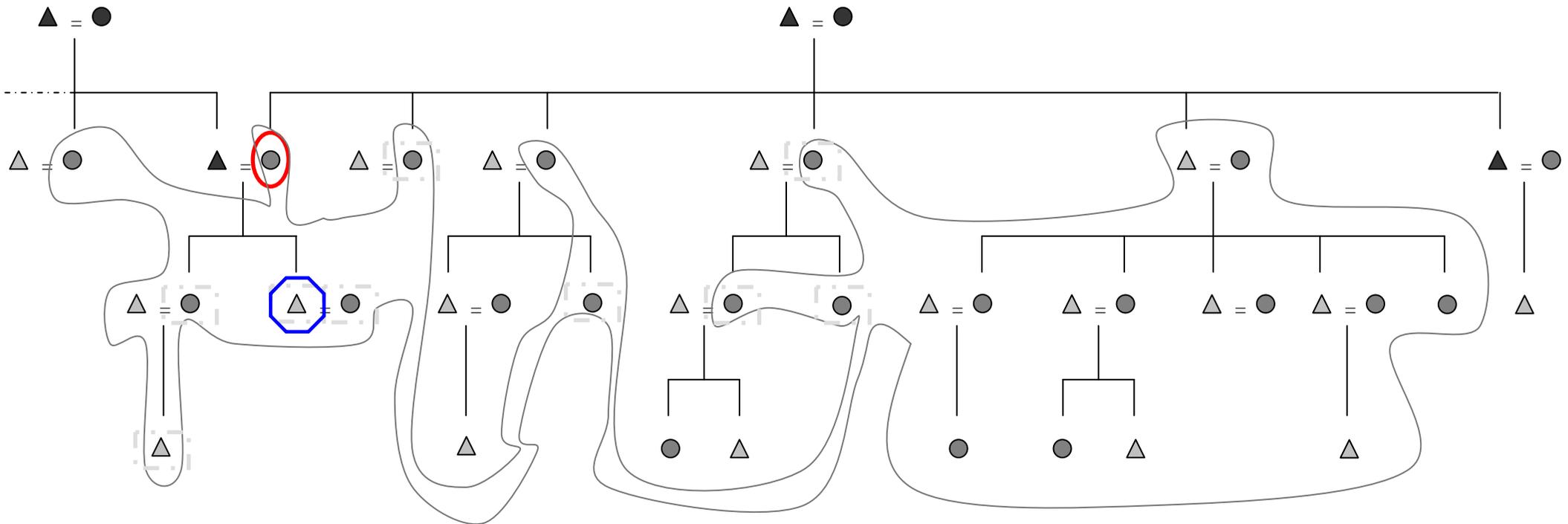
Mais próximos



Daqueles com quem vive com quem convive mais?



Dos restantes membros da família com quem convive mais?



Legenda:

● ▲ Familiares mortos



Adicto



Ego



Mais próximos



Daqueles com quem vive com quem convive mais?



Dos restantes membros da família com quem convive mais?

Figura 4 – Genealogia de Amália (redes casualistas)

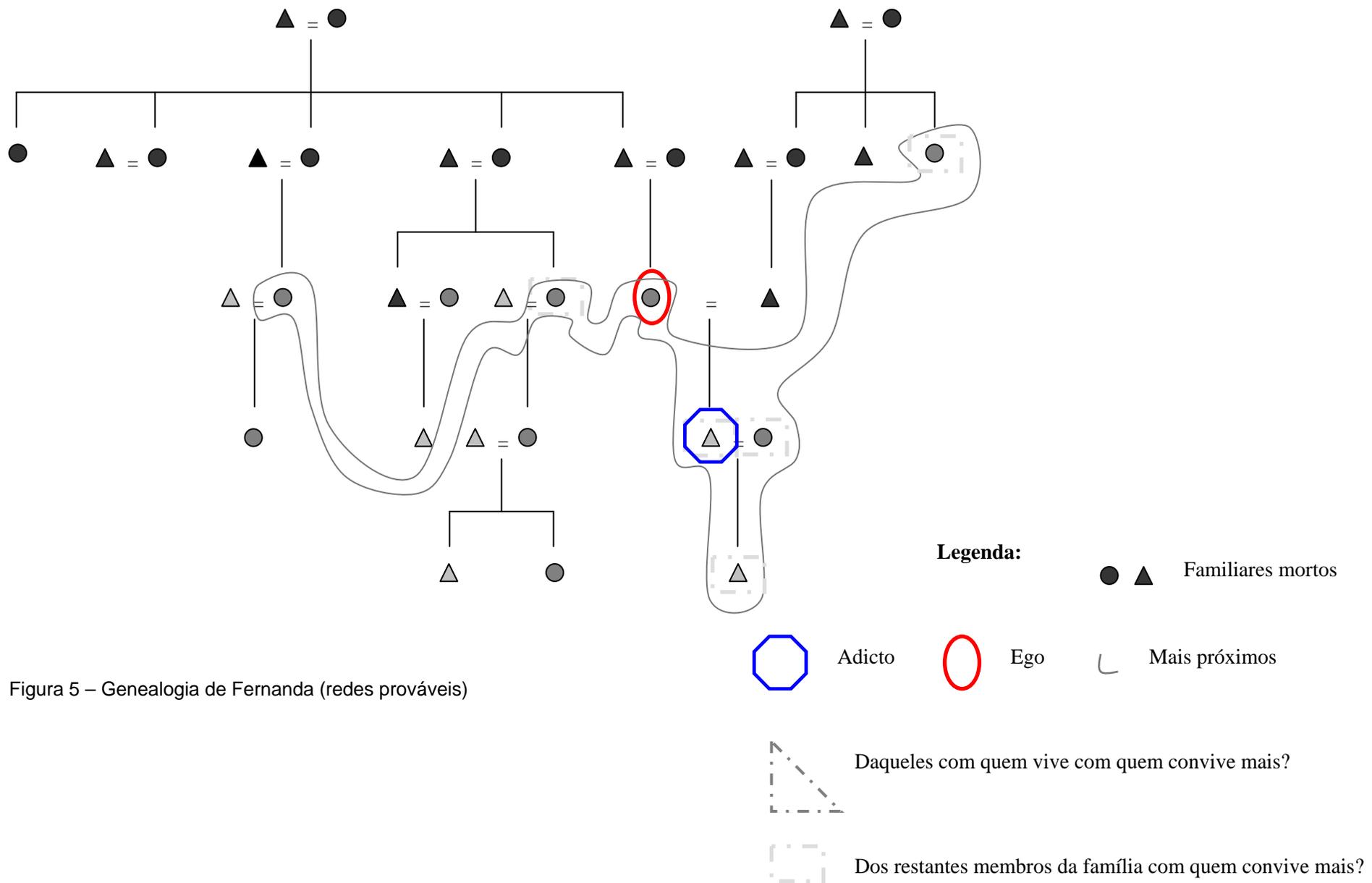


Figura 5 – Genealogia de Fernanda (redes prováveis)

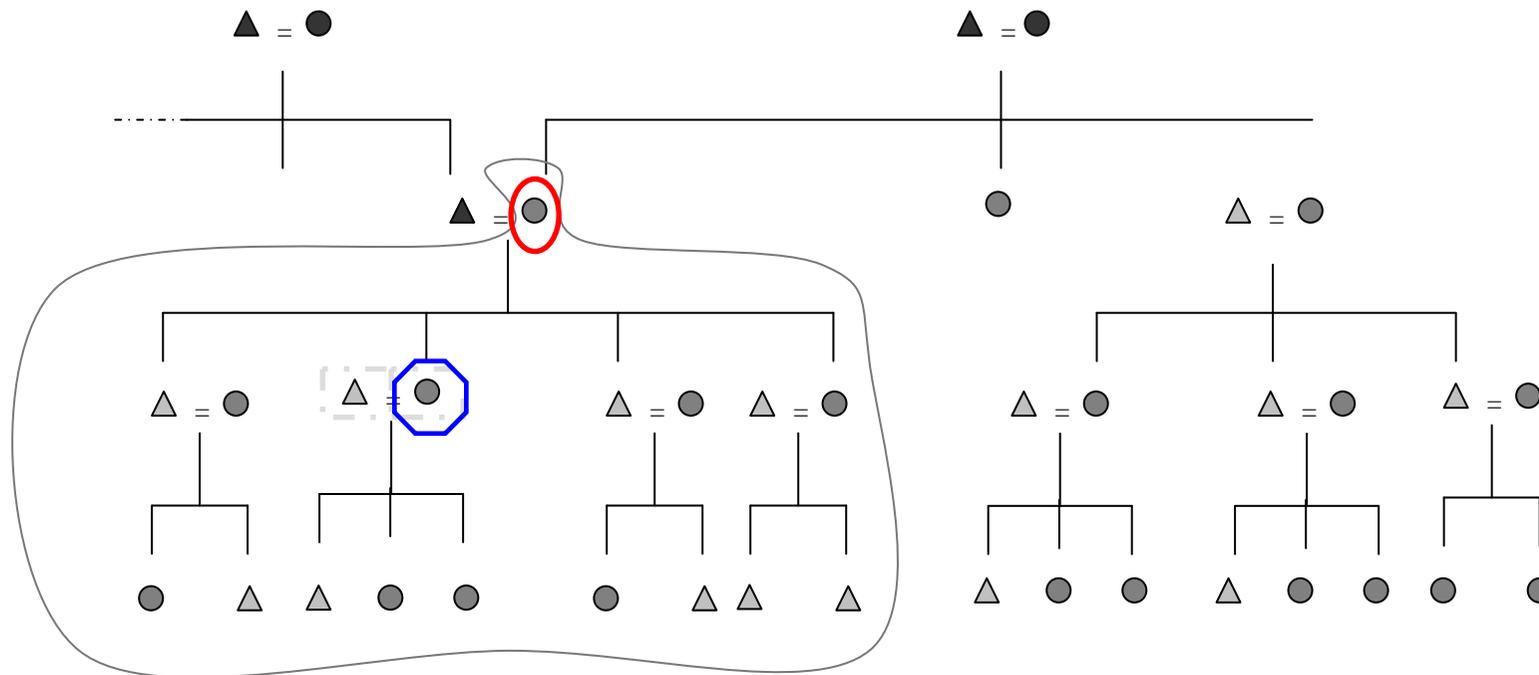


Figura 6 – Genealogia de Cláudia (redes imediatistas)

Legenda:

● ▲ Familiares mortos



Adicto



Ego



Mais próximos



Daqueles com quem vive com quem convive mais?



Dos restantes membros da família com quem convive mais?

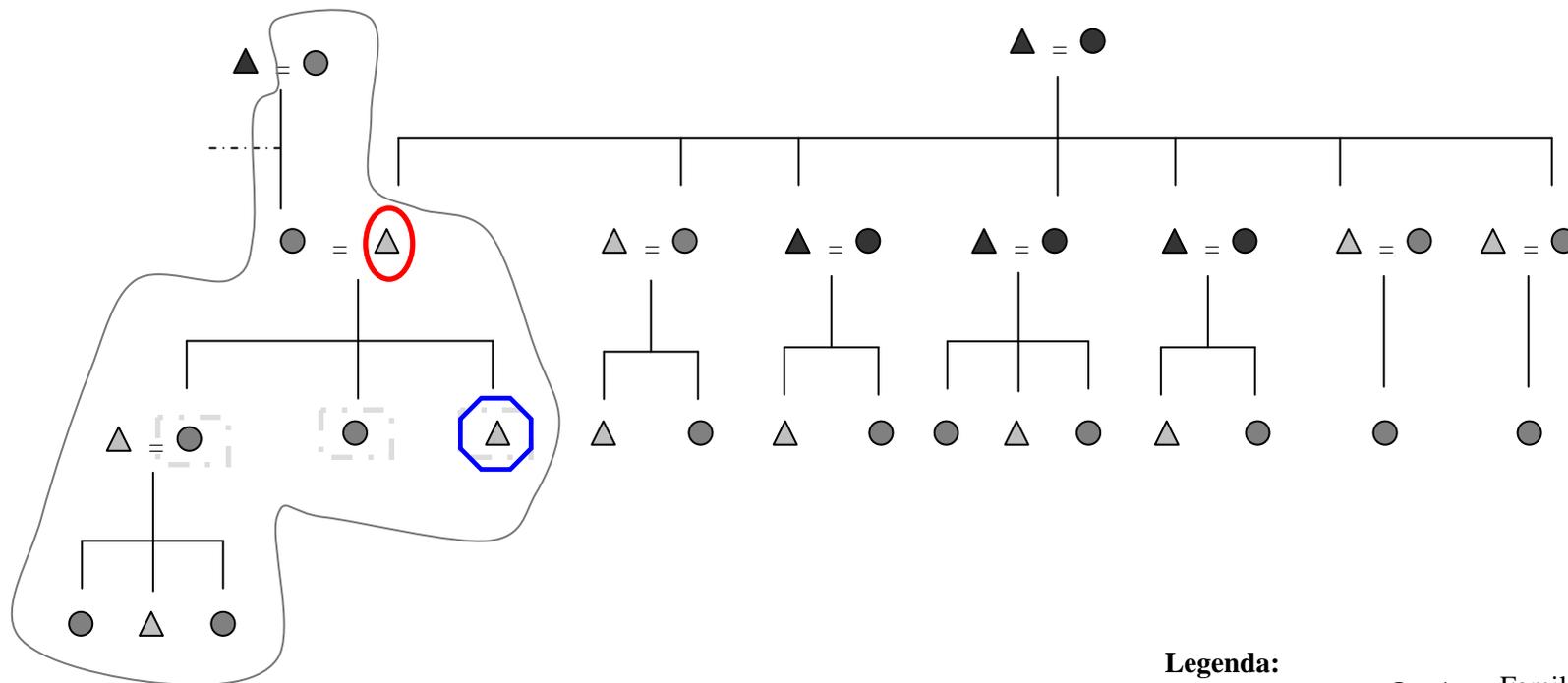


Figura 7 – Genealogia de Filipe (redes expressivas)

Legenda:

● ▲ Familiares mortos



Adicto



Ego



Mais próximos

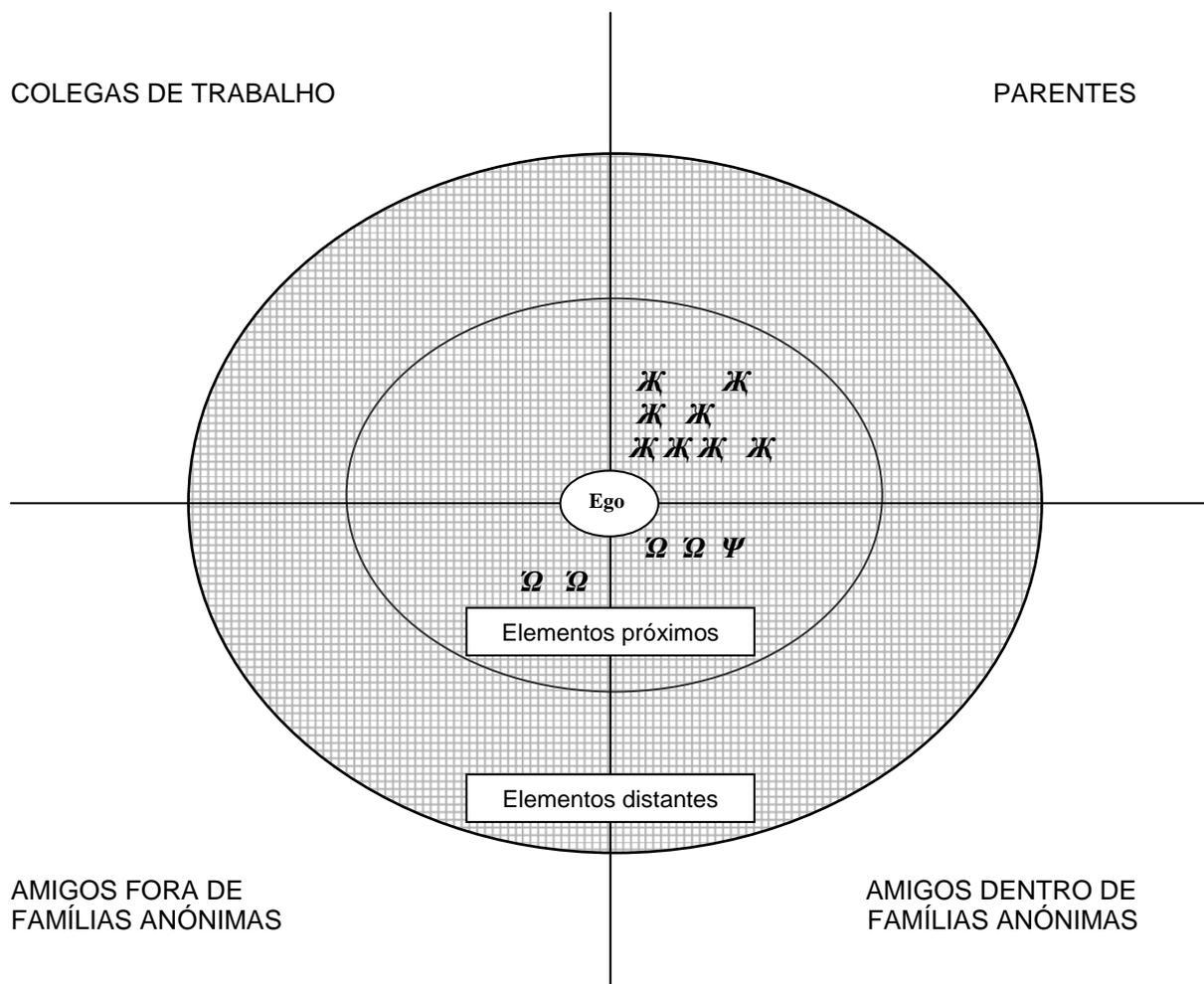


Daqueles com quem vive com quem convive mais?



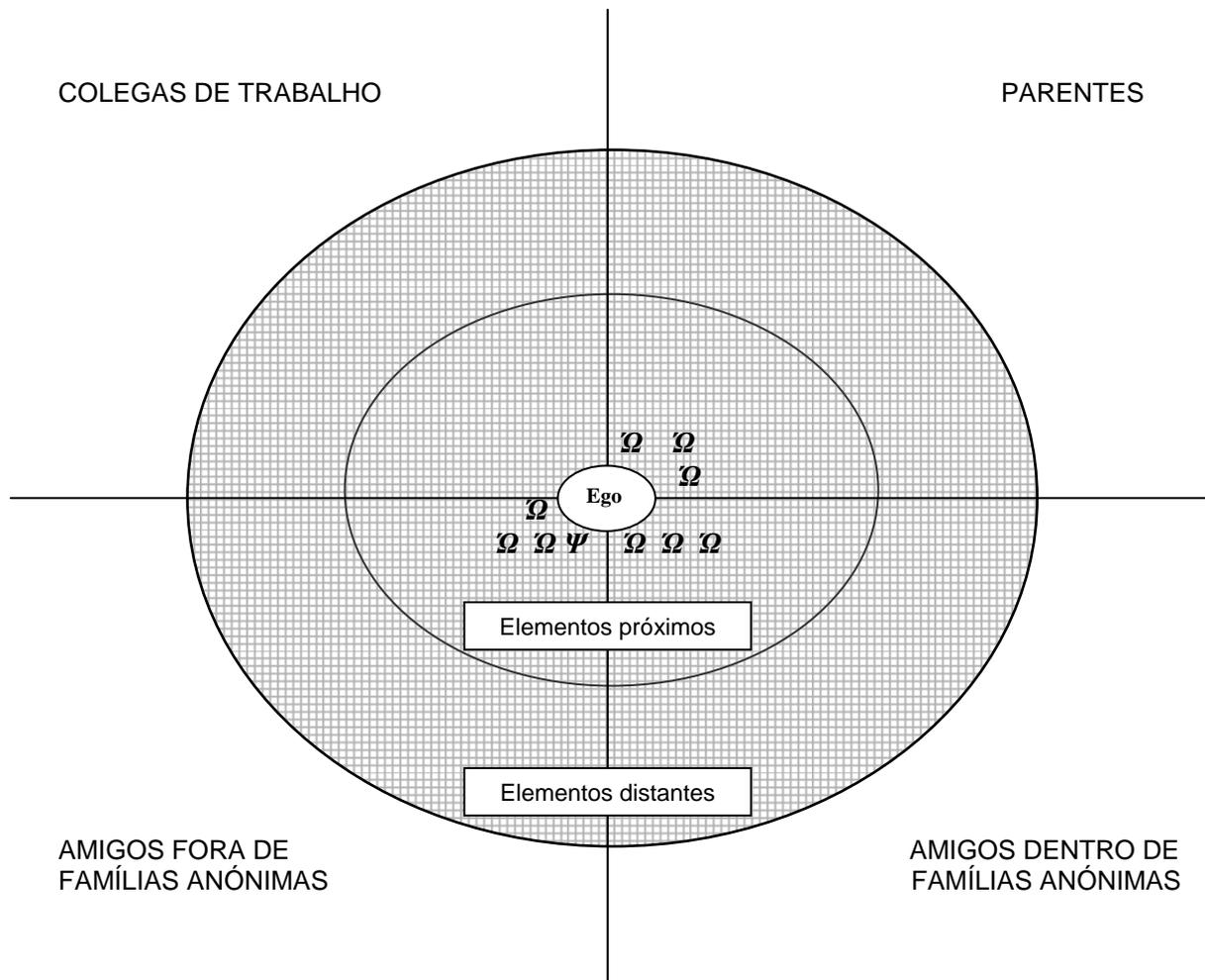
Dos restantes membros da família com quem convive mais?

Anexo H – Mapas das redes-tipo dos entrevistados



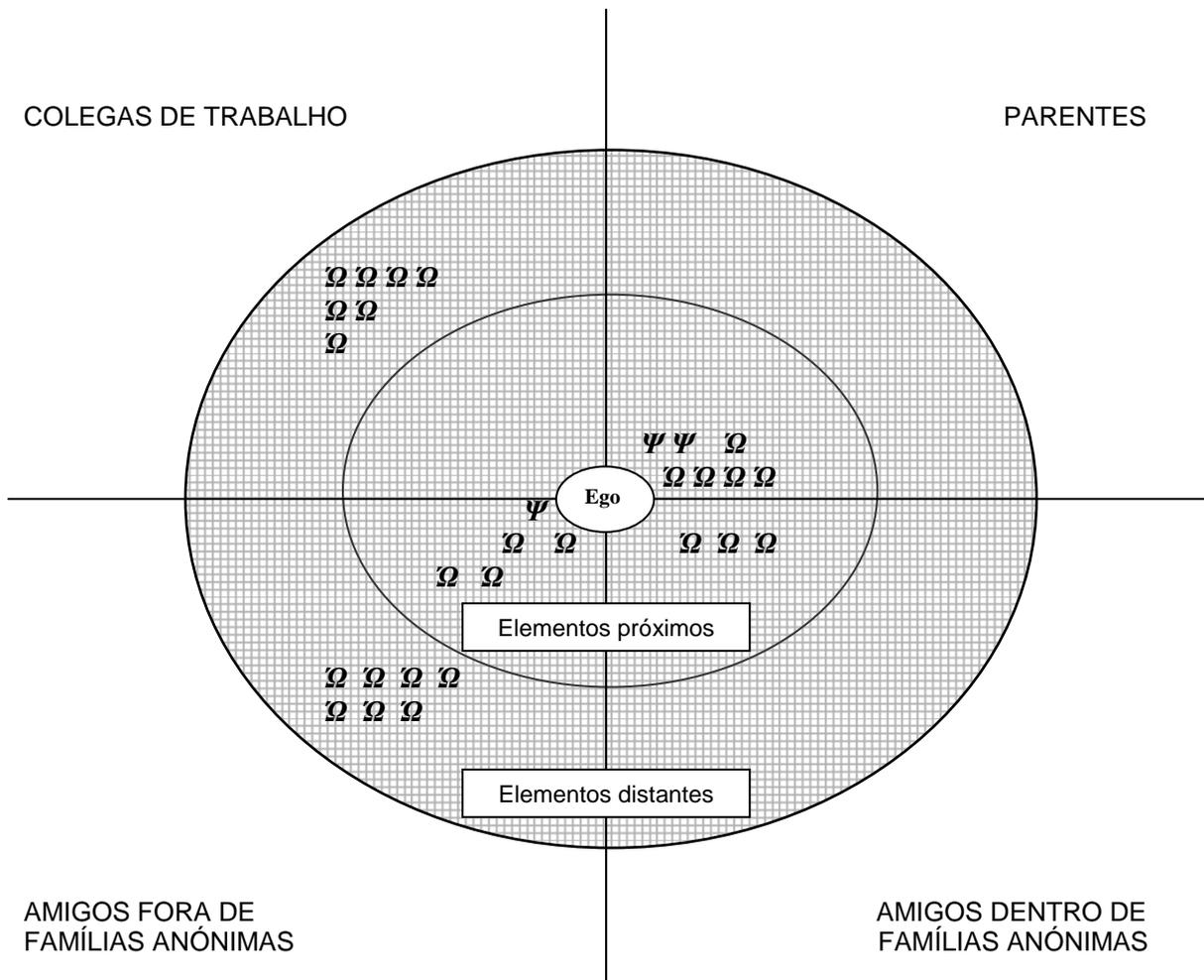
Legenda:	Ж	Não foram referidas ajudas
	Ω	Redes de pequenas ajudas simbólicas
	Ψ	Redes de grandes ajudas simbólicas
	Ó	Redes de grandes ajudas materiais

Figura 8 – Mapa das redes sociais de Anita (redes lassas)



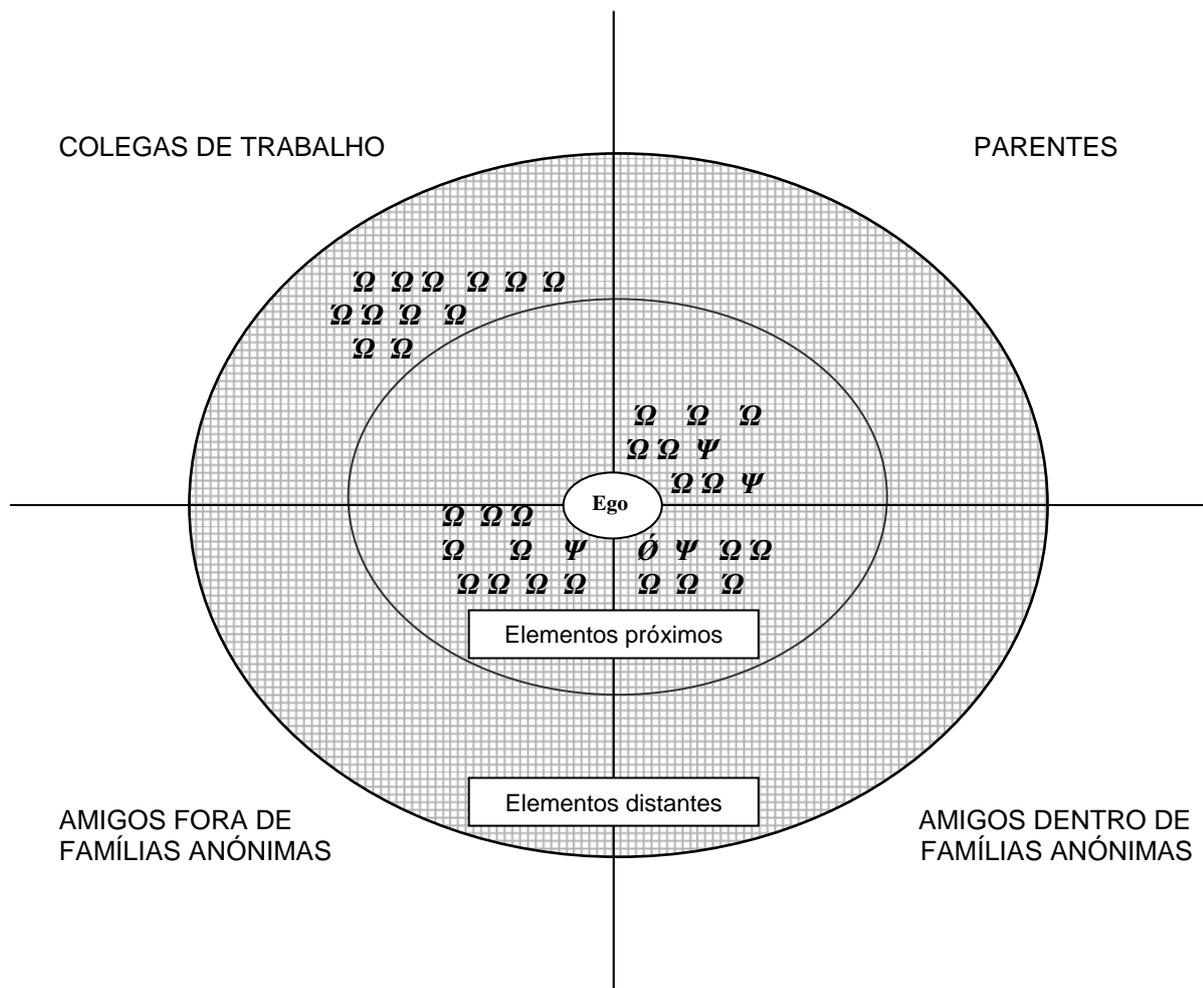
Legenda:	⌘	Não foram referidas ajudas
	Ω	Redes de pequenas ajudas simbólicas
	Ψ	Redes de grandes ajudas simbólicas
	∅	Redes de grandes ajudas materiais

Figura 9 – Mapa das redes sociais de Rosário (redes casualistas)



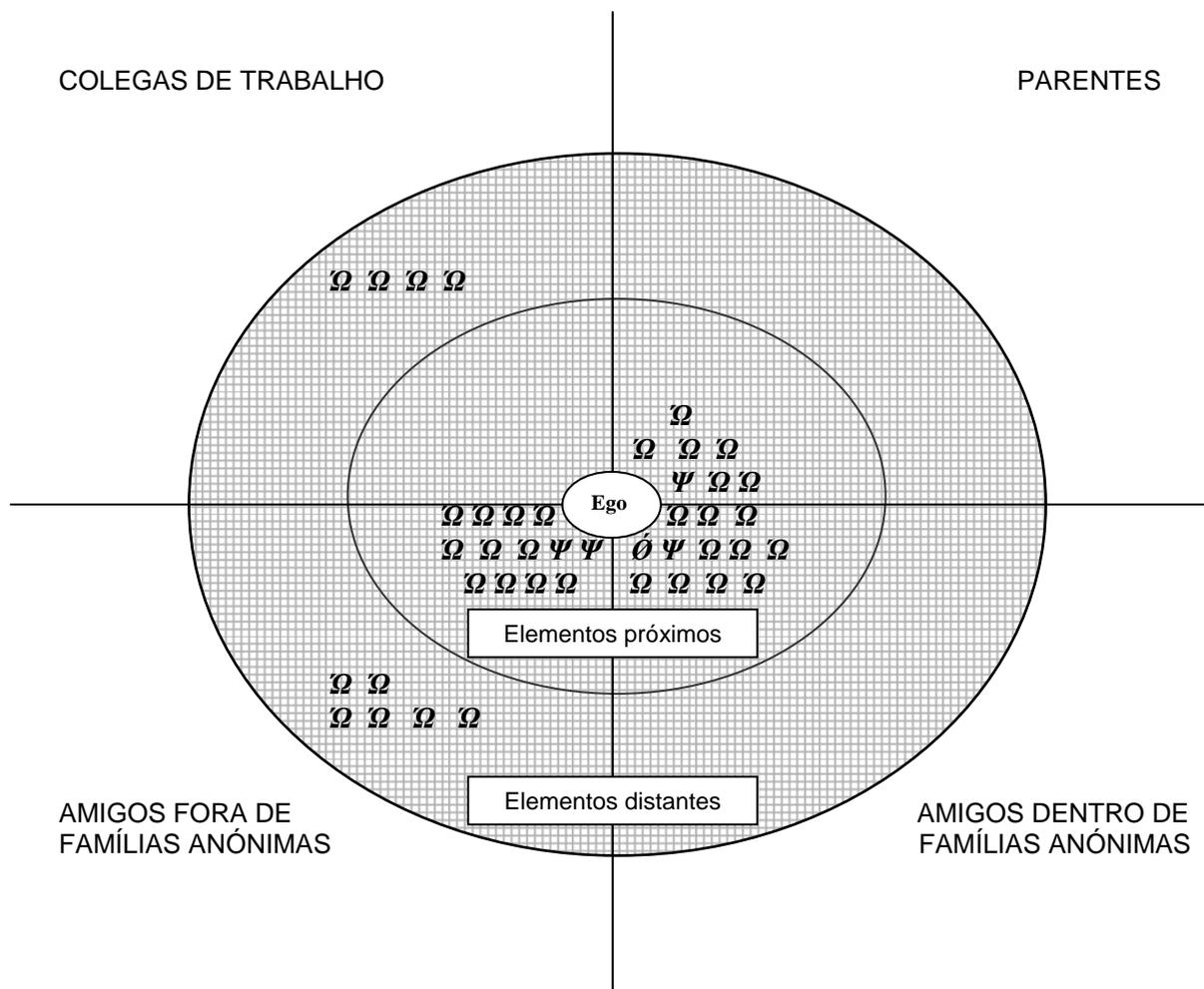
Legenda:	\mathcal{K}	Não foram referidas ajudas
	Ω	Redes de pequenas ajudas simbólicas
	Ψ	Redes de grandes ajudas simbólicas
	\acute{O}	Redes de grandes ajudas materiais

Figura 10 – Mapa das redes sociais de Raquel (redes prováveis)



Legenda:	X	Não foram referidas ajudas
	Ω	Redes de pequenas ajudas simbólicas
	Ψ	Redes de grandes ajudas simbólicas
	Ó	Redes de grandes ajudas materiais

Figura 11 – Mapa das redes sociais de Natália (redes imediatistas)

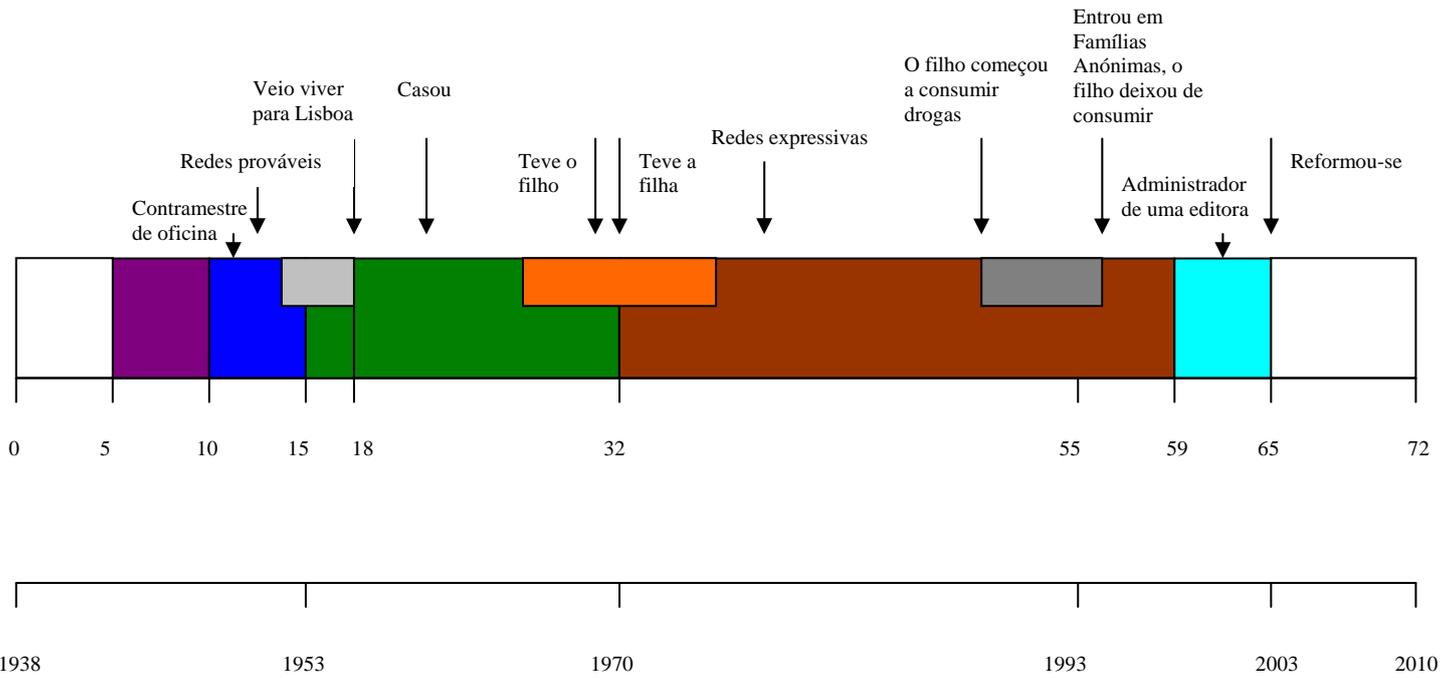


Legenda:	⌘	Não foram referidas ajudas
	Ω	Redes de pequenas ajudas simbólicas
	Ψ	Redes de grandes ajudas simbólicas
	Ó	Redes de grandes ajudas materiais

Figura 12 – Mapa das redes sociais de Filipe (redes expressivas)

Anexo I – Linhas da vida-tipo dos entrevistados

Linha da vida de Ricardo



Linha da vida de Cláudia

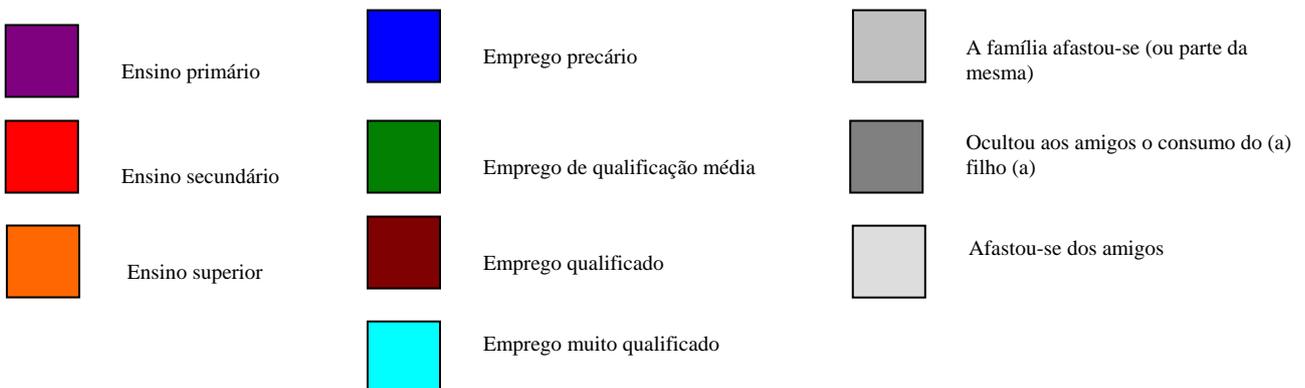
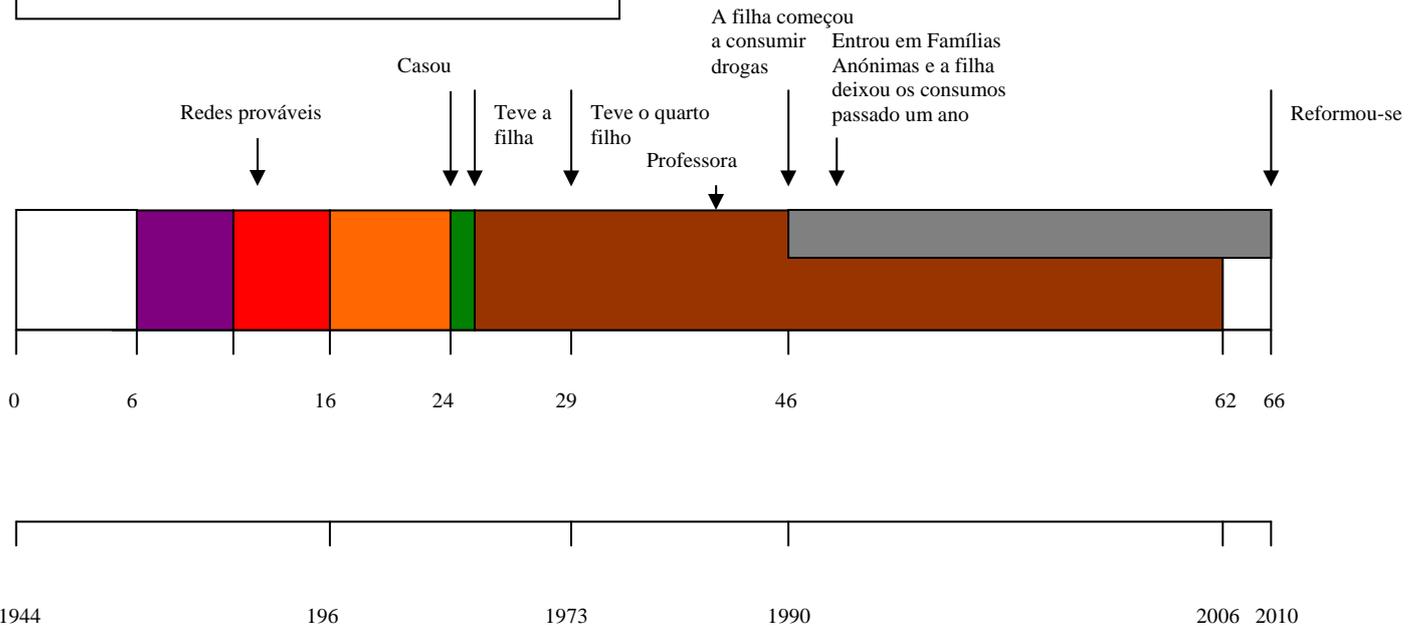


Figura 13 – Linhas da vida de elementos com reconfigurações de vinculação forte (no topo) e de vinculação média (em baixo)

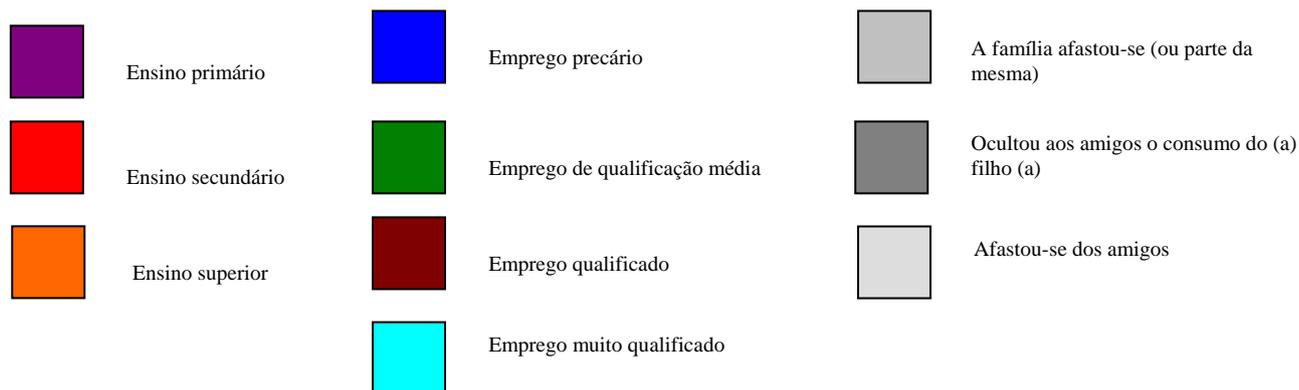
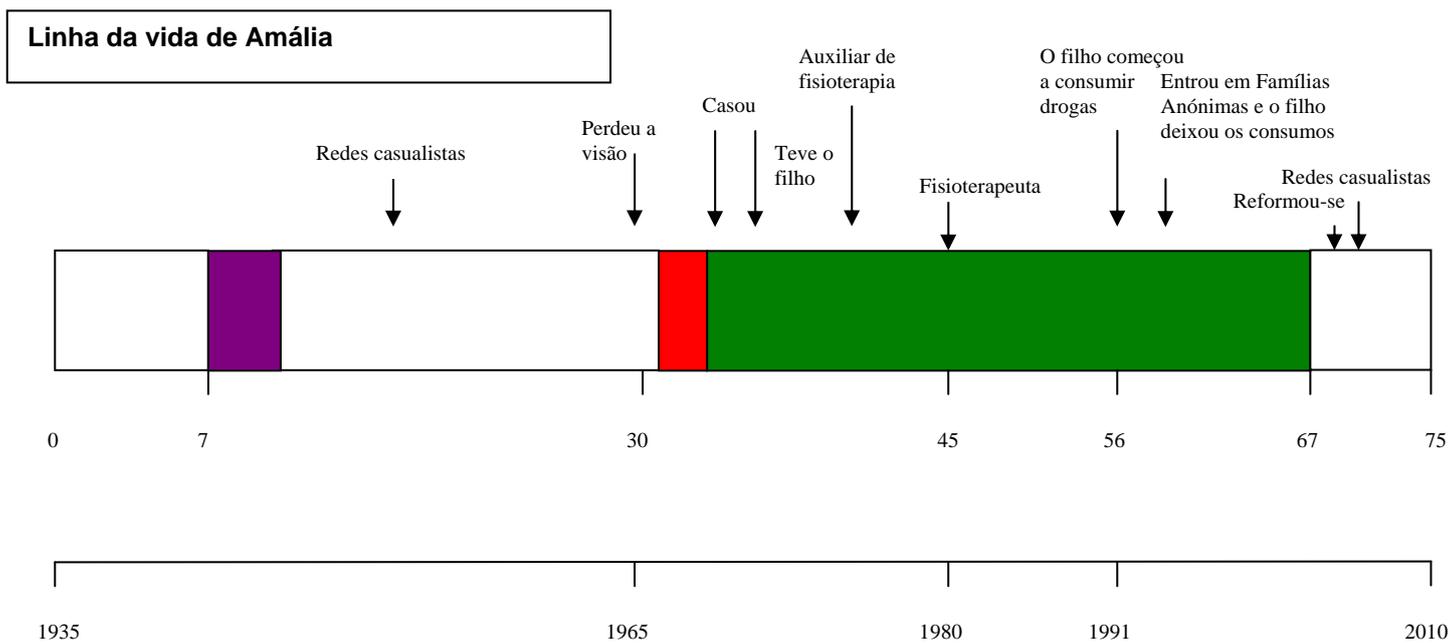
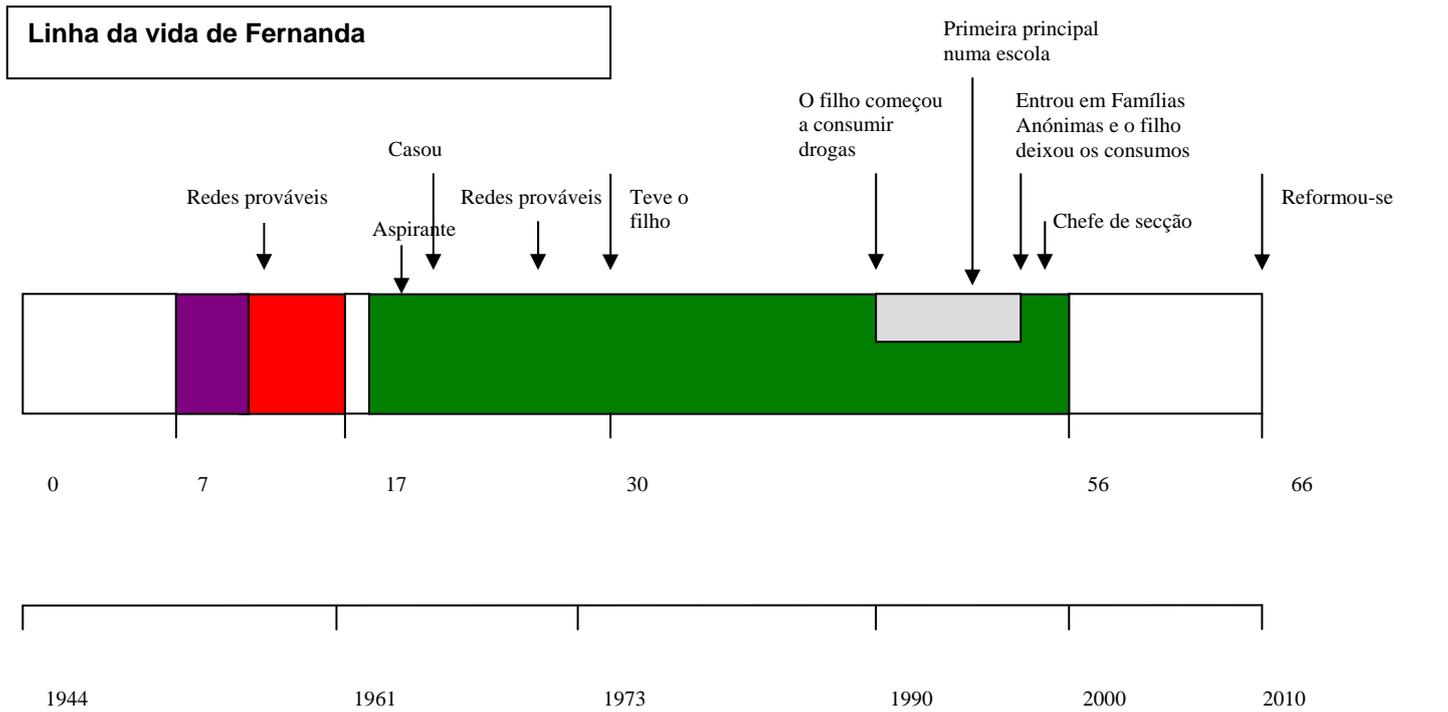


Figura 14 – Linhas da vida de elementos com reconfigurações de padrão semi-mantido (no topo) e contingentes (em baixo)

Linha da vida de Francisca

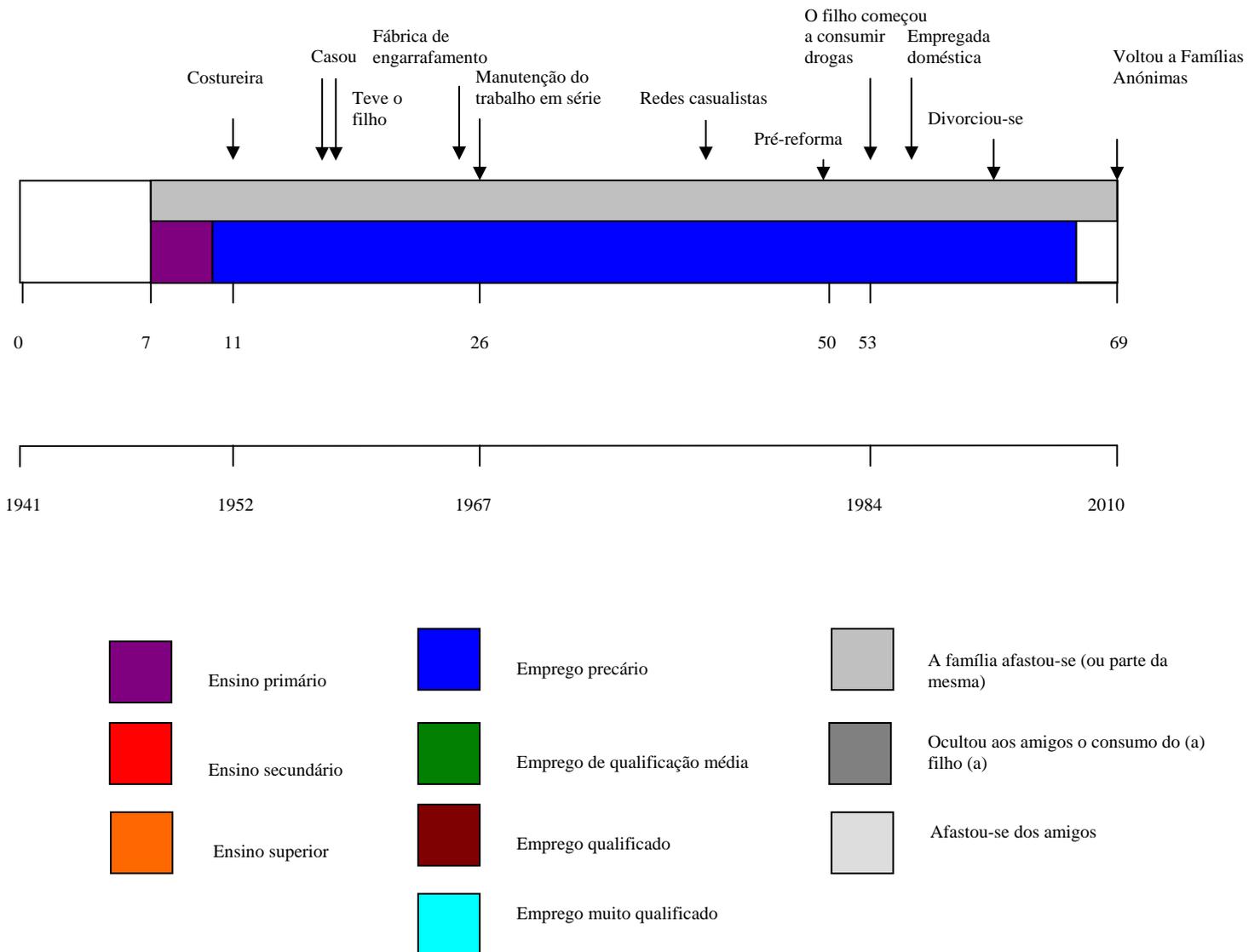


Figura 15 – Linha da vida de elemento com reconfigurações de estigmatização



Europass-Curriculum Vitae

Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s) **Ramos, Carla**
Morada(s) Rua dos Arneiros, 96, 6º Dto, 1500-060 Lisboa, Portugal
Telefone(s) (351) 217162746 Telemóvel: (351) 967209044
Correio(s) electrónico(s) carla_amos@live.com.pt
Nacionalidade Portuguesa
Data de nascimento 27/09/1971
Sexo Feminino

Emprego pretendido / Área funcional

Dissertação de Mestrado em Família e Sociedade

Experiência profissional

Datas	2010
Função ou cargo ocupado	Observador participante no âmbito da dissertação de mestrado
Principais actividades e responsabilidades	<ul style="list-style-type: none">◦ Assistir a reuniões de Famílias Anónimas◦ Assistir à 19ª Convenção de Famílias Anónimas em Fátima◦ Entrevistar (informal e formalmente) muitos dos intervenientes e interagir com aqueles
Nome e morada do empregador	Famílias Anónimas
Tipo de empresa ou sector	Grupo de auto-ajuda
Datas	2004
Função ou cargo ocupado	Observador participante passivo e participante no âmbito do projecto de licenciatura
Principais actividades e responsabilidades	<ul style="list-style-type: none">◦ Assistir à Convenção de Narcóticos Anónimos "Voltar às Bases"◦ Interagir com alguns membros de Narcóticos Anónimos e Famílias Anónimas
Nome e morada do empregador	Narcóticos Anónimos
Tipo de empresa ou sector	Grupo de auto-ajuda
Datas	2003
Função ou cargo ocupado	Observador participante passivo e participante no âmbito do projecto de licenciatura
Principais actividades e responsabilidades	<ul style="list-style-type: none">◦ Assistir às reuniões de Narcóticos Anónimos e Famílias Anónimas◦ Interagir com alguns e muitos dos intervenientes e fazer entrevistas informais e formais
Nome e morada do empregador	Narcóticos Anónimos e Famílias Anónimas, respectivamente
Tipo de empresa ou sector	Grupos de auto-ajuda
Educação e formação	
Datas	2010
Designação da qualificação atribuída	Frequência do 2º ano do mestrado <i>Família e Sociedade</i>
Principais disciplinas/competências profissionais	<i>Sociologia da Família: teorias e debates, Família e Gerações, Família e Trabalho, Sociologia do género, Pesquisa de Terreno /trabalhar sociologicamente a temática família e sociedade</i>
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)
Datas	2009

Designação da qualificação atribuída	Frequência dos cursos de utilização fundamental e avançada de <i>Microsoft Access</i>
Principais disciplinas/competências profissionais	<i>Microsoft Access/domínio avançado de Microsoft Access</i>
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Rumos
Datas	2008
Designação da qualificação atribuída	Frequência dos cursos de utilização avançada de <i>Microsoft Excel, Microsoft Word</i> e utilização completa de <i>SPSS</i>
Principais disciplinas/competências profissionais	<i>Microsoft Excel, Microsoft Word e SPSS /domínio avançado de Microsoft Excel, Microsoft Word e domínio completo de SPSS</i>
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Rumos e Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA)
Datas	2007
Designação da qualificação atribuída	Frequência do curso de utilização completa de <i>Microsoft PowerPoint</i>
Principais disciplinas/competências profissionais	<i>Microsoft PowerPoint/domínio completo de Microsoft PowerPoint</i>
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Flag
Datas	2007
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em <i>Sociologia</i>
Principais disciplinas/competências profissionais	<i>Matemática e Estatística para as Ciências Sociais, Métodos e Técnicas I e II, Teorias Sociológicas I e II, Análise de Dados para as Ciências Sociais, Seminário de Investigação/saber fazer sociologia</i>
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)
Nível segundo a classificação nacional ou internacional	Média de licenciatura – 13 valores Projecto de licenciatura – 17 valores Nota - O júri considerou que a investigação efectuada consubstancia matéria bastante para uma dissertação de mestrado ou de doutoramento.

Aptidões e competências pessoais

Língua(s) materna(s) **Português**

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação

Nível europeu ()*

Inglês e Francês

Espanhol

Compreensão				Conversaço				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
C2	Utilizador experiente	C2	Utilizador experiente	C2	Utilizador experiente	C2	Utilizador experiente	C2	Utilizador experiente
C1	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente	B1	Utilizador independente	B1	Utilizador independente	A2	Utilizador elementar

(*) *Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)*

Nota – Frequência do 6º nível na Alliance Française e do First Certificate na Cambridge School

Aptidões e competências sociais

Capacidade de trabalho com comunidades estigmatizadas e outras apreendida durante as pesquisas de terreno efectuadas e discutidas nos contextos da licenciatura e do mestrado

Aptidões e competências de organização

Capacidade para trabalhar em equipa e autonomamente desenvolvidas no cumprimento da licenciatura e do mestrado

Aptidões e competências informáticas

Domínio avançado do *Microsoft Office*, domínio completo do *Statistical Package of Social Sciences* e algum domínio do *Adobe Photoshop* e do *Ucinet*

Outras aptidões e competências

Prática intensiva de *Yôga, Natação, Tai-chi-chuan, Hidro-ginástica e Danças Brasileiras e Orientais*